

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Nº 462 | Ano XV
30/03/2015

ISSN 1981-8769
(impresso)
ISSN 1981-8793
(online)

Creio...

Telma Monteiro: “O outro é aquele que disputa comigo o direito de se impor”

Carolina Duarte: “Então, ainda hoje, eu creio que sou pequena e sou parte de algo maior que me cuida”

André Vallias: Uma provocativa reflexão a partir de poesias visuais que refletem sobre as questões de fundo desta edição

Carlos Zeron:
Companhia de
Jesus - Desafios da
modernidade no Brasil
Colonial

Diego de Carvalho:
Os “Processos
Midiáticos da
Multidão”, reflexões
sobre o jornalismo

Luigi Perissinotto:
“Não se busca o
sentido do mundo
como se pesquisa
uma nova espécie”

Creio...

Em que você acredita? O que você espera? Estas duas questões, aparentemente banais, sem importância, ganham outros contornos quando se abrem os ouvidos somente para ouvir, sem julgamentos. A presente edição da **IHU On-Line** convidou um conjunto de pessoas para responder a estas duas provocações, reunindo depoimentos de um jovem estudante de economia que vive no interior do Rio Grande do Sul, passando pela poesia visual do eixo Rio-São Paulo e chegando ao Norte do país, com a fala do Bispo do Pará.

Esta edição traz os depoimentos de **Telma Monteiro**, pesquisadora independente e especialista em análises de processos de licenciamento ambiental e social; **Dom Erwin Kräutler**, Bispo do Xingu; **Henrique Cortez**, consultor e editor do portal EcoDebate e da revista Cidadania & Meio Ambiente; **Ivone Gebara**, feminista e ecofeminista integrante da Congregação das irmãs de Nossa Senhora; **Lino Schaefer** e **Omar Reis**, motoristas da Unisinos; **Faustino Teixeira**, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF; **Carolina Duarte**, doutoranda em Ciência

da Religião pela UFJF; **André Vallias**, poeta, designer gráfico e produtor de mídia interativa; **Pedro Oliveira**, sociólogo, professor aposentado da UFJF e da Pontifícia Universidade Católica - PUC-Minas; **Luiz Mott**, ativista social da Bahia; **Luiz Augusto Farofa da Silva**, professor da rede pública estadual de ensino na periferia de Canoas - RS; **Matheus Nienow**, natural de Bom Princípio - RS e acadêmico de Ciências Econômicas na Unisinos e **Karin Wondracek**, doutora em Teologia pelas Faculdades EST.

Complementam esta edição as entrevistas com **Carlos Zeron**, professor na Universidade de São Paulo, sobre os tensionamentos entre jesuítas e colonos na modernidade brasileira; **Luigi Perissinotto**, professor na Universidade Cá Foscari, em Veneza, na Itália, sobre Wittgenstein; e **Diego de Carvalho**, mestre e doutorando em Comunicação Social pela Unisinos, que debate o livro *Processos Midiáticos da Multidão* (Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2014).

Leia também as reportagens sobre, com **Iuri Andreas Reblin**, sobre "Homilia Pop" e **Demétrio de Freitas Xavier**, sobre a Misa Criolla.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!



Foto: Stefano Corto/Flickr - Creative Commons

IHU ON-LINE

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da **IHU On-Line** é *copyleft*.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br)

Jornalistas

João Vitor Santos - MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)

Márcia Junges - MTB 9.447/RS
(mjunges@unisinos.br)

Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Ricardo Machado - MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico

Ricardo Machado

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do sítio

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Fernanda Forner e Nahiene Machado.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950
São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128

e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling

Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br)

Sumário

Destaques da Semana

- 6 Destaques On-Line
- 8 Linha do Tempo
- 10 Luigi Perissinotto: “Não se busca o sentido do mundo como se pesquisa uma nova espécie de orquídea”
- 14 Carlos Zeron: Companhia de Jesus - Desafios da modernidade no Brasil Colonial
- 20 Iuri Andreas Reblin: “Homilia pop”: da história de Jesus aos ícones na narrativa de Superman
- 22 Demétrio Xavier: Misa Criolla, o cristianismo latino na sonoridade do Sul da Terra
- 24 Diego de Carvalho: Os “Processos Midiáticos da Multidão” e uma reflexão sobre um outro jornalismo

Tema de Capa

- 30 Telma Monteiro
- 31 Dom Erwin Kräutler
- 32 Henrique Cortez
- 34 Ivone Gebara
- 38 Lino Schaefer
- 40 Omar Reis
- 42 Faustino Teixeira
- 44 Carolina Duarte
- 46 André Vallias
- 48 Pedro A. Ribeiro de Oliveira
- 50 Luiz Mott
- 54 Luiz Augusto Farofa da Silva
- 56 Matheus Nienow
- 58 Karin Wondracek

IHU em Revista

- 64 Agenda de Eventos
- 66 Faustino Teixeira - Jackes Dupuis: a honradez de uma teologia livre
- 71 Publicações
- 73 Sala de cinema - O presente sem sombras e o Alzheimer em ‘Para sempre Alice’
- 74 Sala de leitura
- 75 Retrovisor

Siga nossas Redes Sociais

Facebook

Pesquise pessoas, locais e coisas

Página inicial 20+ Publicar

Instituto Humanitas Unisinos
14.517 curtiram · 3.350 falando sobre isso

Mídia/Notícias/Publicação
Instituto Humanitas Unisinos - IHU, São Leopoldo/RS
Visite nosso site: <http://www.ihu.unisinos.br/>
Para entrar em contato, envie e-mail para:
Sobre - Sugerir uma edição

Fotos Opções "Curtir" 14.517 Eventos Promoções

Twitter

IHU @ihu 3 h
'Advogado é custo, engenheiro é produtividade', diz Dilma Rousseff em Nova York bit.ly/19GKvX9
Expandir

IHU @ihu 3 h
Sementes Nativas, Garantia de Futuro: Carta de Mandirituba bit.ly/16EwS1h
Expandir

IHU @ihu 3 h
O fascínio discreto de Póncio Pilatos. Artigo de Giorgio Agamben bit.ly/1h7ZFKF
Com a imagem correta. pic.twitter.com/G0cZJc2y8B
Ver foto

IHU @ihu 3 h
Qual código de ética é lecionado na faculdade de administração de Harvard? bit.ly/16EwNdK
Expandir

Blog

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

Ativistas do Greenpeace estão presos na Rússia

Dois ativistas do Greenpeace estão presos no norte da Rússia, em meio às negociações para a liberação dos prisioneiros. O grupo de ativistas se opõe à exploração de petróleo no Ártico. A Rússia já não tolera mais os ativistas e os cidadãos que se opõem à exploração de petróleo no Ártico. O grupo de ativistas se opõe à exploração de petróleo no Ártico. O grupo de ativistas se opõe à exploração de petróleo no Ártico.

Instagram

_ihu Instituto Humanitas Unisinos

29 posts 70 seguidores 33 publicações

 bit.ly/ihuon
 twitter.com/_ihu

 instagram.com/_ihu
 unisinos.br/blogs/ihu

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Destques da Semana

Destques On-Line

Entrevistas publicadas entre os dias 24-03-2015 e 27-03-2015 no sitio do IHU.

A crise não é mortal. Presidente é fraca e dependente de Lula.

Entrevista com Francisco de Oliveira, cientista social e professor aposentado do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo - USP.

Publicada em: 27-03-2015

Acesse o link: <http://bit.ly/1D5tsLp>

Na avaliação de Chico de Oliveira, a atual crise brasileira “não é uma surpresa” e tampouco diz respeito a uma crise política ampla. Ao contrário, é “uma crise devido ao fato de que a Dilma é uma presidente fraca. Mas também não se trata de uma crise mortal”. Na entrevista, ainda destaca que em seu segundo mandato, Dilma está “pagando o preço de ser uma candidata dependente do Lula” e de não ter “base própria”. Ao comentar a atual conjuntura política, é categórico: “Nós deveríamos aprender para nunca mais repetirmos esse estilo mexicano de que um candidato que está na presidência deve apontar seu sucessor. Isso não dá certo no Brasil e não devemos deixar o Lula ou qualquer outro repetir essa situação”.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Crise política e o retorno da tese “ajustar para depois crescer”

Entrevista com Vanessa Petrelli, economista, mestre em Economia pela Universidade de Brasília, doutora em Teoria Econômica pela Universidade Estadual de Campinas. É Professora Associada da Universidade Federal de Uberlândia.

Publicada em: 26-03-2015

Acesse o link: <http://bit.ly/1GrUrAa>

Compreender a atual conjuntura brasileira “envolve a compreensão não só dos rumos do país nos anos anteriores, como também da dinâmica mundial”, ressalta Vanessa Petrelli. Segundo ela, hoje a crise brasileira é entendida a partir de duas posições antagônicas entre aqueles que defendem que o Estado gastou demais, mas é possível recuperar os investimentos e garantir o desenvolvimento de políticas públicas, e aqueles que defendem que o desequilíbrio econômico foi causado pelos gastos estatais e a única maneira de solucionar a situação é por meio de ajustes. A economista ainda explica o que considera serem as reais razões que motivaram o atual ajuste fiscal e aposta numa perspectiva positiva após a crise.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Ausência de coesão política impede projeto de desenvolvimento brasileiro.

Entrevista com David Kupfer, mestre em Economia da Indústria e da Tecnologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e doutor em Economia pela mesma universidade, professor Associado do Instituto de Economia da UFRJ e editor da Revista de Economia Contemporânea.

Publicada em: 25-03-2015

Acesso o link: <http://bit.ly/1FF6kDU>



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

A “raiz de todos os problemas” brasileiros é a “disputa imediatista” de diversos grupos da sociedade, que impedem a construção de um projeto de desenvolvimento. A tese é de David Kupfer. Na entrevista, esclarece que a economia brasileira passou por “períodos razoáveis de estabilidade desde o Plano Real”, além de “períodos com robustez macroeconômica e, portanto, teríamos condições de fazer um plano de voo”. Contudo, frisa, um projeto de desenvolvimento tem se tornado impossível porque “é difícil”, no país, “conduzir um processo de transformação estrutural a partir da estrutura preexistente”.

Agenda ambiental não é prioridade do Estado brasileiro

Entrevista com Carlos Rittl, mestre e doutor em Biologia Tropical e Recursos Naturais e coordenador executivo do Observatório do Clima.

Publicada em: 24-03-2015

Acesse o link: <http://bit.ly/1LSbX5h>

“Com bastante apreensão nós recebemos a notícia do desmantelamento de toda a equipe da Secretaria de Desenvolvimento Sustentável”, diz Carlos Rittl ao comentar as demissões anunciadas no início da semana passada. Segundo ele, a equipe estava desenvolvendo o estudo intitulado Brasil 2040, o qual tem como finalidade apresentar “informações relevantes” para compreender “de que forma as mudanças climáticas irão afetar o regime de chuvas e o regime hidrológico das grandes bacias do Brasil. Na sua avaliação, as demissões demonstram que “o governo não consegue compreender nem o que a realidade deveria nos impor em termos de responsabilidade”. Rittl também comenta os primeiros resultados da reunião de Genebra, onde representantes dos países participaram da primeira rodada de negociações para elaborar o texto que será discutido na COP-21, em Paris.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Linha do Tempo

A IHU On-Line apresenta seis notícias publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU no período de 23-03-2015 a 30-03-2015 relacionadas a assuntos que tiveram repercussão ao longo da semana.

Tem razão quem se revolta

“As legítimas manifestações de 15 de março caíram no engodo de construir um Outro demoníaco, aquele que acabou com o que era doce”, escreve Renato Janine Ribeiro, professor titular de Ética e Filosofia Política do Departamento de Filosofia da USP, em artigo publicado no Jornal Folha de S. Paulo, 25-03-2015.

Eis o artigo.

“On a raison de se révolter”, dizia o filósofo francês Jean-Paul Sartre no fim da vida, quando, depois de maio de 1968, se cansou de esperar que o Partido Comunista se consertasse e fez causa comum com os maoístas. Não é fácil traduzir a frase de Sartre. Seria algo como “tem razão quem se revolta”.

Mas qual razão, quanta razão? Eu diria que é a razão do sintoma: sente-se a dor, procura-se a infecção, mas queixar-se não é diagnosticar a doença, menos ainda curá-la. O último dia 15 de março foi isso. A queixa é correta, o tecido social está sofrendo, mas diagnóstico e prognóstico ficaram pela metade.

A queixa: não se aguenta mais a corrupção. O caso da Petrobras mostra uma crise grave em uma de nossas maiores empresas. Pior, uma empresa que pertence a todos nós. Muito resta a explicar, da falta de controle à pura indecência. Como o PT foi entre tolerante e participe do processo, ele se torna a bola da vez.

Leia mais em <http://bit.ly/1FUAG3P>

A parábola dos dois irmãos divorciados. Artigo de Andrea Grillo

O que pode dizer uma teologia capaz de verdadeira fidelidade criativa? Podemos realmente compreender uma “maior misericórdia” do Pai, ou estamos vinculados ao que a disciplina elaborou até agora, sem deixar saída para o “irmão mais novo”? Poderíamos continuar vivendo em uma Igreja tão condicionada pelas reservas de muitos “irmãos mais velhos”?

A opinião é do teólogo, leigo italiano, Andrea Grillo, professor do Pontifício Ateneu S. Anselmo, de Roma, do Instituto Teológico Marchigiano, de Ancona, e do Instituto de Liturgia Pastoral da Abadia de Santa Giustina, de Pádua. O artigo foi publicado na revista *Settimana*, n. 12, 22-03-2015. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Eis o texto.

Um homem tinha dois filhos. O mais velho se casou e ficou com a esposa junto do pai. O segundo, depois, também se casou e foi embora para ficar longe com a sua esposa.

Depois de algum tempo, o primeiro filho foi abandonado pela esposa e ficou sozinho. Mas ficou junto do pai, permanecendo fiel à esposa e mantendo a palavra dada, a todo o custo. O segundo filho, algum tempo depois, também entrou em crise e foi abandonado pela esposa. Depois de uma longa tribulação, ele conheceu outra mulher, uniu-se a ela e, por fim, desposou-a. Quando voltou para junto do pai, temendo ser julgado por ele como indigno, foi por ele acolhido de braços abertos.

Leia mais em <http://bit.ly/1BPNicF>

O Vaticano reconhece que houve uma campanha de difamação de dom Romero

Trinta e cinco anos após o assassinato de dom Óscar Arnulfo Romero, o Vaticano reconheceu que houve uma campanha de difamação do religioso centro-americano, cuja beatificação esteve bloqueada na época de João Paulo II e que é reivindicada na nova era de Francisco, que o considera um modelo para toda a América Latina.

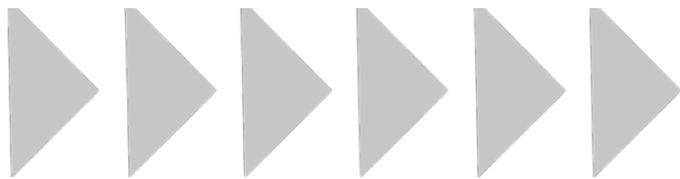
A reportagem é publicada por *Religión Digital*, 23-03-2015. A tradução é de André Langer.

Assassinado em El Salvador — enquanto presidia a missa, no dia 24 de março de 1980 — por um francoatirador contratado pela ultradireita, dom Romero foi taxado tanto nos últimos anos de sua vida como após sua morte de ser “um desequilibrado”, “um marxista”, um “títere manipulado por padres da Teologia da Libertação que escreviam para ele os inflamados sermões” contra a oligarquia, as injustiças sociais e a repressão em seu país.

Intrigas e pressões que frearam o processo de canonização de dom Romero, que, finalmente, será beatificado no próximo dia 23 de maio em sua cidade, 19 anos depois que o processo fora aberto oficialmente pelo Vaticano, em 1997.

O arcebispo italiano Vincenzo Paglia, atual presidente do Pontifício Conselho para a Família e postulador da causa de beatificação de dom Romero, reconheceu em fevereiro passado os numerosos empecilhos que o processo sofreu.

Leia mais em <http://bit.ly/1HLATs0>



A humanidade corre o risco de ficar a seco

A Califórnia, atingida por quatro anos de seca, segundo a Nasa, tem “reservas para um ano”, enquanto as faixas aquíferas estão nos níveis mínimos, escreve o jornal The Guardian.

O Brasil está vivendo a pior seca dos últimos 80 anos, tanto que, no estado de São Paulo, apenas 6% do reservatório artificial de Atibainha está cheio. No Irã, as bacias estão cheias a 40%, enquanto o lago Urmia se reduziu em 90% em uma década, e o rio Zayandeh-Rud secou.

A reportagem é de Claudia Grisanti, publicada no sítio Internazionale, 22-03-2015. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

As Nações Unidas lembram que a água é fundamental para o desenvolvimento sustentável. Sem água, não há agricultura: a atividade é responsável por 70% do consumo hídrico global.

Para produzir uma caloria de alimento, são necessários de 1 a 100 litros, e até 2050 a produção alimentar deverá aumentar em 60% para saciar toda a população mundial.

A água também é essencial para produzir energia nas usinas hidrelétricas e as centrais termelétricas. Para a higiene e a saúde, é necessário o acesso à água potável, mas 748 milhões de pessoas ainda não o têm.

Os recursos hídricos também são fundamentais para o desenvolvimento industrial, para a vida nas cidades, para a superação das desigualdades e para a conservação da natureza.

Leia mais em <http://bit.ly/1xrDZhP>

“A corrupção fede!”, diz Papa Francisco

“A corrupção fede, o mal rouba a esperança de Nápoles”, disse Francisco na manhã deste sábado, 21 de março. Invocou a acolhida e a dignidade para os migrantes, que não são cidadãos de segunda categoria. E “11 horas de trabalho por 600 euros e sem contribuição alguma para a aposentadoria... Tudo isso é escravidão, não é cristão, não devemos ficar em silêncio”. Francisco denunciou um sistema econômico que “descarta os jovens e os priva do trabalho, da possibilidade de levar o pão para casa”. E “esta falta de trabalho rouba a dignidade”. O Papa não leu um texto escrito e foi interrompido constantemente pelos aplausos da multidão. “Seu arcebispo me ameaçou, não podia não vir para Nápoles”, brincou o Pontífice argentino com os fiéis. Significativamente, Francisco começou a sua visita à cidade de Nápoles justamente pelo bairro que, em 1990 (de 09 a 13 de novembro), João Paulo II começou a sua visita à diocese partenopeia.

A reportagem é de Giacomo Galeazzi e publicada no sítio Vatican Insider, 21-03-2105. A tradução é de André Langer.

Com o passar dos anos, o Bairro de Scampia foi se convertendo em um lugar símbolo da Igreja comprometida. Em julho de 2006, o atual arcebispo de Nápoles, Crescenzo Sepe, entrou na cidade e sua primeira visita foi justamente a Scampia, bairro difícil, degradado, que se encontra na periferia ao norte de Nápoles. Francisco reuniu-se com a população local e os representantes do mundo da cultura, da legalidade, dos profissionais, da realidade do trabalho, dos marginalizados e migrantes. Tomaram a palavra um imigrante da comunidade dos filipinos na Itália, um trabalhador e o presidente da Corte de Apelação de Nápoles, Antonio Bonaiuti.

Leia mais em <http://bit.ly/1GKxvtX>

Redução no número de filhos por família é maior entre os 20% mais pobres do país

Nos últimos dez anos, o número de filhos por família no Brasil caiu 10,7%. Entre os 20% mais pobres, a queda registrada no mesmo período foi 15,7%. A maior redução foi identificada entre os 20% mais pobres que vivem na Região Nordeste: 26,4%.

A reportagem é de Paula Laboisière, publicada pela Agência Brasil, 27-03-2015.

Os números foram divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e têm como base as edições de 2003 a 2013 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O levantamento mostra que, em 2003, a média de filhos por família no Brasil era 1,78. Em 2013, o número passou para 1,59. Entre os 20% mais pobres, as médias registradas foram 2,55 e 2,15, respectivamente. Entre os 20% mais pobres do Nordeste, os números passaram de 2,73 para 2,01.

Para a ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello, os dados derrubam a tese de que a política proposta pelo Programa Bolsa Família estimula as famílias mais pobres do país a aumentar o número de filhos para receber mais benefícios.

“Mesmo a redução no número de filhos por família sendo um fenômeno bastante consolidado no Brasil, as pessoas continuam falando que o número de filhos dos pobres é muito grande. De onde vem essa informação? Não vem de lugar nenhum porque não é informação, é puro preconceito”, disse.

Leia mais em <http://bit.ly/1aaAAcB>

ENTREVISTA

“Não se busca o sentido do mundo como se pesquisa uma nova espécie de orquídea”

Segundo o filósofo italiano Luigi Perissinotto, Wittgenstein teve grande respeito pela experiência religiosa, apesar de olhar com desconfiança para a teologia

Por Patricia Fachin

O famoso aforismo 7 do *Tractatus Logico-Philosophicus*, “Sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar”, do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, “não aconselha o silêncio; e de fato o verbo que usa por obrigação não é *sollen*, mas sim *muessen*; nos diz acima de tudo, de forma radical, que a alternativa ao silêncio é o absurdo”, adverte Luigi Perissinotto, estudioso das obras do filósofo austríaco. Na interpretação dele, a célebre frase indica, como já apontou Otto Neurath, contemporâneo de Wittgenstein e membro do Círculo de Viena, que “se deve seguramente calar, mas não sobre qualquer coisa”. Enquanto essa era “uma crítica” de Neurath a Wittgenstein, Perissinotto pontua que, de sua parte, essa é a “lição que o *Tractatus* queria nos transmitir”.

Perissinotto enfatiza que no *Tractatus* “não se fala de Deus da mesma forma que na geologia se fala da Terra e da sua datação ou, na biologia, do DNA e da sua estrutura. O mesmo vale para o sentido do mundo: não se busca o sentido do mundo como se pesquisa uma nova espécie de orquídea ou como se trabalha para encontrar a cura do câncer. Essa é a primeira coisa que Wittgenstein, a meu ver, quer nos sugerir quando afirma que,

na ética ou na religião, não se pode falar ‘em primeira pessoa’. Contudo, isso não quer dizer que a ética e a religião sejam, para Wittgenstein, algo estritamente privado; significa, acima de tudo, que para qualquer um de nós, falar de Deus significa mostrar a posição que Deus ocupa (ou não) na nossa vida”.

Na entrevista a seguir, concedida à IHU On-Line por e-mail, Perissinotto sinaliza algumas aproximações entre as obras do escritor russo Tolstói, do filósofo dinamarquês Kierkegaard e de Wittgenstein. “Para Wittgenstein, assim como para Tolstói, a solução do problema do sentido da vida é, para definir com Wittgenstein, ‘uma maneira de viver que faz desaparecer aquilo que constitui o problema’. A solução não é física ou metafísica, é prática-vital”, compara.

Luigi Perissinotto é doutor em Filosofia pela Universidade Cá Foscari de Veneza e atualmente leciona Filosofia da Linguagem e Filosofia da Comunicação. Ele esteve no Instituto Humanitas Unisinos - IHU em 2009, participando do *X Simpósio Internacional IHU: Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades*.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como a tese de Wittgenstein de que a linguagem somente pode tratar de fatos que fazem parte do espaço lógico impactou, por exemplo, nos discursos e no entendimento sobre Deus? Qual é o sentido de falar de Deus após Wittgenstein?

Luigi Perissinotto - Para responder a essas perguntas eu diria, simplificando, que existiram pelo menos duas interpretações do impacto promovido pelo *Tractatus Logico-Philosophicus* sobre a religião e a teologia. De acordo com o primeiro *Tractatus*, Wittgenstein

teria, por assim dizer, consagrado a insensatez de todas as (supostas) proposições sobre “aquele que está mais alto”, ou seja, sobre aquele que não está no mundo, seja esse chamado “sentido do mundo” ou “Deus”; a essa conclusão, sustentam os intérpretes deste primeiro



De minha parte acredito que, ao menos com relação ao Tractatus, deve ser lido com muita sobriedade, sem excessos interpretativos e sem uma imediata tradução religiosa e com referências místicas

tipo, não existe nada a acrescentar, muito menos existem, frente a isto, vias de fuga ou escapatórias. A lição que se pode obter tem duplo sentido: de um lado se poderia concluir que, se não podem existir proposições sobre o sentido do mundo ou sobre Deus, é porque não existe nada como “o sentido do mundo” ou algo como “Deus”; por outro, se poderia concluir que se não podem existir proposições sobre o sentido do mundo ou sobre Deus, é porque nem Deus nem o sentido do mundo são alguma coisa. Essa é a conclusão a que chegam abertamente os intérpretes do segundo tipo. Esses também reconhecem que, segundo o *Tractatus*, as (supostas) proposições sobre o sentido do mundo ou sobre Deus são insensatas e que existem porque Deus não é parte do mundo, porque não é algo que está ou pertence ao mundo, como no restante Wittgenstein afirma explicitamente na proposição 6.432 do *Tractatus*, “Deus não se revela no mundo”.

Todavia, as implicações que isso traz são diversas; para estes intérpretes, contudo, reconhecer a insensatez das proposições sobre Deus é uma maneira de subtrair, por assim dizer, Deus do mundo. Lido assim, o *Tractatus* surge como uma obra profundamente anti-idólatra: quem procura Deus no mundo — essa seria a sua lição — o reduz ao mundo, construindo-se assim, como os Hebreus no deserto, um ídolo a ser adorado. Trata-se de uma leitura que pode lembrar, com todas as devidas distinções, aquilo que Simone Weil, em *A sombra e a graça*, chamou de

“ateísmo purificador”; depois de ter afirmado “estar completamente certa de que existe um Deus, no sentido que estou completamente segura de que o meu amor não é ilusório”, Simone Weil acrescenta estar “completamente certa de que não existe um Deus, no sentido que estou completamente certa de que nada de real se assemelha àquilo que posso conceber quando pronuncio aquele nome”. Poderei então concluir a minha resposta observando que para um fiel que leia hoje o *Tractatus* poderia surgir como uma forma de ateísmo purificador.

IHU On-Line - Na Conferência sobre Ética, em 1929, Wittgenstein distingue o valor absoluto em primeira pessoa e em terceira pessoa, assinalando a possibilidade de existir valor absoluto somente em primeira pessoa. Isso significa que em relação a Deus, por exemplo, também só é possível uma relação em primeira pessoa? Se sim, como relaciona tal tese com a visão cristã acerca de Deus?

Luigi Perissinotto - Não se fala de Deus da mesma forma que na geologia se fala da Terra e da sua datação ou, na biologia, do DNA e da sua estrutura. O mesmo vale para o sentido do mundo: não se busca o sentido do mundo como se pesquisasse uma nova espécie de orquídea ou como trabalham para encontrar a cura do câncer. Essa é a primeira coisa que Wittgenstein, a meu ver, quer nos sugerir quando afirma que, na ética ou na religião, não se

pode falar “em primeira pessoa”. Contudo, isso não quer dizer que a ética e a religião sejam, para Wittgenstein, algo estritamente privado; significa, acima de tudo, que para qualquer um de nós, falar de Deus (orá-lo, invocá-lo, rejeitá-lo, negá-lo, etc.) significa mostrar a posição que Deus ocupa (ou não) na nossa vida. Assim, para exemplificar, “Graças sejam dadas a Deus” pode ser para qualquer pessoa uma simples maneira de dizer, sem nenhuma consequência na sua vida, tanto que seria o mesmo falar algo como: “As coisas aconteceram conforme o desejado”; por outro lado, porém, “Graças sejam dadas a Deus” jamais pode ser substituído por algo diferente; para ele, como observará Wittgenstein em uma das suas lições sobre a fé religiosa, aquelas palavras dizem exatamente aquilo que dizem; “por que deveria estar apto a substituir por qualquer outra coisa?”. Mas acima de tudo: por que deveria fazer com que dependesse das diversas circunstâncias em que te encontra. Para o fiel, “Graças sejam dadas a Deus” não é somente outra forma de dizer “As coisas saíram como eu desejava”, mas ele é fiel a Deus enquanto puder exclamar “Graças sejam dadas a Deus”, independentemente da forma com que as coisas aconteceram, ou seja, também quando as coisas não saíram como se desejava.

IHU On-Line - É conhecido que Wittgenstein tinha um interesse pelo misticismo. Como isso se insere no quadro geral da sua obra?

Luigi Perissinotto - Não é fácil entender com quais significados Wittgenstein usa o termo “místico” nas poucas vezes que o utiliza nos *Quaderni* 1914-1916 (uma vez) e no *Tractatus* (três vezes). Entre os textos que poderiam tê-lo influenciado nos tempos da composição do *Tractatus*, os estudiosos indicaram em particular dois: *As variedades da experiência religiosa*, de William James, que Wittgenstein seguramente leu, e um trabalho de Bertrand Russell, *Misticismo e lógica*, que Wittgenstein pode ter lido.

Sabemos também que Wittgenstein lia, mesmo que não se soubesse exatamente quando, alguns textos da tradição mística; por exemplo, *O peregrino querubínico*, de Angelus Silesius, e *O Peregrino*, de John Bunyan. Ao que trata em particular o *Tractatus*, foi também revelado como Wittgenstein pode ter obtido a imagem da escada que surge na proposição 6.54 de Schopenhauer, Nietzsche ou Otto Weininger, mas como essa se transforma em um papel importante em grande parte da tradição mística.

De minha parte acredito que, ao menos com relação ao *Tractatus*, deve ser lido com muita sobriedade, sem excessos interpretativos e sem uma imediata tradução religiosa e com referências místicas; em particular, reconectarei o misticismo do *Tractatus* ao tipo de silêncio sobre o senso da vida que Wittgenstein evoca na proposição 6.512: “A resolução do problema da vida surge ao mesmo tempo que esse desaparece”. (Não seria talvez por isso que homens, cujo sentido da vida se torna, depois de longas dúvidas, claro, não saberiam dizer em que consistia este sentido?)

IHU On-Line - Como se deve ler o famoso aforismo 7 do *Tractatus* “Sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar”? Em alguma medida ele é mal interpretado no sentido de ser utilizado como um argumento aos discursos ateístas e como argumento de recusa à metafísica na atividade filosófica? Quando Wittgenstein recusa a metafísica, sua tentativa é mais exclusivamente fazer uma distinção entre ciência e as demais atividades a exemplo da filosofia, da teologia e da arte do que negar tais atividades?

Luigi Perissinotto - A primeira coisa que deve ser relevada é que na proposição 7 Wittgenstein não aconselha o silêncio; e de fato o verbo que usa por obrigação não é *sollen*, mas sim *muessen*; nos diz acima de tudo, de forma radical, que a alternativa ao silêncio é o absurdo. Acredito, portanto, que o neoempirista Otto Neurath ti-

na razão quando observava que se deve seguramente calar, mas não sobre qualquer coisa, somente que para Neurath essa era uma crítica a Wittgenstein, enquanto eu parto do princípio de que essa seja a lição que o *Tractatus* queria nos transmitir. Em cada caso, a proposição final do *Tractatus* não tem nada a fazer com o ateísmo, se por “ateísmo” se entende a doutrina que afirma (ou que de fato quer provar) que Deus não existe; por outro lado, isso não tem nada a ver com o teísmo, se por “teísmo” se entende a doutrina que afirma (ou que de fato quer provar) que Deus existe. De resto, não é um caso que especialmente a essa proposição final sejam rechamados tanto aqueles que procuraram comparar o silêncio final do *Tractatus* ao silêncio do místico na presença de Deus, como aqueles que criticaram Wittgenstein sustentando que o silêncio final do *Tractatus* seria mais ou menos igual a um silêncio dogmático imposto pela religião.

IHU On-Line - Nos *Tagebücher* (Quaderni) 11.6.16, Wittgenstein afirma que o “bem e o mal estão de certo modo em interdependência com o sentido do mundo”. Esse fragmento indica, de algum modo, uma mudança de posição em relação a sua tese de que os fatos fazem parte do mundo, e os valores, a exemplo da ética?

Luigi Perissinotto - É preciso de imediato observar que os *Quaderni* são exatamente aquilo que diz o seu nome, cadernos: eles contêm os pensamentos de Wittgenstein, com todas as indecisões, dúvidas, mudanças, abandonos e retornos que pertencem ao processo efetivo do pensar. No caso específico, isso que Wittgenstein procura nos dizer é algo semelhante: não é este ou aquele fato do mundo que é bom ou mau, mas sim a minha vontade; aquilo que está de fato em jogo é a minha vontade enquanto quer (ou não quer) o mundo (“tudo aquilo que acontece”). Boa (Wittgenstein fala ainda “justa”) é a minha vontade se essa quer o mundo, uma vez que assim seja, ou então que o querer seja respondido ou não

de acordo com minhas necessidades e desejos; má (injusta) é a minha vontade se essa quer somente aquele mundo que responde aos meus desejos e satisfaça as minhas necessidades; enfim, se essa não quer o mundo, mas uma configuração específica dele. É isso, a meu ver, o sentido em que Wittgenstein escreve que “o bem e o mal estão conectados de alguma forma com o sentido do mundo”.

IHU On-Line - Qual o relacionamento de Wittgenstein com autores como Kierkegaard e Tolstói, que são citados em seus cadernos (Quaderni)?

Luigi Perissinotto - Falarei algo sobre Kierkegaard, enquanto sobre Tolstói falarei na resposta da próxima pergunta. Já sabíamos há tempos que Wittgenstein era um leitor de Kierkegaard, como sabemos que estudou o dinamarquês exatamente para poder lê-lo nos seus originais. A descoberta e a recente publicação de outros dois diários de Wittgenstein, datados de 1930-32 e 1936-37, nos deram uma ampla confirmação; nestes diários Wittgenstein se refere seguidamente a Kierkegaard, instaurando com o pensador dinamarquês um diálogo intenso, não privado de reservas e críticas. Aqui me limitarei a duas observações. A primeira é que Wittgenstein era particularmente interessado àquelas obras, como *Migalhas Filosóficas* ou *Pós-escrito às Migalhas filosóficas*, onde Kierkegaard atribui à teologia e à filosofia o não saber reconhecer que “a coisa mais difícil deve ser transformar um cristão”; se de si mesmo como autor de *Tractatus* Wittgenstein observa de fato que somente aquele que no final reconhece que suas proposições são insensatas o compreende, Kierkegaard, de sua parte, em um apêndice de *Migalhas Filosóficas* observa que “aquilo que eu escrevo contém no mesmo tempo uma advertência que tudo deve ser compreendido de forma a ser retraído”. Sobre este último ponto existiu, nos últimos anos, um amplo e animado debate que foi ponto de partida para um trabalho de James Conant, de-

dicado, justamente, ao relacionamento entre a proposição 6.54 do *Tractatus* e o apêndice de *Migalhas filosóficas*.

IHU On-Line - Qual foi a influência do Evangelho de Tolstói no pensamento de Wittgenstein, especialmente porque o filósofo diz que esse livro o salvou a vida? Como essa obra influenciou seus escritos sobre a linguagem e sobre mística?

Luigi Perissinotto - Como se sabe, o encontro com a Breve exposição do Evangelho de Tolstói ("uma obra maravilhosa" como a definiram) foi um evento de grande significado na vida de Wittgenstein. Não é de fato fácil estabelecer com precisão quais foram as influências dessa obra no seu pensamento. Talvez poderia indicar aqui esquematicamente alguns pontos que parecem unir o Wittgenstein do *Tractatus* e o Tolstói do Evangelho: (1) tanto para Wittgenstein como para Tolstói existe um único problema essencial: o problema do sentido da vida; para ambos, ética e religião têm fundamentalmente o que fazer com este problema; (2) não se dá alguma solução científica (física ou metafísica) ao problema do sentido da vida; exatamente a ideia que possa dar uma forma tal de solução constitui primeiramente a ilusão que nos afasta radicalmente da solução procurada; (3) para Wittgenstein, assim como para Tolstói, a solução do problema do sentido da vida é, para definir com Wittgenstein, "uma maneira de viver que faz desaparecer aquilo que constitui o problema". A solução não é física ou metafísica, é prática-vital; para ambos, a vida de Jesus indica uma maneira de vi-

ver que dissolve a problemática da vida; (4) a vida que tem sentido, aquela que Tolstói chama de "vida verdadeira" e Wittgenstein "vida justa", não é aquela que realiza os nossos desejos e projetos. Como escreve Tolstói, "somente servindo à vontade do pai da vida se recebe a vida verdadeira (...). E por isso satisfazer a própria vontade não é necessário para a vida verdadeira".

“

A pergunta que Wittgenstein poderia colocar é: por que um filósofo jamais deve dar uma leitura filosófica ao nascimento de Jesus?

IHU On-Line - Em que consistiria uma resposta teológica cristã a Wittgenstein?

Luigi Perissinotto - Não saberia como responder a essa pergunta. Diria, em todo caso, que são pelo menos dois os pontos que deveriam ser levados em consideração. O primeiro se refere ao próprio estatuto da teologia. Não existem dúvidas de que Wittgenstein tem grande respeito pela experiência religiosa, enquanto olha, falando baixo, com desconfiança a teologia e as suas alegações de "cientificidade". O segundo se refere à tendência à idolatria que Wittgenstein pa-

rece enxergar em todos, digamos assim, estudos da teologia da religião. Trata-se do tema "ateísmo purificador" do qual, como vimos, fala Simone Weil. Até que ponto, será questionado, a teologia tem a força de ser, num sentido preciso, ateia?

IHU On-Line - No dia 25 de dezembro os cristãos celebram o nascimento de Jesus, ou seja, o Verbo se fez carne e assumiu a condição humana. Como fazer uma leitura filosófica do mistério de Deus transcendente que assume a condição de criatura?

Luigi Perissinotto - Também aqui é difícil responder por mim mesmo. Talvez Wittgenstein se questionasse, e eu com ele, o que pode querer dizer "leitura filosófica". Se quisesse dizer algo como "tornar racionalmente aceitável", a reação de Wittgenstein seria, não tenho dúvidas, de rejeição: quem procurasse uma leitura filosófica do nascimento de Jesus não enxergaria, poderia dizer algo como "parafrapear em uma linguagem que soe mais familiar ao filósofo"? Neste caso, talvez Wittgenstein observasse que nem sempre parafrapear é compreender; existem, contudo, casos como o da poesia, onde quem parafrasea não compreende. No restante, como é fácil reconhecer a linguagem que vem descrita na pergunta, o nascimento de Jesus é, por sua vez, o resultado, por assim dizer, de paráfrase de paráfrase. Mas a pergunta que Wittgenstein poderia colocar é: por que um filósofo jamais deve dar uma leitura filosófica ao nascimento de Jesus?

LEIA MAIS...

- *O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein*. Entrevista com Luigi Perissinotto publicada na edição 308, de 14-09-2009, disponível em <http://bit.ly/1GGxfy9>;
- *Wittgenstein e a religião: a crença religiosa e o milagre entre fé e superstição*. Caderno IHU Ideias, 62ª edição, disponível em <http://bit.ly/1bP8kj>.

ENTREVISTA

Companhia de Jesus – Desafios da modernidade no Brasil Colonial

Para Carlos Zeron, a disputa entre jesuítas e colonos deveu-se ao mesmo objeto de valor: a força de trabalho indígena, engrenagem fundamental que move a colônia

Por Andriolli Costa e João Vitor Santos

“**A** energia que move a colônia e a faz existir como tal é a força de trabalho indígena e, em seguida, a negra. Quem controlasse essa força, controlaria a capacidade de gerar riqueza”, esclarece o professor Carlos Zeron. Essa, fundamentalmente, é a disputa que desde o começo promoveu as rugas entre jesuítas e moradores. Em entrevista concedida pessoalmente à **IHU On-Line**, por ocasião de sua participação no *XVI Simpósio Internacional IHU - Companhia de Jesus. Da Supressão à Restauração*, Zeron coloca em discussão a mudança da racionalidade do período. Inseridos na lógica de mercado, nem os próprios jesuítas – defensores da liberdade e dos indígenas – puderam se furtar do uso da força de trabalho escravo e da exploração do próximo.

É nessa linha que vai o jesuíta Lugi Mamiani, em sua avaliação do Colégio de São Paulo. Nele, trabalhando contra sua vontade, os indígenas – quando pagos – recebiam duas braças de tecido. “A crítica do Mamiani é que o que deveriam pagar aos índios livres como salário era o mesmo que era dado aos escravos como obrigação de não os deixarem nus. E que uns e outros trabalhavam sob coação.” A solução proposta era simples: a mineração do ouro para, com ele, comprar escravos ne-

gros. “Existe alguma coisa que permite que Mamiani, sendo membro da Companhia, pense desta maneira”, defende. “Existe algo profundo, no nível das práticas sociais e das ideias, que fez com que a Companhia de Jesus aceitasse aos poucos que houvesse certas dissociações e incorporasse esta autonomização crescente da economia”, problematiza.

Carlos Zeron é graduado em História, mestre em História Social e livre-docente em História Moderna pela Universidade de São Paulo, onde atualmente é professor titular. Seu doutorado foi em *Histoire et Civilisations* pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, na França. Zeron realiza pesquisas sobre a escravidão indígena e africana, sobre a legislação indigenista na América de colonização portuguesa e espanhola e sobre o pensamento jurídico moderno. É autor de diversas publicações, entre elas: *Revoltas populares no Brasil: Missões Guarani e Índios Sateré-Mawé* (São Paulo: Caros Amigos, 2014), *Contextos missionários: religião e poder no Império português* (São Paulo: Hucitec-Fapesp, 2011) e *Linha de fé. A Companhia de Jesus e a escravidão no processo de formação da sociedade colonial* (São Paulo: Edusp, 2011).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais as origens da tensão entre jesuítas e as demais ordens clássicas?

Carlos Zeron - Eu não sei responder a esta pergunta com precisão, mas posso fazer aproximações em relação ao ambiente que havia na

Universidade de Paris, no início do século XVI, onde os companheiros fundadores estudaram. Era um ambiente de debate intenso e por vezes mesmo tenso. A Sorbonne era organizada em vários colégios, onde diferentes escolas filosóficas dispu-

tavam hegemonia intelectual: o nominalismo¹ ou terminismo da Ecole

¹ **Nominalismo:** teoria que afirmava a inexistência dos universais, que seriam apenas nomes dados às coisas e, portanto, produto de nossa mente sem uma existência prática assegurada. A questão dos universais, inicial-



O tema Antijesuitismo pode e deve nos levar a uma reflexão histórica mais ampla e profunda sobre a transformação ao longo dos séculos de toda a sociedade

de Montaigu, o scotismo² (predominante entre os franciscanos), o tomismo (cujo centro difusor é o convento de São Tiago, mantido pelos dominicanos) e o reformismo aristotélico dos humanistas reunidos no colégio do cardeal Lemoine³ (dirigido então por Jacques Lefèvre d'Étaples⁴).

Os companheiros fizeram sua formação no Colégio de Santa Bárbara, um dos centros de retomada do pensamento de São Tomás de Aquino⁵. A formação em teologia,

ao longo do século XV, vinha sendo feita com base no *Livro das sentenças*, de Pedro Lombardo⁶. Um dos resultados do debate a que me referi foi a sua substituição por São Tomás de Aquino, que se difundirá em seguida nas universidades ibéricas dominadas por dominicanos e jesuítas. Isso posto, estas duas ordens religiosas ainda vão desenvolver profundas diferenças teológico-filosóficas, antes do final daquele mesmo século, na disputa sobre a graça e o livre-arbítrio.

IHU On-Line - Que ações de Inácio, geral da Companhia, incentivaram a proliferação deste sentimento negativo?

Carlos Zeron - É importante não marcar de maneira muito nítida essa oposição, nem tampouco de maneira muito imediata. Afinal, a própria Companhia nasce com uma vocação que depois mudará, até se tornar uma ordem missionária. Assim, não podemos dizer que houve uma oposição imediata a eles, pois, no início, os jesuítas ainda estavam definindo qual era sua vocação. Também existe a questão de que os membros da Ordem são dispensados dos ofícios de coro; não é uma ordem conventual, mas uma ordem que age no mundo. Há ainda a distinção do Quarto Voto – de obediência ao papa. Essas di-

logias e a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Pedro Lombardo (1100-1164): filósofo escolástico do século XII, professor na escola de Notre Dame em Paris. Sua obra mais célebre é o *Libri quatuor sententiarum*, os *Quatro Livros das Sentenças*, derivados dos textos de suas aulas na escola catedralícia. (Nota da **IHU On-Line**)

ferenças distinguem a Companhia, o que podia gerar rivalidades. Então a Companhia, neste processo histórico, conforme vai definindo sua identidade, seu carisma, sua vocação, vai tomando certa configuração que faz dela uma ordem distinta.

IHU On-Line - Como compreender a passagem de uma hegemonia teológico-política dominicana para a jesuítica, que ocorre durante o século XVI?

Carlos Zeron - Eu me permito responder à sua questão a partir de que escrevi numa resenha do excelente livro do José Eisenberg⁷, *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno* (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000). Pois, essa passagem é perceptível na impositação dessas duas ordens religiosas com relação à questão ameríndia. Desde a chegada dos europeus à América, a Igreja ainda levará bastante tempo para tomar uma posição definitiva em relação à qualificação dos ameríndios. Praticamente meio século.

Em 1537, o Papa Paulo III⁸ assina a bula *Veritas Ipsa*. Praticamente ao mesmo tempo, um dominicano da Universidade de Salamanca, frei Francisco de Vitória⁹, profere uma lição de Teologia Moral, que tem uma forte repercussão, logo em

7 José Eisenberg: professor do Departamento de Ciências Sociais - UERJ. Entre as suas publicações, destacam-se os livros *As Missões Jesuíticas e o Pensamento Político Moderno* (Editora UFMG, 2000) e *A Democracia Depois do Liberalismo* (Ed. Relume-Dumará, 2003). (Nota da **IHU On-Line**)

8 Papa Paulo III (1468-1549): 220º Papa Católico, assumiu o papado entre 1534 até sua morte. Lançador das bases da Contrarreforma, aprovou a criação da Companhia de Jesus de Inácio de Loyola em 1540. Convocou o Concílio de Trento em 1545. Conhecido também pela promulgação da bula *Veritas Ipsa*, a favor da liberdade dos índios das Américas. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Francisco de Vitória (1483-1512): teólogo espanhol neoescolástico e um dos fundadores da tradição filosófica da chamada "Escola de Salamanca", sendo também conhecido por suas contribuições para a teoria da guerra justa e como um dos criadores do moderno direito internacional. (Nota da **IHU On-Line**)

mente lógico-gramatical, estendeu-se para os problemas teológicos e metafísicos, atingindo o conjunto de dogmas da igreja cristã. Por exemplo, João Roscelino, mestre de Abelardo, com seu nominalismo coloca em dúvida o dogma trinitário de Deus: a única substância divina não passa de um nome, as três pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo) são três substâncias diversas, indicadas por um nome comum. Assim surgiu a heresia do triteísmo, condenada em 1092 pelo Concílio de Reims. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Scotismo: inspirado no pensamento do franciscano John Duns Scotus, mentor de William de Ockham. Para Scotus, as verdades da fé não poderiam ser compreendidas pela razão. A filosofia, assim, deveria deixar de ser uma serva da teologia, como vinha ocorrendo ao longo de toda a Idade Média, e adquirir autonomia. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Jean Lemoine (1250-1313): Bispo de Arras, serviu Bonifácio VIII como representante com Felipe IV, da França. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Jacques Lefèvre d'Étaples (1455-1536): humanista e erudito bíblico, precursor da Reforma Protestante na França. (Nota da **IHU On-Line**)

5 São Tomás de Aquino (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas "Summae", sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theo-*

1537-1539, sendo publicada como livro em 1557. Vitória fundamenta, de seu ponto de vista, qual deve ser a posição da Igreja e dos europeus perante os índios: qualificando-os como homens, e não como animais; recusando, ainda que de maneira ambígua, a classificação aristotélica de “servos por natureza”; afirmando seu direito à graça.

Ele destaca que o tratamento até então predominantemente destinado aos índios era ilegítimo, um abuso. Faz então toda uma discussão em torno do conceito de “domínio”, questionando o direito de os espanhóis dominarem esses territórios e os seus habitantes. A conclusão a que ele chega é que nem Carlos V¹⁰, por maior que fosse seu império, nem o Papa têm direito de dominar a América e seus habitantes. No entanto, ele aponta algumas situações em que o domínio seria legítimo. Basicamente (para reduzi-las a duas), o direito de evangelizar (isto é, a pregação não poderia ser impedida) e o direito de comércio.

A diferença entre dominicanos e jesuítas, do modo como a vejo, é que a posição definida por Francisco de Vitória – a qual será retomada por vários teóricos dominicanos em seguida, como Domingo de Soto¹¹ – é fundamentalmente dogmática. É a partir da leitura de textos que eles vão qualificando a descrição da situação indígena. Quando os jesuítas começam a atuar, no contexto da colonização, o problema principal já não é apenas definir dogmaticamente o modo como qualificar o índio do ponto de vista teológico; eles já têm que se haver com os proble-

10 **Carlos V** (1500-1558): foi o Sacro Imperador Romano-Germânico como Carlos V a partir de 1519 e Rei da Espanha como Carlos I, de 1516 até sua abdicação em favor de seu irmão mais novo, Fernando I, no império, e seu filho Filipe II na Espanha. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Domingo de Soto** (1494-1560): frade dominicano e teólogo espanhol, confessor do imperador Carlos V. Foi professor de teologia na Universidade de Salamanca onde integrou a denominada Escola de Salamanca. (Nota da **IHU On-Line**)

mas concretos e materiais da colonização. Não se trata de especular se eles podem ser ou não escravos de acordo com a visão de Tomás de Aquino, mas sim de comentar o tráfico de escravos indígenas e negros realmente existente, as formas de redução de ambos à escravidão, etc.

Desta forma, os textos pelos dominicanos no século XVI têm um viés mais dogmático, ao passo que os jesuítas o fazem a partir de um comentário histórico da realidade. A impositação deles, sem deixar de ser dogmática, é também acentuadamente histórica. Essa diferença

“
Os textos pelos dominicanos no século XVI têm um viés mais dogmático, ao passo que os jesuítas o fazem a partir de um comentário histórico da realidade.

guarda uma relação estreita com a referida polêmica sobre a graça, que, contudo, ainda precisa ser descrita e estudada.

IHU On-Line - Pensando na questão do Brasil, houve várias críticas sobre a relação entre jesuítas e indígenas. De que ordem eram elas e qual a sua pertinência?

Carlos Zeron - O discurso dos moradores (ou colonos) contra os jesuítas e sua maneira de se posicionar frente aos indígenas se manifesta desde muito cedo. Um cronista e senhor de engenho muito conhecido, Gabriel Soares de Sou-

sa¹², autor do *Tratado descritivo do Brasil*, escreve, também em torno de 1587, outro texto menos conhecido, que veio a se chamar *Capítulos contra os padres da Companhia de Jesus que residem no Brasil*. Ali já se encontra o rol das acusações que os moradores faziam e continuarão fazendo contra os jesuítas ao longo de todo o período colonial. Interceptado, o documento recebeu uma resposta ponto por ponto dos principais jesuítas que se encontravam então no Brasil. O essencial da disputa concerne ao controle dos índios, que constituíam então a principal força de trabalho existente na colônia.

Na colônia, a terra existe em abundância. A energia que move a colônia e a faz existir como tal é a força de trabalho indígena e, em seguida, negra. Quem controlasse essa força, controlaria a capacidade de gerar riqueza. Essa é a disputa: jesuítas, moradores e a Coroa portuguesa têm interesses distintos, nem sempre convergentes. Tomando cada um deles como grupos uniformes – o que não são – podemos dizer que os jesuítas acusavam os colonos de abuso na exploração da mão de obra indígena. Os colonos diziam o mesmo sobre os jesuítas, além de criticarem o impedimento colocado para que eles também usufruissem dessa força de trabalho, na medida em que controlavam os aldeamentos reais. Ou seja, a disputa é sobre o mesmo objeto de valor: o índio. Essa disputa vai se tornando cada vez mais tensa, sobretudo nos momentos e nos lugares em que escasseiam os escravos africanos.

IHU On-Line - Na sua palestra do simpósio, você menciona os relatos do jesuíta Luigi Vincenzo Mamiani¹³. De que modo estes re-

12 **Gabriel Soares de Sousa** (1540-1591): historiador do Brasil nascido em Portugal, conhecido por sua obra “Notícia do Brasil” ou “Tratado descritivo do Brasil” de 1587. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Luigi Vincenzo Mamiani ou Luís Vincêncio Mamiani** (1652-1730): missionário e linguista. Entrou na Companhia,

latos colaboraram para justificar as críticas dos colonos contra a Companhia?

Carlos Zeron - Mamiani atuou como missionário no sertão da Bahia e, quando se tornou companheiro do Provincial, foi enviado para fazer uma visita no Colégio de São Paulo. No Memorial resultante dessa visita, ele acusa seus colegas jesuítas de praticarem exatamente aquilo que eles acusavam nos colonos: usar índios livres como se fossem escravos. Os índios livres do colégio trabalhavam contra sua vontade; além disso, afirma, não recebiam salário... O que recebiam era o que também se dava aos escravos, diz ele: duas braças de pano por mês, para vestimenta; ou seja, cerca de 4 metros de pano, o que lhe parecia muito pouco. Ele ainda refere valor do salário, 1 vintém¹⁴ por dia, o que também lhe parecia muito pouco e nem sequer era pago. A crítica do Mamiani é que o que deveriam pagar aos índios livres como salário era o mesmo que era dado aos escravos como obrigação de não os deixarem nus. E que uns e outros trabalhavam sob coação. Ou seja, não havia diferença entre eles.

No entanto, a reflexão de Mamiani não para por aí. Revelando as contas do Colégio, ele chega à conclusão de que havia necessidade de mais 300 escravos para mantê-lo. Sua solução é surpreendente: ele sugere enviar os índios livres do Colégio para as minas para mineirar ouro e, com este ouro, comprar escravos negros para trabalhar no Colégio no lugar dos índios livres, que o faziam contra a sua vontade.

com 16 anos, a 10 de abril de 1668. Não se adaptando inteiramente à vida brasileira, voltou para Lisboa em 1701, seguindo para a sua Pátria, onde ainda prestou serviços não só à Província do Brasil, mas a toda a Assis-tência de Portugal, de que era procurador em Roma em 1723, cargo em que perseverou ainda algum tempo, e no qual defendeu o Padroado Português do Oriente. (Nota da **IHU On-Line**)

14 O vintém correspondia a 20 réis, ou a 20ª parte de um Cruzado. (Nota da **IHU On-Line**)

Mamiani raciocina dentro da lógica econômica mercantil, não pensa o comércio diferente de qualquer outro agente colonial.

IHU On-Line - Este tensionamento gerou, por fim, a expulsão dos jesuítas no País?

“

A energia que move a colônia e a faz existir como tal é a força de trabalho indígena e, em seguida, negra. Quem controlasse essa força, controlaria a capacidade de gerar riqueza

Carlos Zeron - É sempre importante lembrar que houve várias expulsões dos jesuítas no Brasil: em 1640, de São Paulo; em 1661 e 1684, do Maranhão; e a grande expulsão de 1759. A Ordem foi se modificando em função dessas experiências, bem como redefinindo seu modo de inserção na sociedade colonial. As explicações sobre esta última e mais prolongada expulsão têm se fixado no protagonismo do Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras e futuramente Marquês de Pombal¹⁵. Uma explicação mais imediata tem realmente relação com seu protagonismo, mas, como sempre em história, os fatos não

15 **Marquês de Pombal** (1699-1782): Sebastião José de Carvalho e Melo, nobre e estadista português. Foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777), sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas da História Portuguesa. (Nota da **IHU On-Line**)

podem ser explicados apenas pelo que se dá de imediato. Esses acontecimentos são importantes, sim, mas normalmente são apenas a culminação de processos mais profundos.

Assim, outro fator explicativo que julgo importante refere-se às disputas internas que enfraqueceram os jesuítas, no final do século XVII e começo do século XVIII. Eles se dividiram exatamente sobre a questão dos índios aldeados, entre duas facções que chamaram *vieiristas* e *alexandristas*. Os primeiros eram seguidores de Antônio Vieira¹⁶ e os segundos não exatamente de Alexandre de Gusmão¹⁷ — que era o provincial da época —, mas do italiano João Antonio Andreoni¹⁸. A partir daí, houve uma disputa forte. Após a resolução

16 **Antônio Vieira** (1608-1697): padre jesuíta, diplomata e escritor português. Desenvolveu expressiva atividade missionária entre os indígenas do Brasil procurando combater a sua escravidão pelos senhores de engenho. Em 1641 voltou a Portugal, onde exerceu funções políticas como conselheiro da Corte e embaixador de D. João IV, principalmente no que se referia às invasões holandesas do Brasil. Retornou ao Brasil em 1652, tendo estado no Maranhão, onde fez acusações aos senhores de engenho escravocratas na defesa da liberdade dos índios. Foi expulso do país, juntamente com outros jesuítas. Voltou ao Brasil em 1681. Entre suas obras estão *Sermões*, composto por 16 volumes que foram escritos entre 1699 e 1748; *História do Futuro* (1718); *Cartas* (1735-1746), em três volumes; *Defesa perante o tribunal do Santo Ofício* (1957), composto por dois volumes. Confira a edição 244 da **IHU On-Line**, de 19-11-2007, *Antônio Vieira. Imperador da língua portuguesa*, disponível em <http://bit.ly/ihuon244>. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Alexandre de Gusmão** (1629-1724): jesuíta português. Embarcou com a família para o Brasil em 1644. Ingressou no noviciado da Companhia de Jesus no dia 27 de outubro de 1646. Fez profissão solene no dia 2 de fevereiro de 1664. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **João Antonio Andreoni** (1649-1716): jesuíta ítalo-brasileiro nascido em Lucca, na Toscana, autor do mais importante depoimento sobre a economia colonial do Brasil, na fase de transição entre o ciclo do açúcar e o da mineração e considerado o primeiro economista do país. Entrou para a historiografia brasileira ao publicar, em Lisboa, *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas* (1711), sob o pseudônimo literário de André João Antonil, um relato minucioso em que se dão “várias notícias curiosas do modo de fazer o açúcar, plantar e beneficiar o tabaco, tirar ouro das minas e descobrir as de prata”, além de abordar a extração de diamantes e a expansão do gado. (Nota da **IHU On-Line**)

dessa disputa, os jesuítas passaram a atuar no Brasil de maneira diferente do que vinham atuando desde Nóbrega até Vieira.

O que mudou, fundamentalmente, é que até então os jesuítas reivindicaram e obtiveram a gestão não apenas espiritual, mas também temporal das aldeias reais onde os índios estavam concentrados. Esses grandes ajuntamentos de indígenas, que desempenhavam importantes funções de reserva de mão de obra e de defesa militar, estiveram nas mãos dos jesuítas durante quase 150 anos. A disputa foi diferente no Maranhão e no Brasil, mas, na sua resolução, no Sul, os aldeamentos foram entregues aos moradores particulares, e, no Norte, os jesuítas também perderam o controle de boa parte destes aldeamentos, que foram entregues a outras ordens religiosas – as quais costumavam ter uma atitude diferente, mais laxista, com relação ao emprego da mão de obra indígena.

IHU On-Line - De que forma os avanços sociais e políticos da Companhia fizeram com que sua perda de poder estivesse ligada à economia política?

Carlos Zeron - Além dos fatos mencionados acima, o enfraquecimento interno e os tensionamentos com os colonos, uma explicação ainda mais profunda – que propus em minha palestra – diz respeito à aceitação de que a economia, cada vez mais, tinha uma lógica própria que não se submetia a leis divinas e morais. Mamiani demonstra incorporar esse tipo de raciocínio, ainda que com restrições e não poucas ambiguidades. Eu fui buscar a origem desse processo e encontrei discussões que se localizam já no final do século XVI: uma em torno do probabilismo, a disputa sobre a graça e o livre arbítrio, e outra a partir da obra de um jesuíta italiano muito influente, chamado

Giovanni Botero¹⁹. Meu argumento passa por aí.

Veja o caso de Mamiani, propondo a compra de escravos negros por meio de uma complexa operação comercial: existe alguma coisa que permite que ele, sendo membro da Companhia, pense desta maneira. Não foi o único e nem o primeiro, pois existe algo profundo, no nível das práticas sociais e das ideias, que fez com que a Companhia de Jesus – que, na sua origem, buscou submeter a organização do mundo e as práticas humanas a preceitos morais e religiosos – aceitasse aos poucos que houvesse certas dissociações e incorporasse esta autonomização crescente da economia.

“

É sempre importante lembrar que houve várias expulsões dos jesuítas no Brasil

IHU On-Line - Ocorre, então, que a perda de controle sobre esses indígenas vem de uma mudança da sociedade que deixa de praticar uma política ligada à religiosidade, mas à economia, e os interesses econômicos exigem essas reconfigurações?

Carlos Zeron - Sim, também por causa disso. Mas costumamos dizer que raramente temos uma explicação monocausal em História. Como lembrei há pouco, os jesuítas foram expulsos de São Paulo em 1640; em 1661 e 1684 eles foram expulsos do Maranhão, muitas vezes por fatores imediatos. Mas ao longo

de todo esse período vinha acontecendo, nas práticas sociais e no pensamento que podemos chamar “ocidentais”, uma inflexão que fazia com que cada vez mais a economia se autonomizasse em relação a princípios morais e religiosos. Isso culminará no que distinguirá, lá na frente, a sociedade capitalista. No capitalismo, a economia tem a sua lógica própria, funcionalmente e institucionalmente distinta da religião, do parentesco, isto é, das relações sociais que nós designamos por esses termos. Isso é o que distingue o Capitalismo das outras sociedades.

Esse tipo de mudança na qualificação da economia vem de um longo processo, que podemos acompanhar muito bem seguindo a própria história do mercantilismo, onde as colônias tiveram um papel fundamental. Essa reflexão nos faz perceber que não se trata apenas de antijesuitismo, mas sim um processo de deslocamento e distanciamento entre religião e moral, de um lado, e economia, de outro. Assim, o tema Antijesuitismo pode e deve nos levar a uma reflexão histórica mais ampla e profunda sobre a transformação ao longo dos séculos, não apenas da Companhia de Jesus, mas de toda a sociedade. E nós temos um lugar privilegiado para observar esse processo, que é o Brasil colônia.

IHU On-Line - Em nossos tempos, talvez mais do que nunca, esse vínculo entre economia e política se torna indissociável, não?

Carlos Zeron - Com certeza. Mas esse é um processo de longa duração. No início do século XVII, Antoine de Montchrestien escreveu um *Tratado de economia política*. O conceito já está nomeado desde então, e começará a ser trabalhado até impor-se amplamente. Podemos ver isso no episódio da visita de Mamiani ao colégio de São Paulo. Mas, de maneira geral, os Estados e governos passaram cada vez mais a lidar com a economia como

¹⁹ **Giovanni Botero** (1540-1617): ex-jesuíta, foi secretário do Cardeal Carlo Borromeu em Milão. Foi um dos primeiros teóricos das relações internacionais e da demografia. (Nota da **IHU On-Line**)

algo que tem uma lógica própria. Era inclusive do interesse dos Estados deixar que o conceito vingasse, por meio de suas práticas legislativas: com a “política econômica” gerando rendimentos, os Estados viam-se fortalecidos por meio de objetos de valor identificados como tais: riqueza monetária, poderio militar, conquistas territoriais, etc.

IHU On-Line - Essa economização também afetou os processos internos da Companhia? Ela se deixou economizar?

Carlos Zeron - Completamente. Já em 1558, por exemplo, houve uma reunião em Roma com os superiores da Ordem para discutir a situação das Missões; entre as questões que vieram do Brasil estava se a Companhia de Jesus podia comprar escravos e gado. É notável que, independentemente da discussão em Roma, contudo, a decisão já havia sido tomada no Brasil. Este tipo de solução já vinha sendo praticado, com o argumento de que não havia outra maneira de financiar a missão. O argumento e justificativa dos missionários do Brasil eram de que a missão precisava de fontes próprias de rendimento para se sustentar, já que a esmola real era insuficiente, já que não havia apoio dos moradores, que eram muito pobres, etc.

Essa lógica econômica vai se impondo desde o começo e se materializando em grandes fazendas de produção de mandioca, engenhos para produção de açúcar, grandes extensões de terra... Sob a justi-

ficativa de que necessitava destas atividades econômicas, a Companhia tomou esse rumo. Frequentemente Roma se opôs a essas decisões e enviou visitantes, com ordens de contenção desse tipo de atividade econômica no Brasil (e também política, no que dizia respeito à gestão temporal dos aldeamentos reais), mas estes visitantes muitas vezes voltaram à Itália eleitos procuradores para defender os interesses da missão do Brasil. É um projeto que teve uma força muito grande e definiu a identidade da Província jesuítica do Brasil. E mesmo depois da derrota dos chamados *vieiristas*, esse projeto econômico e sua base produtiva permaneceram funcionando: continuaram com fazendas, com gado, com trabalho escravo, etc.

IHU On-Line - É possível perceber ecos mais recentes desta economização dentro da Companhia?

Carlos Zeron - Estou fazendo uma pesquisa sobre as condições de trabalho destes indígenas – que, mesmo livres, eram quase escravos – e o tipo de condição que temos no mundo do trabalho hoje. Os trabalhadores que hoje dependem do salário para sobreviver perderam muitos direitos e encontram-se em uma situação de precariedade muito grande. Em verdade, quando comparamos essa situação com um tipo de escravidão que era frequente no século XVI – não a do *servus*, mas a do *famulus*, que é uma escravidão temporária justificada por extrema necessidade –,

verificamos que existe uma similaridade muito grande.

Em minha pesquisa, utilizo tratados de teologia moral publicados em meados do século XX, com reedições ao menos até finais da década de 1960. Neles, teólogos de diversas ordens (jesuítas, dominicanos, redentoristas, etc.) justificam que a escravidão é perfeitamente legítima e aceitável do ponto de vista do direito natural e da moral. Se um teólogo diz isso em pleno século XX, talvez haja de fato continuidades entre a escravidão moderna e a atual. O que era esse *famulus*? No Brasil, era o índio que, em extrema necessidade (por fome, doença, desestruturação ou desaparecimento da sua estrutura tribal comunal, etc.), vendia a última coisa que possuía como recurso para sobreviver: sua força de trabalho. Vendendo-se, esse sujeito ficava em uma situação de escravidão temporária, em torno de 10 anos, conforme a lei da época.

Os teólogos do período (Domingo de Soto e Luís de Molina²⁰) afirmavam que os *famuli* tinham a particularidade de conservar sua personalidade jurídica, a qual lhes permitia assinar esse contrato de servidão temporária – o que os distinguia dos *servi*. Essa situação, estritamente falando, parece mostrar que algumas rupturas entre a época moderna e a contemporânea não foram tão bruscas assim.

²⁰ **Luís de Molina** (1535-1600): jesuíta, teólogo e jurista espanhol. Foi uma figura destacada da chamada Escola de Salamanca. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- *Da Religiosa Política à Economia Política. Transformações do contexto antijesuítico no século XVII*. Reportagem publicada na edição 459 da **IHU On-Line**, de 17-11-2014, disponível em <http://bit.ly/1Bo2NDd>.
- *Companhia de Jesus. Da Supressão à Restauração*. Revista **IHU On-Line** edição 458, de 10-11-2014, disponível em <http://bit.ly/1B0uNOv>.

COBERTURA DE EVENTOS

“Homilia pop”: da história de Jesus aos ícones na narrativa de Superman

À luz da narrativa da vida de Cristo, Iuri Andreas Reblin propõe uma leitura das aventuras de Superman ancorada na ideia do messias salvador



FOTOS: João Vitor Santos/IHU

20

Por João Vitor Santos

Ele não era daqui. Foi enviado pelo pai para viver entre os homens, mas não era como um deles. Tinha poderes para além da compreensão do povo e a missão de salvar a humanidade, indicando um caminho de redenção. Para isso, foi necessário seu próprio sacrifício. A leitura pode ser da bíblia, falando da vida de Jesus Cristo. Mas, também pode ser de um gibi e narrar a história de Superman. A comparação pode assustar à primeira vista. Afinal, como pode um produto da cultura pop pretensiosamente remeter

a Jesus? O doutor em teologia Iuri Andreas Reblin prova que tem tudo a ver. Dentro da programação de Páscoa do IHU, o professor propôs uma releitura da cultura pop numa perspectiva teológica em sua palestra *Messianismo e Cultura Pop*, na noite de quarta-feira, dia 25-03. “Afinal, nas duas histórias temos esse referencial do messias enviado”, provoca Iuri.

A palestra é aberta com um clip do chamado rei do pop, Michael Jackson. Na música *Heal The World*, ele provoca a pensar um mundo melhor, a necessidade de uma cura

mundial a partir das ações, revelando uma espiritualidade quase sacra. A reprodução funcionou como uma espécie de introdução para se pensar o que é a cultura pop. Para Iuri, “são produções artísticas e culturais que têm atração midiática, que estão na mídia”. E são representações do capitalismo, já que estar na mídia se traduz em muitos acessos e essa audiência é necessária para se converter em capital. Mas, e o apelo messiânico? O professor destaca que a cultura pop quer “pegar, tocar as pessoas”. Por isso o conceito de mes-

“

Existe sempre um potencial explorador quando se pensa na cultura da religião. Ela serve ao narrador que busca audiência de sua história

sias, “a vinda do salvador, características divinas, transformador da esperança”, acaba servindo como recurso para as histórias da cultura pop. “Existe sempre um potencial explorador quando se pensa na cultura da religião. Ela serve ao narrador que busca audiência de sua história”, explica.

Depois de iluminar esses conceitos, Iuri provoca os espectadores. A partir de trechos de filmes que falam da história de Superman, lembra que desde a criação essa narrativa buscava ancoragem no religioso. “Os dois jovens que criaram a primeira versão são de origem judia. Daí essa forte referência do herói como o enviado, o messias”, pontua. Referência essa que se refaz a cada nova versão da trama. Cenas do Homem de Aço na busca por sua origem e na compreensão do mundo tem link direto com a peregrinação de Jesus. Além disso, o próprio envio do bebê à

Terra, a adoção por uma família no meio rural, os conflitos e momentos de reflexão são todas associações diretas ao relatos bíblicos sobre Cristo. E as associações seguem, inclusive no encontro que Superman tem com o pai.

Em se falando em cinema, para além da narrativa, a composição imagética das cenas revela inspirações sacras. O herói recluso em reflexão/oração, os conflitos, a incompreensão dos homens e até a entrega que faz de sua própria vida para salvar a humanidade — na imagem, o herói está no espaço e cai de braços abertos, em cruz, no vácuo em direção ao planeta Terra que está ao fundo. Depois do encontro com o pai, Superman encara o mal de frente e cai. Não é crucificado, mas é ferido no lado esquerdo do peito com uma lança de kriptonita — cristal de seu mundo de origem, capaz de fazer o herói sucumbir. Permanece em coma, é

dado como morto e quando menos se imagina a cama no hospital está vazia. O Homem de Aço ressuscita, sai pela janela, e uma mulher acha o leito vazio. “Impossível não associar com a ideia do túmulo vazio de Jesus Cristo”, completa Iuri.

Os inúmeros elementos e fatos revelados através da pesquisa de Iuri são irrefutáveis e fica evidente que desde os criadores da história até os cineastas que a releem buscam essa ancoragem religiosa. Para além de Superman e Michael Jackson, o professor prova que esse é um recurso rotineiro na concepção de obras da cultura pop. Objetivo: sempre a conquista do público. Mas ainda fica a dúvida: para que estudar esse fenômeno pop ainda na perspectiva religiosa. “Porque a gente vê esse poder e o que causa nas pessoas”, responde, enquanto mostra imagens de pessoas que casam, reivindicam seus direitos, participam de manifestações e até de um menino vestido de super-herói que salva a amiga. Para Iuri, é preciso observar esse movimento que pode contribuir para uma reflexão acerca de uma religião que pode ir para além dos muros dos templos. Não chega a ser uma “homilia pop”, mas provoca a pensar a religião e sua influência sociológica em outros lugares.

Iuri Andreas Reblin

Doutor em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo. É autor de *Para o Alto e Avante: uma análise do universo criativo dos super-heróis* (Porto Alegre: Asterisco, 2008, 128p.); *Outros cheiros, outros sabores... o pensamento teológico de Rubem Alves* (São Leopoldo: Oikos, 2009, 223p.) e *O Planeta Diário: rodas de conversa sobre quadrinhos, super-heróis e teologia* (São Leopoldo: EST, 2013, 107p.). Hoje, é coordenador da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial - ASPAS e é membro da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião - SOTER. É professor da Faculdades EST.

Sua pesquisa está direcionada para os seguintes tópicos: cultura pop, quadrinhos, superaventura, narrativa, super-heróis, mito e religião, teologia e arte, o pensamento de Rubem Alves. Desde 2005 tem desenvolvido trabalhos no diálogo entre teologia, mídias, cultura pop, narrativa. Em 2013, recebeu o Prêmio Capes de Tese na área de Teologia.



COBERTURA DE EVENTOS

Misa Criolla, o cristianismo latino na sonoridade do Sul da Terra

O músico e radialista Demétrio Xavier apresentou a obra de Ariel Ramirez e Félix Luna, descrevendo os processos culturais que atravessam a composição.



FOTOS: Ricardo Machado/IHU

Legenda ??????????

Por Ricardo Machado

No ano em que a composição da *Misa Criolla* criada por Ariel Ramirez e Félix Luna completou 50 anos, o filho de um dos autores da obra, Facundo Ramirez, e Patricia Sosa, a convite do Papa Francisco, executaram e interpretaram as canções, em dezembro de 2014, na Basílica de São Pedro, no Vaticano. O tema musical foi debatido na quinta-feira, 26-03-2015, no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, que recebeu o músico e radialista da FM Cultura Demétrio de Freitas Xavier para a audição comentada desta importante e característica obra musical do Sul do continente Americano e

dos povos andinos. O evento integrou a programação da 12ª edição de Páscoa do IHU - Ética, Mística, Transcendência.

Criação

Antes de debater as canções, Demétrio, com seu peculiar sotaque sulista - habla como un gaucho - trouxe um pouco do contexto em que a composição musical da *Misa Criolla* foi composta. "A missa foi feita em 1964, mas estreia em 1967, em Dusseldorf, curiosamente na data de morte de Anne Frank. Mas qual a relação entre as duas coisas? Ariel Ramirez teve a primei-

ra inspiração para a composição em 1950, quando residia em Wolfsburg, na Alemanha, e duas freiras muito amigas dele lhe contaram que em frente à casa que residia havia um campo de concentração nazista", conta o conferencista.

Na sequência, Demétrio lê o que Ariel teria dito ao compor a missa. "Ao finalizar o relato de minhas queridas protetoras, senti que tinha que escrever uma obra, algo que fosse para além das classes, das cores, das raças, que fosse algo a respeito do homem. Compreendi que só podia agradecer-lhes, às freiras, escrevendo em sua homenagem uma obra religiosa", parafraseia.

“

No disco há a vidala e a baguala, que são ritmos recitativos. Há o javari, ritmo do Alto Perú. Mais para o final da missa há o Sanctus em um ritmo de carnaval cochabambino

América Latina e ditadura

Ao pensar no clima político que marcou a segunda metade do século XX na América Latina, especialmente em países como Chile, Argentina e Brasil, Demétrio ressaltou que uma obra musical tão caracteristicamente sulista e andina não teria sido possível após a implementação dos regimes totalitários. “Fazer essa obra com esse caráter teria sido possível antes de 1973, na Argentina? Ou antes de 1964 no Brasil?”, provoca. “Após esses regimes, a música do Sul do Chile, que parece a dos Buenos Aires, era menos ameaçadora, as coisas de campo podiam ser cantadas. Mas imagine pegar algo que recorde os Andes? Quem fizesse isso passava a ser alguém perigoso”, explica.

Lado A, Lado B

Gravado originalmente em formato vinil, a composição de Ariel Ramirez e Félix Luna está dividida em dois grandes eixos, onde o Lado A do disco diz respeito à *Misa Criolla* propriamente dita, de caráter mais

litúrgico e que dá nome ao álbum. O Lado B, que se chama *Navidad Nuestra* (Nosso Natal), com uma dinâmica mais criativa, em que os músicos exploraram perspectivas mais particulares do cristianismo andino. Evidentemente, nas duas partes do disco a sonoridade é tipicamente crioula, onde são explorados ritmos - declamatórios e dançantes - típicos do noroeste argentino e dos Andes, com muita influência boliviana e peruana.

“No disco há a *vidala* e a *baguala*, que são ritmos recitativos. Ariel Ramirez vai buscar no mundo andino a gravidade onde orbita a *Misa Criolla*. Há o javari, ritmo do Alto Perú, cuja origem remonta o final do século XVI e início do século XVII. Mais para o final da missa há o Sanctus em um ritmo de carnaval cochabambino”, descreve Demétrio. “Não vivíamos naquela época esta xenofobia argentina contra os bolivianos”, pondera o conferencista.

Demétrio lembra que Félix Luna dizia, em tom de humildade, que o que havia feito era apenas “quebrar um galho para um amigo”. “Eles queriam era ter mudado a letra da música, torná-la mais criou-

la e não puderam. Por isso se ‘vingaram’ em *Navidad Nuestra*, no Lado B, quando apresentam o anjo Gabriel como um milico de povoado todo faceiro porque, em vez de prender um borracho, havia recebido missão menos espúria, que era dizer à Maria que esperava um filho de Deus”, descreve.

El Pampa

Etimologicamente “pampa” diz respeito ao plano, não se refere, especificamente, a uma região de baixa altitude, há os altiplanos. “Carnaval cochabambino e o estilo pampeano falam igualmente do pampa - ‘bamba’ é pampa, isso porque o quechua é muito mais suave. O pampeano tem a cara do mestiço desta região”, destaca.

Ariel Ramirez e Félix Luna

Ariel Ramirez (1921-2010) foi um músico e compositor argentino com uma extensa trajetória, considerado uma das personalidades mais destacadas do nativismo argentino. Foi um divulgador da cultura tradicional do Sul do continente americano por meio de uma numerosa discografia e também com o trabalho frente a sua companhia de folclore entre 1955 e 1980.

Félix Luna (1925-2009) foi um reconhecido historiador, escritor, advogado e intelectual argentino fundador e diretor da revista *Todo es Historia*. Além de *Navidad Nuestra* (1964), compôs, junto com Ariel Ramirez, *Los caudillos* (1966) e *Mujeres argentinas* (1969).

Demétrio Xavier

Demétrio Xavier é um músico porto-alegrense, especializado na música crioula do Uruguai e da Argentina. Atuando no Rio Grande do Sul e nos dois países platinos, enfatiza sua pesquisa na obra do argentino Atahualpa Yupanqui, tendo traduzido e gravado, em versão bilíngue, seu poema maior, “O Pajador Perseguido”. Venceu a Califórnia da Canção Nativa, festival de música gaúcha, em 2009, com uma poesia musicada por Marco Aurélio Vasconcellos, “A Sanga do Pedro Lira”. Conduz na FM Cultura de Porto Alegre o programa *Cantos do Sul da Terra*, dedicado à música e à literatura do sul do continente e indicado em 2012 para o Prêmio Press.



ESTANTE

Os “Processos Midiáticos da Multidão” e uma reflexão sobre um outro jornalismo

Diego de Carvalho problematiza o conceito de jornalismo a partir da Multidão, pensando assim nos processos midiáticos dentro dessa lógica disforme

Por Andriolli Costa e João Vitor Santos

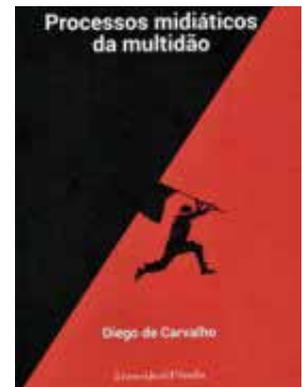
Fala-se que o Estado não entendeu a demanda das ruas, mas o mesmo pode se aplicar à mídia. Diante de manifestações, a imprensa tradicional teve de se reinventar – quase ao vivo e no calor dos acontecimentos – para que sua narrativa abarcasse o momento em que o país vivia. Em meio a isso, surgem agentes como a Mídia Ninja. Fazem algo que desorganiza a lógica do discurso jornalístico até então empreendido pela mídia. Diego de Carvalho olha para esse tipo de movimento em sua pesquisa. Pensa não só o momento em que a Multidão age, mas como essa mesma Multidão se operacionaliza enquanto meio de comunicação para narrar – com olhar de dentro – os fatos que desembocam nesse acontecimento.

Em seu livro, Carvalho fixa na “produção da multidão pensada como redes de resistência”. É nessas redes que se manifesta a Multidão. É como se nelas fossem narrados os acontecimentos da Multidão pela própria. Também para entender essa ideia de Multidão a partir de Antonio Negri¹, o autor problematiza o conceito de jornalismo – e da mídia em si. Nessa tessitura de pesquisa, chega a uma ideia de jornalismo de multidão. “Ele é um agenciamento, conecta Multidão e jornalismo, um devir-multidão do jornalismo. O jornalismo de multidão não precisa se parecer ao jornalismo dominan-

te. É representante das lutas por outra globalização, como também é uma singularidade delas”, explica em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

A leitura da obra pode ser um instrumental interessante para entender esse momento, tomando como objeto as produções na rede. É uma materialidade para observar como a Multidão se organiza enquanto resistência à mídia tradicional e ao discurso jornalístico. “E eles fazem uma produção multitudinária midiática. Certos usos das redes sociais. Penso no Facebook, Twitter e Youtube como possibilidades de resistência”, completa o autor, que ainda traz leitura de Deleuze² para compreender o fenômeno. O livro é editado pela Lumen Juris, tem 150 páginas e foi lançado em 2014. Diego de Carvalho é mestre e doutorando em Comunicação Social pela Unisinos. Além de *Processos Midiáticos da Multidão* (Lumen Juris, 2014) é autor de *Crônicas Fora de Controle* (Kazua, 2013).

Confira a entrevista.



Processos Midiáticos da Multidão é editado pela Lumen Juris, tem 150 páginas e foi lançado em 2014

¹ **Antonio Negri** (1933): filósofo político e moral italiano. Durante a adolescência, foi militante da Juventude Italiana de Ação Católica, como Umberto Eco e outros intelectuais italianos. Em 2000 publicou o livro-manifesto *Império* (5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003), com Michael Hardt. Em seguida, publicou *Multidão. Guerra e democracia na era do império* (Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005), também com Michael Hardt – sobre esta obra, publicamos um artigo de Marco Bascetta na 125ª edição da **IHU On-Line**, de 29-11-2004. O livro é uma espécie de continuidade da obra anterior e foi apresentado na primeira edição do evento Abrindo o Livro, promovido pelo IHU em abril de 2003, no mesmo ano em que Negri esteve na América do Sul em sua primeira viagem internacional após décadas entre o cárcere e o exílio. Atualmente, após a suspensão de todas as acusações contra ele, definitivamente liberado, vive entre Paris e Veneza e escreve para revistas e jornais de todo o mundo. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Gilles Deleuze** (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bérson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos -outros. (Nota da **IHU On-Line**)



Parece que muitas pessoas são libertárias midiaticamente e conservadoras no que diz respeito à macropolítica

IHU On-Line - É possível pensar em um jornalismo de multidão, aproximando-se do conceito proposto por Antonio Negri? Quais experiências midiáticas seriam representantes desta vertente?

Diego de Carvalho - Eu não sou um teórico das mídias, o centro da minha pesquisa é a produção da multidão pensada como redes de resistência. Preocupo-me com a realidade atual, os processos e não com o projeto futuro que acompanha essas redes. Dou importância para os devires produzidos, não para os modelos e identidades. Porém, desde os movimentos por outra globalização para falar nos movimentos de resistência, se é obrigado a falar em suas mídias. Também, o jornalismo dominante se interessa, mesmo que negativamente, pelas lutas. Ou seja, é difícil produzir uma pesquisa sobre o tema sem analisar esse tipo de jornalismo. Portanto, trabalho com os movimentos, mas sou obrigado a pesquisar as mídias de massa e as mídias das resistências.

O conceito de jornalismo de multidão é bem específico, diz respeito a uma relação entre a obra de Negri e a experiência do nó midiático dos movimentos por outra globalização, o Indymedia³. Uma relação fácil já que esses movimentos tinham forma e demandas iguais daquilo que Negri chama de Multidão. Não sei se é possível falar sobre movimentos

contemporâneos sem os nomear de movimentos de multidão, falar sobre as lutas contemporâneas, sem trabalhar com Negri. Também difícil separar Negri da obra de Deleuze. No doutorado, então, estou trabalhando com okupas⁴ e o 15M⁵, e eles fazem uma produção multitudinária midiática. Certos usos das redes sociais. Penso no Facebook, Twitter e Youtube como possibilidades de resistência; mas isso não é o predominante. Há um uso dessas redes, em sua maior parte, que não diz respeito aos movimentos; isso é realizado por uma multidão de sujeitos. O que me interessa é a produção midiática feita pelos coletivos de resistência e a produção sobre eles feita pela mídia de massa.

⁴ **Okupa:** termo anarquista, derivado da palavra ocupação, sendo que seu equivalente na língua inglesa é *squat*. O termo faz referência especificamente ao ato de ocupar um espaço ou construção, abandonada ou desabitada, sem permissão de seus proprietários legais. A ideia é não transformar numa propriedade privada, mas criar uma esfera de sociabilidade e vivência libertária. Okupas são mais comuns nas áreas urbanas do que em espaços rurais, especialmente em áreas de grande especulação imobiliária e deterioração urbana. Este tipo de ocupação difere daquela defendida por movimentos como o Movimento dos Sem Terra por não ter como fim uma reforma em que a propriedade privada, em vez de ser abolida, é dividida entre as partes em porções menores. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **15M:** O Movimento 15M, também chamado de movimento Occupy, é um movimento popular formado na sequência da manifestação de 15 de maio de 2011 (organizado por vários grupos), onde, depois de 40 pessoas decidirem acampar na Puerta del Sol espontaneamente, houve uma série de protestos na Espanha. O objetivo foi promover uma democracia mais participativa longe de bipartidarismo e do domínio de bancos e corporações, bem como uma “verdadeira separação de poderes” e outras medidas destinadas a melhorar o sistema democrático. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Indymedia:** o Centro de Mídia Independente (CMI), também chamado de Indymedia, é uma rede internacional formada por produtores de informação caracterizada principalmente como de ordem política e social que se autodeclararam livres e independentes de quaisquer interesses empresariais ou governamentais. (Nota da **IHU On-Line**)

O jornalismo dominante é mais bem organizado que a web. Quando trata de manifestações, busca se apropriar das ações, da riqueza da multidão para criar matérias. Importante pensar naquilo que foge do seu controle, quando, mesmo sem querer, potencializa as lutas. Isso acontece principalmente ao dar voz a singularidades de resistência, apresentando falas dos sujeitos envolvidos nos coletivos; falas que poderiam se perder na infinidade de nós das redes sociais, ou poderiam nem chegar a elas. Quanto ao jornalismo de multidão, ele é um agenciamento, conecta Multidão e jornalismo, um devir-multidão do jornalismo. O jornalismo de multidão não precisa se parecer ao jornalismo dominante. É representante das lutas por outra globalização, como também é uma singularidade delas. Ou seja, o jornalismo de multidão faz parte da história, pois diz respeito a um ciclo de lutas iniciado na virada do século e a um modelo da internet já superado. Importante pensar agora nos processos midiáticos da multidão, que não se restringem ao jornalismo.

IHU On-Line - Quais características permitem pensar o jornalismo hegemônico como aquele relacionado ao Império?

Diego de Carvalho - Acho que é um tanto óbvio relacionar o jornalismo dominante ao Império, à sociedade de controle, pensá-lo como um dispositivo biopolítico, nos termos de Foucault⁶. Negri diz

⁶ **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores, como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Para Foucault,

que, no pós-moderno, o poder se impõe muito mais pelas mídias do que pelas disciplinas. Aídar Prado⁷, teórico brasileiro, exemplifica isso, a partir das identidades sujeitadas impostas pelas mídias.

As disciplinas na modernidade construíam identidades – um pai, um professor, um aluno –, mas que eram mais estáveis. As redes sociais, provavelmente, fazem o mesmo, mas de forma mais capilar e constante. Se no século XX você estava no trabalho, ou no ócio do fim de semana em algum parque, ou se estava na sala de aula, você estava longe da sala e da TV. Hoje, com a tecnologia atual, no lugar em que estiver você está comunicado com a internet. Agora dizer se é melhor ou pior, no máximo, cria um discurso apocalíptico ou integrado.

Como diz Deleuze: “importante é pensar nas possibilidades de resistência dessa condição”. Você pode estar a todo tempo recebendo informações e produzindo redes de comunicação. Mas quais informações e redes de comunicação? Eu passava com frequência na frente de uma escola, situada na rua em que morava, em Barcelona, e ficava impressionado ao

o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em várias edições, a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon203>; edição 364, de 06-06-2011, intitulada *História da loucura e o discurso racional em debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon364>; edição 343, *O (des)governo biopolítico da vida humana*, de 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon343>, e edição 344, *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon344>. Confira ainda a edição nº 13 dos **Cadernos IHU em Formação**, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **José Luiz Aídar Prado**: filósofo, possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade de São Paulo - USP, mestrado em Engenharia Civil pela USP e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Atualmente é professor assistente doutor da PUC-SP. É editor da revista *Galaxia*. Atua na área de Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação, Estudos Discursivos de Mídia, Políticas do acontecimento e Comunicação e psicanálise. (Nota da **IHU On-Line**)

ver grupos de adolescentes sentados em uma escadaria, todos juntos, mas todos jogando com seus smartphones. Eu me perguntava: por qual motivo estavam juntos, se podiam estar fazendo a mesma coisa sozinhos em casa? Isso exemplifica um agenciamento: homem-instrumento-ambiente.

Essa imagem dos adolescentes seria semelhante à de um grupo de senhoras, sentadas na frente de uma casa, em uma cidade do interior do Brasil (ou outro país), no meio do século passado (ou mesmo em outro século) todas juntas, mas fazendo tricô. Os sujeitos, os instrumentos, o ambiente, a época, referentes à cena das senhoras ou à dos adolescentes, são diferentes, mas é o mesmo agenciamento: homem-instrumento-ambiente. As redes sociais fogem para todos os lados, não é fácil apreendê-las. Talvez também, por serem mais recentes.

Já o jornalismo dominante é mais bem mapeado; é mais reconhecido. Penso que é importante esquecer um pouco do jornalismo e dar mais atenção à produção nas redes sociais. Perguntei a um okupa em Barcelona o que ele pensava sobre o jornalismo, ele disse: “é tudo lixo!”. Mas ele acreditava que as pessoas na recepção têm um posicionamento crítico, daí sua função. O importante da existência do jornalismo é a possibilidade de criticá-lo. E isso é fácil. É um nó do poder que está aí exatamente para isso.

IHU On-Line - Tendo em vista um ecossistema midiático não binário, onde características como linguagem e narrativa muitas vezes são apropriadas e reapropriadas, o jornalismo de multidão seria uma resistência a quê?

Diego de Carvalho - Jornalismo é uma das produções do Indymedia, nele são produzidos outros discursos, relações, formas organizacionais. É um mapa no qual o jornalismo é uma das linhas. As relações, os discursos, a organização se insurgem frente a símbolos

dominantes como a democracia representativa e o capitalismo.

IHU On-Line - De que forma o conceito de pós-mídia colabora para pensar o atual momento vivido pelo jornalismo?

Diego de Carvalho - Penso que a reapropriação das mídias por grupos não sujeitados é feita pelos movimentos de resistência. Guattari⁸ e Deleuze, como também Negri, parece que sempre tiveram uma capacidade incrível de se adiantar em relação ao seu tempo. Claro que não estou falando de futurologia. Por isso, o conceito de pós-mídia continua importante, e há toda uma produção de Guattari e Deleuze do fim dos setenta, a qual é utilizada nos dias de hoje. Não sei se foi o Negri quem influenciou isso já que os livros *Multidão* e *Império* são marcadamente deleuzianos. Talvez a pós-mídia, também, signifique o decreto de morte do jornalismo.

IHU On-Line - Em que estas experiências afetam o modo como a informação chega ao leitor?

Diego de Carvalho - Há uma produção excedente nas redes sociais, todos produzem. Não há mais necessidade da mediação do jornalismo. Isso aponta um desejo de autonomia da multidão. Ela produz suas mídias. As pessoas ainda defendem o Estado, mesmo que seja o democrático, como se fosse incontestável sua existência. Estranho uma pessoa desejar uma rede aberta, livre, gratuita, para todos como é a internet e ao mesmo tempo defender o capitalismo e a democracia representativa. Claro que eu sei que os perfis e as postagens no Facebook geram dinheiro

⁸ **Pierre-Félix Guattari** (1930-1992): filósofo e militante revolucionário francês. Colaborou durante muitos anos com Gilles Deleuze, escrevendo com este, entre outros, os livros *Anti-Édipo*, *Capitalismo e Esquizofrenia* e *O que é Filosofia?*. Félix Guattari, dotado de um estilo literário incomparável, é, de longe, um dos maiores inventores conceituais do final do século XX. Esquizoanálise, transversalidade, ecosofia, caosmose, entre outros, são alguns dos conceitos criados e desenvolvidos pelo autor. (Nota da **IHU On-Line**)

para a empresa. Mas também sei que as pessoas que produzem no Facebook querem fazer isso sem controle, se assustam com a possibilidade de controle, seja estatal ou financeiro.

As lutas na Espanha iniciaram em repúdio a leis que seriam criadas contra essa liberdade. Isso gerou um movimento em massa, apoiado pelo povo. Parece que muitas pessoas são libertárias midiaticamente e conservadoras no que diz respeito à macropolítica. A produção na internet apresenta características dos movimentos antissistema: é autônoma, ativa, colaborativa, não capitalizada, inclusiva, descentrada.

IHU On-Line - Qual a necessidade da atuação de um profissional no jornalismo de multidão? E de um diploma?

Diego de Carvalho - Há essa experiência no Brasil da Mídia Ninja. É um laboratório de produção. Pessoas que não têm formação profissional, produzindo algo que se assemelha ao jornalismo. Talvez a linguagem do jornalismo esteja tão interiorizada que a profissionalização acaba sendo inútil, e pior, aparta, corta a multidão. O jornalismo faz parte do cotidiano, por isso, é muito fácil a apropriação da linguagem. As redes sociais são interessantes porque atraem todos. Em pouco tempo de uso, os sujeitos já estão manejando elas.

No Indymedia, no coletivo que escolhia as matérias a serem publicadas, as pessoas que participavam eram ativistas e não jornalistas. Nos sites dos movimentos atuais há toda uma produção textual informativa feita por ativistas. Ninguém mais usa a palavra de ordem das mídias de resistência do início do século: odeia a mídia? Torne-se ela. Isso virou lugar comum.

IHU On-Line - Dentro deste novo ecossistema, qual o papel a ser exercido pela mídia tradicional?

Diego de Carvalho - Talvez a importância dessa mídia tenha sido seu papel educativo. E não estou

falando dos seus usos biopolíticos no século 20: educar, disciplinar o povo. É isso que eu falava antes, ter permitido uma linguagem universal, acessível a todos. Tendo sido feito isso, para que ela serve? Mesmo que a mídia tradicional posua suas linhas de fuga, penso que decretar sua morte é algo que já deveria ter sido feito. Não acredito em uma reforma da mídia de massa, como também não acredito em uma reforma da democracia representativa — note que não sou eu quem diz isso, mas os próprios movimentos. Isso me contradiz já que na pesquisa empírica sobre as lutas dos okupas e do 15M eu utilizo as mídias de massa como produtoras de conhecimento. O jornalismo organiza melhor as notícias, é mais modelado comparado com a produção dos inúmeros nós dos movimentos de resistência. Uma forma que talvez devesse ser apropriada, mas conjugada com o conteúdo libertário.

IHU On-Line - Ao pensar na necessidade de manter a sustentabilidade do projeto, qual é realmente a instância de independência presente em iniciativas de Mídia Independente? Captar o interesse de órgãos de fomento, editais, patrocinadores ou mesmo de um público interessado em colaborar não são matizes que acabam paupando o veículo?

Diego de Carvalho - Para se produzir nas mídias sociais basta uma cabeça, um computador e uma banda larga. O Indymedia tinha um grande peso sobre ele, era a mídia dos movimentos por outra globalização. O Indymedia foi uma experiência, que dependia de somas de dinheiro para funcionar. Estive em ocupações em Porto Alegre, fiquei seis meses pesquisando ocupações em Barcelona. Nelas sempre havia computadores e acesso a internet. Os membros usavam smartphones. Ou seja, no caso da produção midiática na web não há a necessidade de financiamento.

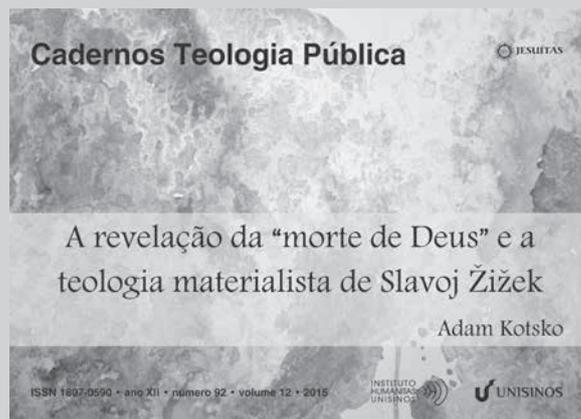
IHU On-Line - Deseja acrescentar mais alguma coisa?

Diego de Carvalho - O título do livro já aponta uma passagem de um modelo duro, o jornalismo, para uma produção rizomática, em rede, feita por uma multidão de singularidades. O Indymedia era algo como um meio-termo entre o jornalismo e as redes sociais. Ele era modelado em matérias principais, mas também tinha uma publicação aberta para todos. O conceito de jornalismo de multidão eu não uso mais. Diz respeito à história dos movimentos e da internet. O Indymedia hoje pode ainda servir como produtor, mas não como centro, é só mais uma singularidade midiática da multidão.

O movimento por outra globalização estava insatisfeito com a velha política e criou uma nova política, estava insatisfeito com a mídia e criou uma nova. Nos dias de hoje alguns elementos se mantêm — tanto nas okupas quanto no 15M — somados às redes de assembleias e comissões e à produção nas redes sociais. Os movimentos de ocupação atravessam as últimas décadas, mas posso falar sobre alguns casos. Eles não têm um local, então, okupam; são antissistema, então produzem sua política e relações diferentes das relações capitalistas. Percebe-se em todos esses movimentos — os alterglobalização, os okupas e o 15M — um desejo de autonomia, de retomar a vida.

Negri e Deleuze servem tanto para pensar os movimentos como também são instrumentos que deveriam servir para a prática libertária, como o que acontece com o anarquismo, a ecologia, os estudos de gênero; agenciamentos em que prática e teoria descaradamente se atravessam. Negri e Deleuze fazem sua crítica à transcendência, ao poder exterior e acima da multidão; tratam da forma como as singularidades são capturadas, as linhas de fuga impedidas, e isso se infiltra por todo o social. O poder age no interior dos sujeitos, é afirmado por eles. Um desejo de submissão. Os conceitos de multidão e devir aparecem como possibilidades de resistência: fazer multidão, experimentar os devires.

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR

IHU ON-LINE



INSTITUT
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Tema de Capa

#CREIO



TELMA MONTEIRO

Professora formada em Pedagogia. Pesquisadora independente e especialista em análises de processos de licenciamento ambiental e social de empreendimentos hidrelétricos e linhas de transmissão; responsável pelo Blog Energia elétrica, ambiental e socialmente limpa telmadmonteiro.blogspot.com.br.

Creio em...

Crer no amor, na vida e na utopia

Eu creio na persistência.

Eu creio no amor.

Creio na ética e creio na vida.

Creio nos valores básicos que fazem da existência humana um verdadeiro desafio. Acreditar, e sonhar com o que acredito é uma forma de combater as injustiças que permeiam a vida.

Acreditar numa utopia faz com que eu supere as dificuldades e os obstáculos impostos pelo outro.

É mais fácil alcançar o inimaginável quando você crê numa utopia.

O outro é aquele que está ali e, que como eu, pode enfrentar e ganhar as batalhas.

O outro é aquele que disputa comigo o direito de se impor.

O outro disputa comigo o direito de dar opinião.

O outro não é o meu inimigo.

Minha crença mostra que façanhas diferentes podem ter o mesmo fim, o mesmo objetivo.

O amor me leva a olhar o futuro de uma forma só minha.

Tão particular, que me enche de esperança e ansiedade e me faz crer na persistência infinita.

Com ela eu alcançarei incólume o futuro.

Acreditar no amor é a chave do meu equilíbrio, mesmo que isso possa parecer dicotômico.

Diz-se que quem ama perde a estabilidade, perde a visão do próprio eu, perde o pé.

Mas, para mim, amar é o desafio que escolhi para me fazer melhor perante o mundo e a crueldade do outro.

A persistência junto com o amor se transforma no instrumento poderoso com a força necessária para entender o mundo e os outros.

Eu amo a Natureza porque ela é o meu Deus e é nele que creio.

E porque creio nele, me abasteço de sua força para ainda crer no amor, na verdade, na utopia, na ética, na vida.

Minha crença abarca o mundo e é ela que me dá força, que me catapulta para o precipício imenso das escolhas.

O meu acreditar não me cega, não exclui e não discrimina.

O meu acreditar me faz escolher antes de julgar, me faz ouvir antes de apontar, me faz entender antes de dizer.

Eu creio em mim mesma, usando cada célula do meu ser.

Crendo eu, em mim, eu creio no outro, pois é o outro que refletirá o resultado da minha crença.

Sem esse espelho não haverá alma e nem amor.

#CREIO



DOM ERWIN KRÄUTLER

Dom Erwin Kräutler, Bispo do Xingu, nascido em 12 de julho de 1939 em Koblach, Província de Vorarlberg, Áustria, filho de Heinrich e Maria Kräutler, batizado em 13 de julho de 1939 na Igreja Paroquial da mesma cidade. Em 2010, recebeu o Prêmio Nobel Alternativo (Right Livelihood Award), em Estocolmo, na Suécia. Recentemente, em 2014, foi agraciado com o Prêmio Mérito Cardeal Vicente Scherer - Porto Alegre RS e Prêmio Antônio Montesinos - Agenda Latino-americana.

Creio em...

“Eu sei, em quem acreditei” 2 Tim 1,12

Eu sei! Eu sei!
Estou convicto!
Tenho certeza!

E não: eu acho.
Presumo, suponho,
Imagino, sonho.

Sei que Tu estás comigo,
Sei que me acompanhas,
Sei que caminhas ao meu lado.

“Eu sei, em quem acreditei”

Vejo-Te no recôndito da minha alma
E no próximo caído e despojado,
Crucificado entre Chuí e Oiapoque.

Ouçõ a Tua voz
Em Tua Palavra eternamente atual

E no surdo clamor dos pobres e
excluídos.

Sinto a Tua presença na Eucaristia,
Corpo entregue e Sangue derramado,
E na irmã, no irmão que chora e
padece.

“Eu sei, em quem acreditei”

Tu és amor.
A graça de todas as graças
É acreditar no Teu amor:

O amor que não tem limites,
O amor que não se cansa,
O amor que se doa a si mesmo.

O amor que abrasa,
O amor que cativa,
O amor que jamais passará!

“Eu sei, em quem acreditei”

#CREIO



HENRIQUE CORTEZ

Henrique Cortez é jornalista especializado em temas socioambientais, consultor e editor do portal EcoDebate e da revista Cidadania & Meio Ambiente.

Creio em...

Ao que parece, as crises cuidadosamente alimentadas na segunda metade do século XX explodiram agora, no século XXI. Muitos desafios se apresentam neste novo século, com destaque para as mudanças climáticas, aquecimento global, hiperconsumo, esgotamento de recursos naturais, crise alimentar, refugiados ambientais, ultraconservadorismo em ascensão, conflitos étnicos e religiosos, intolerância, etc.

Ao mesmo tempo, dois grandes fatores de superação destas crises se desenvolveram no mesmo período: a universalização da educação e o acesso à informação.

As grandes transformações e avanços que tivemos nestes últimos 50 anos foram impulsionados por estes dois fatores. E também por isto, a universalização da educação e o acesso à informação são odiados pelos setores que estão na vanguarda do atraso.

Acredito, firmemente, que não encontraremos alternativas, para o que

quer que seja, se não tivermos a educação e a informação como componentes centrais das discussões.

E, diante de tantas e tão ameaçadoras crises, mais do que nunca, precisamos avançar na educação e no livre acesso à informação. Novas mudanças, em direção a um outro mundo possível e necessário, virão, cedo ou tarde.

A primeira mudança será, evidentemente, na educação, que deve, além de ensinar, nos ajudar a compreender e assumir todas as nossas responsabilidades, individuais e sociais.

Não há como negar que o acesso à educação de qualidade, a educação cidadã, é essencial para a formação da consciência crítica da realidade, com a qual podemos compreender melhor o mundo à nossa volta e agir pelo futuro que queremos.

Ninguém nasce intolerante, preconceituoso, racista, homofóbico, supremacista, antissemita, islamofóbico, consumista, etc. Estas são atitudes que



Ninguém nasce intolerante, preconceituoso, racista, homofóbico, supremacista, antissemita, islamofóbico, consumista

aprendemos desde o berço, herdadas da intolerância, aberta ou camuflada, de nossos antepassados. Se não tivermos capacidade crítica de compreender nossos próprios preconceitos e superá-los, iremos, certamente, reproduzir o modelo, contaminando o berço de nossos descendentes.

E, aí, a informação, somada à educação, cumpre um importante papel social.

Neste século, a realidade se transforma rapidamente. Adaptação, atualização e compreensão destas transformações são desafios cotidianos. Ao mesmo tempo, muitas pessoas estão optando pela alienação, pela informação descompromissada.

Mas, é importante lembrar que alienação e consciência não andam juntas. Se formos sinceros, perceberemos que o problema não está na alienação de programas e matérias, mas na opção dos leitores e telespectadores.

A sociedade precisa ter acesso à informação — toda e qualquer informação.

As pessoas, diante das informações disponíveis, devem optar por qual conteúdo querem. Em certa medida, este é, simplificarmente, o conceito essencial da democratização da informação.

E, exatamente em respeito ao direito de informação, a mídia de consciência deve esforçar-se por sobreviver e demonstrar à sociedade que nossa existência cumpre um relevante papel social.

E, se isto for verdade, é nossa responsabilidade assumir um papel mais ativo no processo, valorizando a educação (com “e” maiúsculo) e motivando os leitores e telespectadores para uma compreensão mais crítica da realidade.

A sociedade tem direito a optar pela informação alienante e descompromissada, mas nós não temos direito à omissão.

Educação e informação, por maior que seja a nossa alienação, nos levarão à compreensão de que teremos o futuro que fizermos por merecer. Nem mais, nem menos.

#CREIO



IVONE GEBARA

Ivone Gebara, filósofa e teóloga feminista/ecofeminista. Nasceu em São Paulo. É membro da Congregação das irmãs de Nossa Senhora. Doutorou-se em Filosofia e Ciências religiosas. Viveu em Pernambuco durante 40 anos. Foi professora do Instituto de Teologia do Recife, fechado em 1989 por ordens do Vaticano. Professora visitante em diferentes faculdades nacionais e internacionais. Dá cursos e é assessora de diferentes grupos e movimentos populares. Tem vários livros e artigos publicados em diferentes idiomas e em diferentes revistas. Vive agora em São Paulo.

Creio em...

Minha fé

Parece tão simples discorrer sobre a fé se apenas repetirmos o Catecismo que nos foi ensinado. A gente decorava as verdades da fé e discorria sobre elas como aula bem aprendida. A lembrança da fé como virtude teológica, como força dada por Deus para sustentar nossa vida diária na linha do bem e da justiça fez parte da formação religiosa de muitas pessoas. A fé tinha apenas caráter construtivo positivo, estava só na direção do bem a todas as pessoas. Entretanto, quando a pergunta vem depois de muitos anos vividos as respostas do Catecismo, embora conservem sua pertinência, já não fazem eco de nossa verdade, ou melhor, da verdade de minha fé nos limites de meu hoje.

O que é mesmo *fé* para mim? Já não tenho uma resposta ou uma definição precisa. Já não falo dela como algo seguro, coerente e claro. Já não sei determinar seus limites nem sua profundidade ou sua clara expressão. Constato apenas que esse algo que chamo ou que chamamos *fé* habita no claro escuro de minha vida, na mistura e na contradição que sou e que

vivo. Habita o meu cotidiano, colada à minha pele e misturada às minhas entranhas.

A fé ou a adesão que faço a valores e pessoas não se expressa apenas nas coisas positivas e bonitas que desejamos que habitem nosso mundo. Não vem de um Cristianismo aprendido, aquele que tinha respostas a todas as perguntas, embora as respostas fossem incompletas e parciais. Mas, a fé hoje para mim é parecida com a constatação da miséria e da grandeza humana, fé como acolhida da desproporção que nos habita, que nos faz ser sempre maiores e menores do que pensamos ser. Fé expressa de diferentes maneiras em tradições milenares de sabedoria humana que nos ajudam a acolher a inconstância e a constância variada e criativa de nossa história.

Vem-me ao espírito um texto do Evangelho em que Jesus denuncia aqueles que enxergam a palha no olho do outro e não percebem a trave que está em seu próprio olho. Nessa linha, tenho percebido nossa maior ou menor cumplicidade na construção da violência e da crueldade no mundo, sobretudo quando apontamos em primeiro lugar para a irresponsabilidade e a



(...) livros sagrados não poderão nos ensinar nada se nosso coração não for capaz de enternecer-se diante de um homem faminto, de uma criança chorando de abandono

injustiça dos outros. É quase espontâneo em nós descobrir primeiro os culpados ou os inimigos que de certa forma perturbam a justiça social que imaginávamos. Aqueles que não são como eu ou não pensam como eu me incomodam. Até certo ponto essa atitude nos isenta da responsabilidade social pessoal e da apreensão do pluralismo que nos caracteriza. É comum que nos acusemos mutuamente de traidores ou de egoístas quando nosso bem próprio ou nossas ideologias estão em jogo.

A fé tem a ver com a acolhida dessa massa humana misturada da qual somos parte. Tem a ver com a limitada realidade de nosso corpo marcado pela complexidade de sua constituição. A fé é um ingrediente fundamental na complexa história de nossa vida. Está presente na mistura de tudo com tudo... Na farinha e no fermento, na massa sovada, descansada e finalmente levada ao forno. Está no pão partilhado, no pão falsificado, no pão roubado. Está na lenha que se acendeu e assou o pão. Está no comércio do pão e em todos que o comem.

Creio em nossa responsabilidade coletiva na manutenção ou na tentativa de sanar o desejo de tirar provei-

to das pequenas e grandes coisas. Os exemplos não faltam nas diferentes instâncias da vida familiar e social. Quem nunca se aproveitou de uma situação em benefício próprio? Quem nunca atirou pedras sobre os outros, sabendo-se merecedor de outras tantas? Quem nunca aceitou glórias e benefícios mesmo sabendo-se pouco merecedor? Quem nunca mentiu para sair-se bem ou para ocultar uma situação embaraçosa? Quem nunca usou do nome de Deus para esconder-se de si mesmo e dos outros? Somos trevas e luz... A fé está em nossa carne, esta carne que se entrega às vezes às pequenas e grandes corrupções e às vezes a grandes e pequenas causas. Move-se de muitas maneiras dentro de nós mesmos. No fundo, nós e nossa fé somos um. Marcados por nossa história, nossos medos, nossas paixões e nossos interesses. Além disso, ela é também o grito fundo que me lembra do torpor egoísta e me faz perguntar pelo outro, por meu vizinho, por minha filha, pela criança caída na estrada... Outras vezes está na pura beleza da aurora de um novo dia, ou no entardecer luminoso de certos dias de outono ou num sorriso ou num olhar que desmancha nosso coração de prazer.

#CREIO

Espero ...

Por isso espero... Que o coração humano não seja soberbo e ganancioso. Que nos eduquemos para não desequilibrar a instável balança de nossa vida, para não destruir a beleza que nos rodeia, para não ficar indiferente à dor alheia, para não sermos os únicos a participar do banquete de maravilhas que a Terra azul nos oferece. Minha fé e minha esperança se encontram, se dão as mãos, se assemelham, se misturam, se atraem, se conflitam, vivem uma da outra.

O que espero não são os novos céus e nova terra. O que espero não é a visão beatífica e a vitória total do bem... O que espero não é a Justiça total. Isto me deixaria até embaraçada, pois não sei qual seria esse Bem maior ou essa Justiça total imaginada por tantos. Prefiro evitar os totalitarismos do bem, assim como tentamos evitar os totalitarismos do mal. Sei que 'céus', 'terra sem males', 'bem absoluto' são imagens tecidas de culturas passadas. Sei que são linguagens a serem sempre decifradas de novo, visto que nutriram

e nutrem os segredos de vida e as esperanças de muitas e de muitos.

Piso no chão, nas ruas empoeiradas, respiro a poluição, ouço lamentos e gargalhadas de prazer. Como agrotóxicos e bebo água imprópria para o consumo. Caio em armadilhas inesperadas. Tenho frio e muito calor. Tenho fome e excessos de gorduras. Vivo nesta carne e é dela que espero algo porque é nela e dela que vivo. Esta carne que somos nós, corpo da terra, animal, vegetal, marinha, humana é o lugar de minha esperança. Esperança em pequenas coisas, em pequenos gestos capazes de revolver a terra seca que nos tornamos, de fazer voltar carne e músculos e ternura nos corações de pedra que construímos. Crianças saciadas, gostando de ler e escrever, alfabetizadas e letradas. Adultos vivendo para além da ganância e da competição... Fim da produção de armamentos... E há ainda tantas outras boas coisas! Será que dizendo isso estou fugindo do concreto, tirando os pés do chão, levitando nos ares? Creio que um pouco, sim... Esperar para além de toda a esperança é



(...) livros sagrados não poderão nos ensinar nada se nosso coração não for capaz de enternecer-se diante de um homem faminto, de uma criança chorando de abandono

próprio dos seres humanos. O impossível inclui o possível. E, a poesia é uma forma de esperar para além das esperanças, de comparar o azul do céu aos olhos da amada, o vento balançando as folhas do coqueiro aos cabelos da morena, o lobo e o cordeiro comendo no mesmo prato. Sem essa dose de esperança louca para além das esperanças, a humanidade deixaria de ter sonhos e de fazer poesia. A humanidade deixaria de ter fé na sua capacidade de destruir as armas de guerra e torná-las pás e arados para preparar a nova semeadura, deixaria de apostar de novo no amor e na justiça apesar dos muitos enganados.

Sim eu creio, tenho fé e espero... No pão partilhado de cada dia, na acolhida ao estrangeiro, no cuidado ao órfão e ao velho, ao drogado e ao alcoólatra, às vítimas de tantas guerras... Eu creio, apesar do real escurecido que meus olhos veem hoje... Espero que as portas de alguns juizes iníquos se abram para atender as viúvas, que alguns governantes abraçarão o direito e a justiça e algo será um pouco melhor nas relações humanas. Eu creio e es-

pero que o calafrio que atravessa meu corpo quando capto a distância entre o que sou e o que faço me convidem sempre de novo a renovar a difícil unidade entre eu e eu mesma. Calafrio incômodo e salutar ao mesmo tempo, pois abre a possibilidade da conversão, do aproximar-se de novo, do acreditar uma vez mais que o coração humano é apenas um frágil músculo de carne. Os nomes que essas experiências recebem segundo as diferentes tradições religiosas e filosóficas não têm muita importância... Os dogmas, as teorias, as grandes sínteses do pensamento, as grandes "revelações divinas" compiladas em livros sagrados não poderão nos ensinar nada se nosso coração não for capaz de enternecer-se diante de um homem faminto, de uma criança chorando de abandono, de uma mulher violada, de um estrangeiro buscando um lugar para viver. O provisório da vida é o chão que pisamos e, é nele, que a fé e a esperança crescem. Por isso, a fé e a esperança nas coisas pequenas e aparentemente insignificantes nutrem a minha vida, fazem minha vida, sustentam minha vida.

#CREIO



LINO SCHAEFER

Lino Schaefer tem 65 anos, trabalha há quase 26 anos na Unisinos. Antes de se tornar motorista da universidade, trabalhou em várias funções no Colégio Cristo Rei, em São Leopoldo, próximo à Unisinos.

Creio em...

O mais importante é acreditar na vida eterna. Se eu não acreditasse nisso a vida não teria valor nenhum. Nós temos pouquíssimos anos de vida aqui na Terra e perante a natureza isso não significa nada. A natureza existe há quantos milhões de anos? Uma pessoa humana vive no máximo 100 anos, isso não representa nada. Nossa vida é tão curtinha que ela não significa nada se não cremos em algo a mais. A vida eterna é uma vida de felicidade, porque aqui na Terra só temos trabalho, suor e roubalheira. Espero que do outro lado seja melhor, que haja justiça, mas a justiça divina, não a dos homens. Essa crença vem de família, vem de berço. Eu procuro passar isso para os meus filhos demonstrando

que a vida não é somente essa aqui, porque se fosse isso, não valeria nem a pena nascer.

A vida que temos por aqui é uma preparação para o que vem, é por isso que às vezes a gente tem que sofrer aqui para ter felicidade lá. O primeiro, e mais importante mandamento, é respeitar a natureza. E isso significa não explorar o outro, porque a natureza é muito mais sábia que o homem e ela não explora ninguém. Quem observa a natureza vai longe. Os índios viviam no Brasil há 12 mil anos, e eles observavam a natureza, o homem branco não observa a natureza, ele observa a ganância. Essa é a grande diferença. O homem branco destrói tudo, hoje em dia ele vive a ganância.



Quem observa a natureza vai longe. Os índios viviam no Brasil há 12 mil anos, e eles observavam a natureza

Espero...

A humanidade está fora dos trilhos. Toda a economia e toda a política gira em torno da ganância, nada gira em torno do bem. Hoje em dia os grandes ladrões estão soltos por aí, os pequenos, que roubam uma galinha, estão nas cadeias. Isso é a natureza? Não! Os homens tem que ser iguais, porque perante Deus são todos iguais. Há pouca luz no fim do túnel, o mundo tá muito difícil, mas a gente

tem que sempre ter esperança e fé de que vai melhorar. Isso está dentro da raça humana, por isso temos a esperança de que no outro lado será melhor.

Não é fácil encarar um mundo cheio de problemas, mas temos que encarar, somos colocados aqui para sermos testados. Eu espero me sair bem neste teste e, segundo o Evangelho, devemos lutar para irmos bem.

#CREIO



OMAR REIS

Omar Reis tem 54 anos, trabalha na Unisinos há mais de 33 anos, foi alfabetizado com 22 anos, quando já trabalhava na universidade e sequer sabia ler. Depois, completou o ensino médio. Atualmente integra a equipe de motoristas da Unisinos.

Creio em...

Pimeiramente eu acredito em Deus. Tenho fé. Acredito em Nossa Senhora Aparecida, tenho muita fé nela. Isso vem desde que eu era pequeno, minha mãe era muito devota de Nossa Senhora Aparecida, daí fui batizado na Igreja Católica. Eu nasci em Canela, na Serra gaúcha, e vim para São Leopoldo com 17 anos, trabalhava como jardineiro. Não sou muito devoto de ir na igreja, eu rezo bastante em casa e tenho minha santinha na cabe-

ceira da cama onde devoto minha fé. Nós temos que nos pegar com alguma coisa, porque acredito que a fé em Nossa Senhora Aparecida e a Deus é uma força maior junto à humanidade. Digo isso porque tudo o que tenho é graças a Deus, inclusive meus filhos e a minha família. Tenho quatro filhos, uma moça com 27 anos que é a mais velha e o mais moço é um rapaz de 17 anos, além de três netos.

“

Eu esperaria da humanidade, ou mesmo do poder público, um melhor combate às drogas e ao banditismo

Espero...

Eu esperaria da humanidade, ou mesmo do poder público, um melhor combate às drogas e ao banditismo. Eu tenho um filho drogado, desde os 17 anos. Eu me incomodo muito com ele. Por isso eu acredito em Deus e peço a Deus por ele. Se não fosse a minha fé eu estaria arriado. Eu entrego na mão de Deus e vou levando. Eu espero que as pessoas ajudem mais umas às outras, que a gente possa viver em mundo mais tranquilo e solidário. Eu espero que não haja tanta roubalheira como vemos atualmente com nossos políticos. Eu esperaria um mundo melhor.

#CREIO



FAUSTINO TEIXEIRA

Faustino Teixeira é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora - PPCIR-UFJF, pesquisador do CNPq e consultor do ISEER-Assessoria. É pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Entre suas publicações, encontram-se *Teologia e pluralismo religioso* (São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012); *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas* (Petrópolis: Vozes, 2009); *Ecumenismo e diálogo inter-religioso* (Aparecida do Norte: Santuário, 2008); *Nas teias da delicadeza: Itinerários místicos* (São Paulo: Paulinas, 2006); *No limiar do mistério. Mística e religião* (São Paulo: Paulinas, 2004); e *Os caminhos da mística* (São Paulo: Paulinas, 2012). Recentemente publicou, em coautoria com Renata Menezes, *Religiões em Movimento. O Censo de 2010* (Petrópolis: Vozes, 2013).

Creio em...

Sou das Minas Gerais, nascido entre as montanhas, numa família que marcou sua cadência pela presença do religioso. Sinos, velas, incenso e imagens faziam parte das histórias de minha infância e juventude. Foi nesse ambiente religioso que cresci, numa cidade que tinha o ritmo da tradição. Minha crença foi se tecendo embalada pelo exemplo familiar e pelas presenças que fui encontrando pelo caminho, algumas singulares. Recordo-me do exemplo bonito que encontrava entre mulheres e homens de fé, e isso causava um impacto muito vivo em minha trajetória. Ocorre que acabei fazendo a opção pelas ciências da religião e a teologia, num tempo que tinha as marcas da teologia da libertação. O que desde aquela época movia o meu interesse eram valores fundamentais, como a solidariedade, a fraternidade, a hospitalidade e a justiça. Via ao meu redor a presença de comunidades de fé que buscavam encarnar esses valores e tudo isso aquecia o meu coração.

Mesmo tentado a assumir uma caminhada de agente pastoral, resolvi, não solitariamente, seguir um rumo um pouco diferente, voltado para a pesquisa e o ensino universitário. Foram anos de formação teológica, iniciadas em Juiz de Fora, com continuidade no Rio de Janeiro e em Roma. Tenho que reconhecer que minha experiência de fé foi sempre muito pontuada pela dúvida e pela interrogação. Daí quando vejo o papa Francisco reconhecer a importância dessa humildade na experiência da fé, sinto-me profundamente irmanado com ele. Dizia o papa na entrevista com o Pe. Spadaro*, em agosto de 2013, que ninguém pode encontrar Deus "com certeza total". Quando isso ocorre, adverte, "não está bem". Assim aconteceu com os grandes guias do povo de Deus, como Moisés, que sempre "deixaram espaço para a dúvida".

Na minha trajetória de formação tinha dificuldades em acolher perspectivas teológicas ou doutrinárias vi-

gentes que entendiam a fé como um "depósito" enclausurado, rígido e intocável. Consegui "sobreviver" aos ventos romanos, gregorianos, sem me deixar abalar pelas inclinações dogmáticas. Com as artimanhas latino-americanas busquei seguir pistas teológicas que me ajudassem trilhar um caminho alternativo, em melhor sintonia com o horizonte de abertura que alimentava minhas expectativas. E confesso que dei muita sorte, pois encontrei tanto no Rio (PUC-RJ) como em Roma (Gregoriana) um espaço de acolhida e incentivo para a perspectiva que almejava. Os tempos eram propícios, apesar da conjuntura eclesial adversa. Mesmo estando inicialmente vinculado ao campo da eclesiologia, tema que envolveu minha tese doutoral, fui aos poucos me direcionando para outros temas, que favoreciam uma abertura mais destacada, como o tratado da graça. Daí um passo para a teologia das religiões, a área que marcou minha inserção profissional, já no final de minha presença no Rio e o início de minhas atividades no departamento de Ciência da Religião da UFJF. Muita água correu nesses vinte e cinco anos de atuação acadêmica em Juiz de Fora, num programa de pós-graduação que reúne profissionais de várias áreas do saber, como filosofia, teologia, antropologia, sociologia, letras e história. Tudo isso também contribuiu para provocar minha teologia e levantar novas questões. Mas claro que também ajudou, e muito, a presença de outros circuitos de reflexão que pude acompanhar ao longo dos anos.

Como me vejo hoje nesse âmbito da crença? Uma questão que é complexa e difícil de expressar. Posso, porém, rabiscar algumas perspectivas. Digo com certa tranquilidade que nunca passei um período marcado por crise mais substantiva nesse campo. Talvez em razão mesma da forma como compreendo a fé, que a meu ver deve sempre abraçar o movimento de busca e redefinição. Assim vivo minha experiência, e com muita alegria.



O que desde aquela época movia o meu interesse eram valores fundamentais, como a solidariedade, a fraternidade, a hospitalidade e a justiça

Em que acredito? Um de meus guias é Guimarães Rosa, que por meio do jagunço Tartarana, no *Grande Sertão: Veredas*, expressa um pouco o que sinto: "Natureza da gente não cabe em nenhuma certeza (...). As coisas assim a gente mesmo não pega nem abarca. Cabem é no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas". Continuo firme a acreditar na beleza do sentido, na dinâmica dos valores, na presença palpitante do Mistério, que a cada dia vejo acontecer e brilhar por todo canto, sem se restringir ao território restrito das religiões. Nossa grande tarefa não consiste em responder ou resolver o enigma do mundo, mas simplesmente aprender a viver no tempo, adentrando-se nas suas entranhas. Em linda oração ao tempo, Caetano Veloso sublinha que ele é "um dos deuses mais lindos", sendo nossa tarefa "entrar em acordo" com ele. A eternidade não é um para além da história, mas a vivência do tempo na sua integralidade e profundidade. Aqui e agora se abre a possibilidade de nossa realização fundamental.

Como canta Gilberto Gil, "mistério sempre há de pintar por aí". É ele o que existe de mais evidente. Em razão de minha substantiva inserção no campo do diálogo das religiões e da mística comparada, sinto-me leve e livre para poder lidar com essa presença gratuita do Mistério. E sobretudo estar muito alerta para captar o canto das coisas. Já dizia Simone Weil, "a atenção é a forma mais rara e mais pura da generosidade". Busco assumir isso como essencial em minha caminhada no momento atual: estar presente no tempo e manter aceso todos os sentidos para captar com respeito a pluralidade dos caminhos que levam ao Enigma maior. Daí insistir com tanta frequência no valor sagrado da diversidade, na abertura ao pluralismo de princípio, como um dom rico e gratuito. E acrescento ainda algo mais: o encontro com o diferente me faz perceber dimensões do Mistério que escapam à minha visada. O diálogo firma-se assim como essencial, na medida em que nos leva a descobrir facetas inusitadas e novidadeiras. Como dizia Jacques Dupuis, em razão do diálogo os cristãos encontram a linda oportunidade de descobrir, com maior profundidade, dimensões do mistério divino que escapam à ocular cristã. Nesse sentido, ser cristão hoje significa ser

inter-religioso, mas também inter-relacional. E assim me coloco nesse momento atual: como alguém que se sente domiciliado na tradição cristã, com tranquilidade e liberdade para lidar com o mundo da diferença. Em linha de sintonia com o buscador jesuíta, Paolo dall'Oglio, é em razão de minha tranquilidade na fé em Jesus Cristo, e não por uma dúvida a seu respeito, que vejo com alegria esse horizonte dialogal.

Torna-se para mim cada vez mais essencial viver essa abertura respeitando o sagrado destino espiritual de cada ser humano. Um destino que pode envolver a escolha religiosa, mas que pode igualmente ocorrer em caminhos não religiosos, mas pontuados pelo exercício de qualidades espirituais fundamentais. Dentre essas qualidades, o amor radical para com o próximo. Como lembrou o grande arquiteto da teologia católica, Karl Rahner, na experiência deste amor já acontece implicitamente "toda a relação salvífica do homem para com Deus e para com Cristo". Dizia também a grande mística, Teresa de Ávila, em suas Moradas, que quanto mais avançamos no amor ao próximo, mais próximos estamos do amor de Deus. Nós, no cristianismo, temos a alegria de contar com uma Presença que fascina, que é Jesus de Nazaré: alguém que nos transmite uma força interior impressionante. Alguém que viveu o diálogo na sua radicalidade, e que contagia luz, saúde e esperança. Como sublinhou José Antonio Pagola, é um exemplo que não se restringe ao mundo dos cristãos, mas que constitui um "patrimônio da humanidade".

Com base nessa minha experiência de fé, espero que essa nova sensibilidade espiritual possa ecoar por todo canto, e que as pessoas sigam com alegria o caminho da profundidade, para além dos enrijecimentos identitários. Não vejo outra saída possível. Pelos meandros da profundidade é que acessamos a liberdade espiritual essencial para viver no tempo a possibilidade de uma acolhida generosa da diferença. E quanto mais aprofundamos nossa identidade, domiciliados com liberdade em nossa tradição, mais seremos capazes de celebrar a presença do Mistério em toda parte.

* O jesuíta e a conversa. Entrevista com Antonio Spadaro disponível em <http://bit.ly/1xP11IK>.

#CREIO



CAROLINA DUARTE

Carolina Duarte - Psicóloga e Doula. Coordenadora do Gerando. Mestre e doutoranda em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora com o tema da Espiritualidade do Cuidado.

Creio em...

Foi com grande alegria que acolhi o desafio de dar meu depoimento. Percorri, então, um caminho novo, pois não posso dizer que sou uma pessoa religiosa. Cresci em uma família de origem católica tanto pelo lado materno como pelo paterno. Porém, meus referenciais religiosos não vieram de meu pai e minha mãe. Ele é ateu, pragmático e um tanto melancólico. Ela, bem, posso dizer que ela se aproximava mais da Nova Era do que de qualquer instituição religiosa definida. Havia um tom Marxista no ar da minha infância. Sou filha de pais questionadores. Ambos críticos do sistema, cada um a seu modo.

Este casal não batizou seus filhos ao nascer, não frequentava igreja alguma, não rezava formalmente, mas o elemento de uma espiritualidade difusa permeava o ambiente. Minha avó paterna reservava a Sant'Ana um lugar especial em sua sala de estar. Havia sempre uma flor vistosa ao seu lado e uma vela com pavio queimado, mas nunca aceso quando eu estava por perto. Afinal, criança que brinca com fogo faz xixi na cama. Este lado da família trazia também alguns elementos do Candomblé ou da Umbanda, pois viviam na Bahia e lá a proteção dos Orixás adentra todos os espaços.

O lado materno, em São Paulo, a convivência tinha um fundo que tendia às ideias feministas das mulheres fortes que me cercavam. Um de meus programas preferidos era passear com minha avó pela Av. Paes Leme. Caminhávamos sem pressa parando em cada lojinha dos chineses para comprar cacarecos, comíamos churros e terminávamos na Igreja. Não lembro o nome da Igreja, nem a que Santo estava ligada, mas aquele lugar me causava um misto de temor, curiosidade e

admiração. Lembro do cheiro das velas e do som das batidas do meu coração naquele silêncio de solene penumbra. Ela, minha avó, era a única pessoa que me levava à Igreja, mas nunca a uma missa. Não havia rituais ligados a uma religiosidade mais estruturada, mas eu tinha sede de respostas e estas me chegavam às vezes através das falas de uma Babá, ou pessoas de fora que me fizeram introjetar o elemento da culpa cristã de forma perturbadora. Sentia medo de ficar sozinha, medo do escuro, medo de morrer, mas principalmente medo que minha mãe morresse. E foi justamente uma morte que me levou a uma missa pela primeira vez. Eu tinha nove anos quando meu bisavô materno faleceu. Lembro de implorar que me levassem ao enterro, imagine só, eu queria ir a um enterro. Minha mãe acabou consentindo. Chegamos, então, à Queluz, uma pequena cidade do interior de São Paulo onde meu bisavô era velado no centro da sala de estar de sua própria casa. Havia muitas pessoas, ladainha, flores, velas, penumbra... Um caixão aberto com um corpo branco coberto por um véu. Lembro do susto que levei ao reconhecer naquele corpo as feições de alguém que antes estava vivo. Chorei copiosamente e toquei nas mãos geladas que descansavam sobre seu peito. Mas quase que imediatamente alguém me tirou dali. Fui levada à cozinha onde me fizeram comer e ouvir os tios já discutindo divisões e partilhas. Depois, mais calma, voltei à sala, não sei se com permissão ou se por fuga, e sentei ao lado do Babo. Rezei, acho que pela primeira vez na vida, mas eu não "sabia" rezar. Fechei os olhos e pedi fortemente para que ele estivesse bem. Quando voltei a mim e abri novamente os olhos percebi que o choro da grande vela ao lado



Então, ainda hoje, eu creio que sou pequena e sou parte de algo maior que me cuida, guia e protege

do caixão, aqueles filetes de cera derretida que escorrem ao longo da vela, tinham o formato de uma figa. Meu coração, então, se encheu de paz. Entendi aquilo como uma resposta de Deus ao meu pedido: ele estava bem. Percebi que no semblante do Babo, no fundo, havia um sorriso. Cuidadosamente descolei da vela a figa, levantei o véu que cobria o morto e lhe entreguei o elemento de proteção que lhe pertencia. Meu bisavô foi enterrado com um pouquinho de mim com ele. E sua figura permanece ainda hoje sendo a minha imagem interna de anjo.

Este evento, entre outros, fez nascer em mim a consciência de uma confiança que me constitui. Uma crença de que existe algo maior que me cuida, guia e protege. Porém, fez crescer ao mesmo tempo uma sensação de falta de pertencimento, uma falta de conhecimento sobre o que era permitido e o que não era. O desejo de me encaixar em uma religião, uma prática, uma família, fez com que eu pedisse, aos doze anos, para ser batizada e fazer primeira comunhão. Desejava ser aceita, aceita por Deus, e assim foi feito. Escolhi meus padrinhos e uma grande festa se fez. Porém, as raízes críticas e pragmáticas da minha família, que também me constituem, não me permitiram aceitar aquele Deus católico. Sinto hoje que absorvi a imagem Dele de forma misturada com a imagem do que os homens fizeram em nome Dele. Em minha adolescência, então, fugi da culpa e do julgamento católicos, mas mantive a esperança de que o “meu Deus” estivesse comigo. Nesse meio tempo, minha avó, aquela que me levava à Igreja, vira Budista. Realmente eu não tinha parâmetros sólidos onde me apoiar.

Ao longo da vida convivi com essa ambivalência: o desejo de me enquadrar e seguir uma tradição, e a minha incapacidade de compactuar com o fato de

que as pessoas dentro de uma tradição acreditam que detêm *A verdade*. Visitei algumas linhas do Budismo, o Espiritismo Kardecista, a Antroposofia, passei pela filosofia Hindu, me encantei pelas palavras do Sufismo e recentemente experimentei a Umbanda. Aprendi de maneira esplendorosa com todas estas denominações. Genuinamente enxergo, sinto, verdade em todas, mas não consigo conceber que alguma detenha a totalidade da verdade. Hoje sou uma estudante de religião, de Ciência da Religião. Muitas vezes me pergunto o que uma pessoa com concepções religiosas tão soltas como eu está fazendo ao se aprofundar neste universo. A resposta a esse questionamento interno vem com a minha também dificuldade em conceber o mundo árido da secularização como *A verdade*. Eu creio, vivo, sinto e experimento o encantamento das relações, da natureza, dos ciclos. Eu vejo as ligações, mesmo que não possa explicá-las, nomeá-las. Elas me alimentam, me dão uma dimensão grandiosa do sentido da minha vida, e das vidas, todas elas. Então, ainda hoje, eu creio que sou pequena e sou parte de algo maior que me cuida, guia e protege. Creio também que o que essa força maior entende por cuidado, guiança e proteção, pode ser diferente do que eu entendo ou desejo, então me resta entregar, confiar, aceitar e agradecer. Eu me norteio pela gratidão, ou pelo exercício contínuo da gratidão como meta. Com base em um sentido reverente que confere a tudo que é vivo uma qualidade de existência, espero que o ser humano consiga um dia conviver em si, entre si e com os diferentes de forma respeitosa. Espero que a ideia do antropocentrismo seja revisitada, questionada e requalificada. Que a ela seja acrescido um outro valor, o da responsabilidade. Que os seres humanos se percebam não mais como dominadores ou superiores, mas como cuidadores, guardiões da vida em todo seu esplendor.

#CREIO



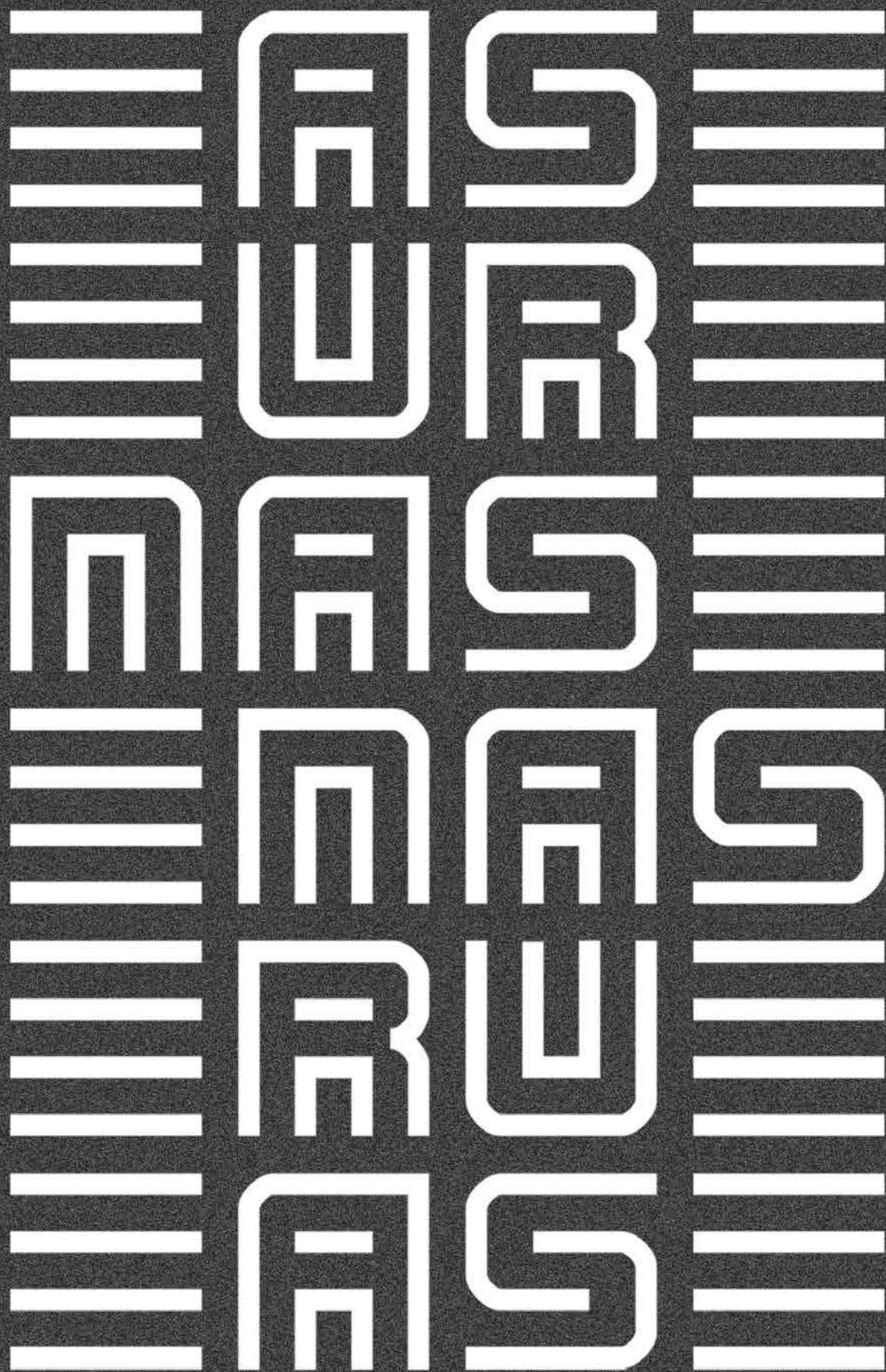
ANDRÉ VALLIAS

André Vallias (1963) é poeta, designer gráfico e produtor de mídia interativa. Publicou *HEINE, HEIN? - poeta dos contrários* (São Paulo: Perspectiva, 2011), a mais abrangente antologia já realizada em português da obra do poeta, jornalista e pensador judeu-alemão H. Heine. Em 2012, organizou a exposição multimídia *GIL70* (Centro Cultural Correios, RJ; Itaú Cultural, SP); no ano seguinte, exibiu o poema-instalação *TOTEM* no Oi Futuro - Ipanema, posteriormente publicado em formato de livro-álbum pela Cultura e Barbárie. É editor da revista online *Errática*: www.erratica.com.br.

Creio em...

46

OS FINS
MODIFICAM
OS MEIOS



#CREIO



PEDRO A. RIBEIRO DE OLIVEIRA

Pedro A. Ribeiro de Oliveira, sociólogo, professor aposentado da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF e da Pontifícia Universidade Católica - PUC-Minas, membro do Movimento Fé e Política.

Creio em...

Provocado a explicitar minha fé, traço um breve relato biográfico. Até a adolescência acreditei piamente que Jesus era um deus vindo ao nosso mundo para fundar a Igreja e confiar a ela os meios para alcançar uma vida feliz depois da morte. Na juventude descobri que ele queria uma vida feliz - porque assentada sobre a justiça - já neste mundo. Ao chegar à idade adulta passei a descrever que ele tivesse fundado alguma Igreja para recompensar seus membros com a felicidade eterna. Hoje, creio que Jesus de Nazaré foi uma pessoa extraordinária que, por ter proposto um modo de viver pautado na paz, na justiça e na solidariedade universal, contrariou as estruturas de seu tempo. Por isso foi morto na cruz, mas seus discípulos e discípulas são testemunhas de que ele ressuscitou e que anima todo aquele e toda aquela que se dispõe a participar de sua proposta de vida.

Fundamental na definição dessa trajetória foi a influência de pessoas nas quais eu percebia a presença divina. Além da família que demarcou minha vida de fé durante a infância e adolescência, foram - e são até hoje - de grande importância os exemplos e ensinamentos recebidos de pessoas cuja vida era pautada pelo seguimento de Jesus. Alguns padres - inclusive os que deixaram o ministério presbiteral - são para mim verdadeiros mestres espirituais, capazes de suscitar novas experiências da divindade. Também leigos e leigas cuja vida é um testemunho de Jesus vivente dão firmeza a minha fé. Posto que todas essas pessoas tinham ou têm uma marca católica, eu também me identifico como católico. "Desobediente, mas fiel", como dizia E. Mounier, assumo essa Igreja como espaço onde encontro alimento para minha fé na proposta de Jesus ressuscitado.



Entendo hoje a promessa de vida feliz como promessa planetária, válida para toda a comunidade de vida existente na Terra e não como recompensa individual para pessoas bem-comportadas

Espero...

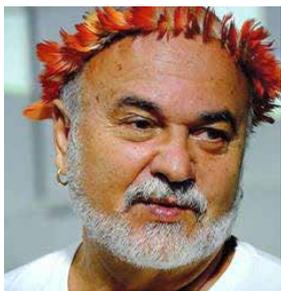
Se “a fé é um modo de já possuir aquilo que se espera” (He. 11,1) cabe então explicitar em quê reside hoje minha esperança. A razão moderna demoliu a imagem infantil de um céu onde se passa a eternidade em companhia só de gente boa e querida. A consciência crítica, por sua vez, desfez a miragem de felicidade propiciada pelo capitalismo produtivista e consumista. Nada demoliu, porém, a certeza de ser possível uma “vida longa e feliz sobre a terra”, porque esta é promessa divina. Sem essa esperança eu não veria sentido para viver.

Entendo hoje a promessa de vida feliz como promessa planetária, isto é, válida para toda a *comunidade de vida* existente na Terra e não como recompensa individual para pessoas bem-comportadas. Deus nos criou - se o situamos no passado - ou nos convida - se está no futuro - para uma vida de muita beleza. O conceito andino de *bem-viver* (*Sumak Kawsay*) é para mim a melhor expressão

desse projeto divino, porque harmoniza todos os âmbitos da vida (consigo mesmo, com o próprio grupo, com os diferentes, com a Mãe Terra, com as outras espécies vivas e com o espiritual). Há quem diga que o *bem-viver* é utopia; mas afirmo que é sabedoria, porque é nesses momentos de harmonia que se experimenta a felicidade. Longe de serem sonho, esses momentos - ainda que fugazes - são sinais sensíveis e antecipatórios da grande polifonia planetária para a qual somos convidados.

Aí reside a esperança que me faz levantar da cama e nunca desistir de lutar pela vida, pela paz, pelas justiça e pela solidariedade, assumindo a causa de quem tem sua vida mais vulnerável. Hoje afirmo que “o *bem-viver* é possível porque Jesus ressuscitou”. E não me preocupo com o que virá depois da morte, porque creio que viveremos para sempre na memória da divindade que é todo-amorosa.

#CREIO



LUIZ MOTT

Luiz Mott, professor titular de Antropologia da Universidade Federal da Bahia - UFB, ex-Dominicano, fundador do Grupo Gay da Bahia e do Grupo Ateísta Latino-Americano, autor de livros e artigos sobre homossexualidade, Inquisição, escravidão, relações raciais e sincretismo religioso.

Eu (não) creio em...

Tupã, Deus, Jeová, Oxalá, Alá — qual é teu deus? Todos são invenções humanas!

A Bíblia, a Vaca Sagrada, a Santa Cruz, os Orixás — qual desses objetos ou seres você adora e venera? Nenhum deles têm poder algum!

Maomé, Cristo, Lutero, Buda, Moisés — qual é o teu messias ou profeta? Todos estão podres debaixo da terra!

Candomblé, Seicho-no-iê, Quimbanda, Espiritismo, Protestantismo, Judaísmo, Catolicismo, qual é a tua religião? Todas se baseiam em mentiras e mitologias falsas!

Dalai Lama, Stela de Oxossi, Papa Francisco, Bispo Edir Macedo, Padre Marcelo, Pastor Feliciano, qual desses mortais serve de ligação entre você e o reino de deus? Todos são mitômanos, vivem e lucram com a mentira!

Você acredita que um feitiço bem feito com farofa de dendê e galinha preta numa encruzilhada, ou novena para Nossa Senhora Aparecida tem poder para resolver algum problema? Acreditar no poder de oferendas e velas é coisa de gente ignorante!

Você acha que fumar, tomar uma caipirinha, dançar ou ir ao cinema é pecado? Tem muito crente abestalhado que acredita que sim!

Você crê que Nossa Senhora foi engravidada pelo Espírito Santo, permanecendo virgem antes, durante e de-

pois do parto? É mais fácil acreditar na lenda da bela adormecida do que neste dogma inventado pelos papas.

Hoje apenas os crentes mais ignorantes defendem ao pé da letra que deus criou o mundo em sete dias: as outras religiões, inclusive a católica, já aceitam a teoria científica e inquestionável da evolução. O papa Francisco disse que Adão e Eva não existiram!

Até pouco tempo os padres estimulavam a devoção (e as esmolas, é claro!) a São Cristóvão, São Jorge, Santa Filomena, Santa Bárbara, São Cosme e Damião, etc, etc; hoje a Igreja Católica "cassou" o poder dessas criaturas informando que não há provas documentais de que realmente existiram. Suas relíquias "verdadeiras", confirmadas pelo Vaticano, foram tiradas de circulação por serem falsas.

Você sabia que somente 400 anos após a morte de Cristo é que existe o primeiro manuscrito do Evangelho? Como acreditar cegamente na "palavra de deus" que está na Bíblia se existem quatro séculos de vazio entre o que foi falado por Jesus e o que todo cristão deve aceitar como sendo "revelação divina"? 400 anos de vazio!

Você sabia que a Igreja Católica queimou vivos durante séculos milhares de mulheres e homens nas fogueiras da Santa Inquisição, pelo fato de serem judeus, hereges, homossexuais, feiticeiros, ou por não acreditarem



Mesmo quando as religiões fazem a opção preferencial pelos pobres, assim o fazem por oportunismo e os resultados dessa aliança é a volta à ignorância, ao misterioso, ao medo do inferno, à alienação

num erro defendido pela Igreja de que a terra era o centro do universo? Quantas centenas de católicos foram assassinados pelos protestantes da Irlanda em pleno século XX? Quantos milhares de cidadãos, os Aiatolás Muçulmanos do Irã, Iraque e países muçulmanos da África RAMaram cruelmente nos últimos anos em nome de Alá? Quantos pseudo-sacerdotes vivem de fazer feitiços e armações para prejudicar a vida dos inimigos de seus clientes? Pagou é o que basta.

Você já viu algum bispo pobre? Que pastores são esses que pregam a pobreza e o desprendimento das coisas materiais e que vivem em palácios episcopais e com mordomias como se fossem príncipes? E as jóias de certas mães de santo que andam dando cobertura sobrenatural para os ricos, já repararam? E as novas igrejas evangélicas universais e internacionais, verdadeiros caça-níqueis, que com a arrecadação do dízimo dos mais pobres construíram milionárias multinacionais?

Amigo, amiga! Pense seriamente: você está sendo enganado, iludido, mistificado. Religião é coisa de gente com ideias envelhecidas de jovens alienados e desinformados. Todas religiões sempre foram e continuam sendo ópio e o crack do povo. Religião é alienação, ilusão. Esperando o “reino dos céus”, dando a outra face a quem lhe esbofeteia, como mandou o guru dos cristãos, perdoando as que nos ofenderam, obedecendo como ovelhas aos poderes constituídos, dando o dízimo ou a esmola aos chefes do culto, fazendo o que as religiões mandam, você está sendo simplesmente mais um carneiro cego no grande rebanho dos ignorantes que acreditam em mitos, mentiras e

falsas revelações inventadas por mesias espertalhões e perpetuadas, por seus seguidores ainda mais danados, que encontraram na prestação dos serviços religiosos a inesgotável e fácil solução para viverem na “paz dos justos” – prazerosa ociosidade dos ministros do altar ou do peji.

Mesmo quando as religiões fazem a opção preferencial pelos pobres, abraçando causas populares, assim o fazem por oportunismo, porque estão perdendo terreno nas altas esferas do poder, e os resultados dessa aliança é a volta à ignorância, ao misterioso, ao medo do inferno, à alienação. Durante séculos a Igreja foi conivente com a escravidão de milhões de negros africanos; durante séculos queimou os protestantes hereges e os “pérfidos” judeus, destruiu as culturas indígenas. Hoje a mesma Igreja se arvora em defesa dos negros com missas dos quilombos, com conselhos indigenistas missionários que pouco podem fazer depois de décadas de etnocídio praticados por salesianos, capuchinhos, missionários evangélicos, etc. etc.

Deus não existe! Deus e o diabo são criação de espertos para assustar criança, dominar os fracos e roubar os ignorantes. O céu e inferno não existem. O demônio e os eguns travestidos em fantasmas ou disfarçados em lençóis e ectoplasma são invenção de espertalhões para assustar crianças e atemorizar inteligências débeis e pessoas mal resolvidas com a vida. A moral sexual pregada pelas religiões cristãs é machista, homofóbica e patriarcal, e todos e todas que a ela não se submetem são taxados de imorais, desviados, merecedores do fogo do inferno.

#CREIO

Espero ...

Não tenha medo de declarar-se ateu e ateia. Seja um ateu militante! Tire para sempre de sua linguagem e de sua vida o “graças a deus, se deus quiser, deus lhe pague”. Deus não faz falta a ninguém. Não existe pecado. Tudo é permitido, tudo é puro, tudo é lícito desde que haja respeito pela liberdade do outro. Seja irreverente e mostre o ridículo, as contradições, as falsidades e falcatruas de todas as crenças, rituais, religiões e ministros religiosos.

A religião não resolve o teu problema: a religião é o problema! Amigo ateu, amiga ateia: liberte-se das prisões da ignorância, da cretinice da fé, da imoralidade farisaica defendida pelos padres e freiras, da mistificação enganosa dos orixás e profetas do novo e antigo testamento, dos cristais, gnomos, pajés, rabinos, babalorixás, pastores, oscambau. Torne-se um ateu militante! Divulgue o ateísmo no seu meio, assumma-se ateu e ateia sem receios, leia e consolide seus conhecimentos teóricos

e científicos sobre ateísmo, agnosticismo, evolucionismo e materialismo. No Google encontrará grupos ateus, bibliografia e material informativo.

O filósofo Voltaire, há mais de duzentos anos, já dizia que o mundo só seria justo e mais humano quando o último rei fosse enforcado com as tripas do último padre. Nossos antepassados já fizeram a metade do serviço: os reis se tornaram peças de museu. Resta-nos acabar com as trevas de todas as metafísicas espiritualistas, varrer de nosso país e planeta a ignorância representada por todas as religiões, desde o candomblé ao catolicismo, passando pelas desvairadas seitas protestantes, mesa-branca, magia-negra, orientalismo inclusive. Abaixo a ignorância, a mitologia e alienação!

* Grupo Ateísta Latino-Americano - Gala. A primeira versão deste manifesto foi escrita em Salvador, 1º de novembro de 1982.

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

#CREIO



LUIZ AUGUSTO FAROFA DA SILVA

Luiz Augusto Farofa da Silva, 52 anos, natural de Canela - RS, professor do Ensino Médio na Rede Pública Estadual e Gestor Municipal de Políticas Públicas de Desenvolvimento Social em Canoas - RS, graduado em História. Atua na E.E.E.M. Cônego José Leão Hartmann, bairro Guajuviras, também em Canoas.

Creio em...

Em que acreditar em um momento em que a humanidade é quase uma negação da mesma? Por isso acredito que o ser humano necessita voltar em busca das suas origens. O que nos fez estarmos aqui e dominarmos e modificarmos o meio ambiente para o conforto e bem-estar "de todos nós"? Acredito que devemos buscar a origem do trabalho e da construção coletiva, dos valores como a solidariedade, a partilha, o bem comum, a sustentabilidade, a igualdade, a justiça e o amor e respeito entre as pessoas e com o meio ambiente. Podemos de fato pretender um mundo melhor, sem exclusão, sem violência, sem destruição da natureza e da vida. Acredito que não precisamos reinventar a roda, basta buscarmos no processo histórico quais os meios e os valores utilizados para que a humanidade se transformas-

se no que somos. Já nos ensinavam os sábios, muitas vezes as soluções para os problemas mais complexos são as mais simples. A vida é um ciclo natural em que precisamos estar prontos até para as surpresas. Então para que complicar um ciclo que é praticamente perfeito? Acredito no ser humano como um ator social com capacidade de realizar coisas maravilhosas para a coletividade e para o próximo sem olhar a quem. Com condições de transformar e vencer diversas barreiras. Para ser útil na vida, em qualquer das suas dimensões, não é necessário lutar ou vencer o outro. Nosso melhor aliado é o nosso irmão, nosso vizinho, nosso amigo. E se muitas vezes a vida nos traz desafios que à primeira vista parecem intransponíveis, é provado que coletivamente podemos mais e melhor.



Então vamos cativar o bem e sermos responsáveis por uma sociedade onde todas as pessoas se vejam e se sintam incluídas em todos os processos e dimensões

Espero...

Espero que o conhecimento construído no processo histórico da humanidade tenha condições de garantir um mundo e uma sociedade, onde o essencial é invisível aos olhos, como nos ensinou em *o Pequeno Príncipe*, Antoine Saint Exupéry. Onde as pessoas tenham seu valor reconhecido pelo que são e não pelo que têm. Onde a tolerância e a gentileza andem de mãos dadas. Uma sociedade que termine com todo o tipo de violência, discriminação e intolerância, que a vida siga sendo o bem maior e inalienável. Que as pessoas desenvolvam a capacidade de se comunicar não apenas através da fala, mas que uma troca de olhar diga mais que um discurso bem elaborado. Que as pessoas sintam-se sempre muito melhores na presença do outro, as crianças tragam a certeza no olhar que são amadas pelos pais e mães biológicos, afetivos, adotivos, héteros ou homoafetivos, não importa, o que importa é o amor puro e sincero. Que, de forma alguma, as pessoas não percam a capacidade de sonhar e que tenham a condição de melhorar em todos os aspectos humanos e humanizadores. Não espero super-homens ou supermu-

lheres, espero apenas uma humanidade essencialmente humana. A política volte a sua origem que é a arte do bem comum. Se me perguntarem se tudo isso é possível? Respondo com muita tranquilidade, só depende de nós e de nossas escolhas, do exercício do livre arbítrio. Pois trazendo Saint Exupéry de volta. “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.” Então vamos cativar o bem e sermos responsáveis por uma sociedade onde todas as pessoas se vejam e se sintam incluídas em todos os processos e dimensões. O que estamos esperando? Vamos iniciar já. Onde? Nas nossas vidas, na forma como nos relacionamos com o mundo e com as pessoas, somente os seres humanos têm a capacidade de encarar de frente e vencer um desafio do tamanho desse, ou seja, fazer o bem sem olhar a quem e preservar o nosso planeta se utilizando do conhecimento para um desenvolvimento sustentável. O desafio é começar já pelas nossas casas e pelas relações que estabelecemos em nossas vidas. “O sonho deixa de ser sonho, quando nos movimentamos para transformá-lo em realidade”.

#CREIO



MATHEUS NIENOW

Matheus Nienow, 19 anos, natural de Bom Princípio (RS) - acadêmico de Ciências Econômicas na Unisinos. Estagiário no Observatório da realidade e das Políticas Públicas do Vale do Rio dos Sinos - ObservaSinós do Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

Creio em...

Crer. Apenas uma palavra, mas muitas opções. Crer em algo é uma espécie de "eu sei que isso pode acontecer – mesmo não tão facilmente – mas eu preciso crer". Uma simples discordância do crer nos proporciona um conflito imenso, assim como simples ações são baseadas na crença de alguém em algo. Eu creio em quê? Naquilo que parece improvável aos olhos alheios? Ou naquilo que eu não posso considerar provável (do verbo provar)?

Eu basicamente creio que a vida deve ser priorizada, antes de qualquer outro aspecto da sociedade. Que a vida seja o centro de nosso mundo, uma espécie de biocentrismo, não só a vida humana, mas como todas as outras das quais dela dependem e na qual a vida humana é fundamentada. Tudo deve e pode girar ao redor da existência da vida, da crença na vida. Mas, qual o motivo de eu crer na vida? O simples fato de eu coexistir em um mundo em que vejo pessoas que simplesmente creditam a morte antes da vida como crença? As crenças só existem porque alguém crê no contrário?

Eu creio que pequenos gestos em prol da vida, por exemplo, possam fazer uma imensa diferença, mesmo em ambientes onde estes gestos são tão incomuns. Em cenários onde essa possibilidade se tornou intangível e intransponível. Ajudas que possam refletir na reflexão de um próximo e de suas respectivas crenças, porque estas também são moldadas conforme a sociedade ao seu redor é moldada.

Creio que é possível melhorar o mundo, transformá-lo cada vez mais em um ambiente sustentável, em que a tecnologia – muitas vezes vista como vilã – é o principal fator possibilitador disso. Podemos tornar este mundo mais justo, possibilitando a igualdade de direitos em uma visão igualitária de diversas sociedades.

Crer, em alguns casos, também é sinônimo de acreditar. Com isso em mente, de fato eu acredito em muitas concepções. Acredito que a individualidade é um fator condicionante da riqueza de uma sociedade, já que esta possibilita a discussão de assuntos até então inimagináveis pela linha geral de ser. Além disso, acredito que o nosso cotidiano nos traz ensinamentos a todo momento. Ele nos coloca em uma caixa, chacoalha-a e nos devolve para o seu exterior, estejamos ou não preparados para isso. Sempre fomos clientes do cotidiano e pouco o creditamos.

Eu acredito em pessoas. Sou ingênuo por isso? Talvez. Mas acreditar em pessoas, crer nelas faz bem, já que isto cria outro tipo de chão em que é possível pisar – nesse ponto nem penso que há necessidade de entrar na questão do quão firme esse chão é ou pode ser. Acredito no futuro, que este possa criar um ambiente habitável para todos os seres. Não deixo de acreditar no passado, ao passo que este nos orienta, como uma bússola, à direção que pode ser seguida – não deixa de ser fato também que às vezes a bússola é falha, ou pelo menos aparenta ser.

Crer – para mim – é um pouco de tudo que já foi aqui dito, mas também é muito mais. As crenças formam mundos particulares e originais. Em linhas gerais, eu creio que é possível criar um ambiente em que sejam respeitadas as mais básicas características do ser humano, cor/raça, sexo e idade, por exemplo. Um lugar em que haja liberdade para agir e ser um ser moldado não só pela sociedade, mas conforme as perspectivas próprias.

Creio na verdade. Creio na justiça. Creio na tolerância. Creio na paz. Creio na ciência. Creio nas diversas igualdades. Creio no amor. Creio na solidariedade. Creio no melhor das pessoas. Crer aparenta ser fácil.



Podemos tornar este mundo mais justo, possibilitando a igualdade de direitos em uma visão igualitária de diversas sociedades

Espero...

Espero que pelo menos algumas das minhas crenças possam se concretizar, que a vida seja vista como prioridade e a igualdade seja uma realidade mundo afora. Espero poder participar e ser ator deste ciclo de crescimento da sociedade e não apenas de um crescimento socioeconômico – geralmente desigual. Espero que alguns paradigmas existentes na sociedade sejam quebrados – ou pelo menos transformados – e que o debate seja promotor de novas experiências que conduzam a nossa realidade a um rumo mais igualitário e compreensivo.

Necessito participar de grupos que compreendam o valor da vida e o incentivem, que o priorizem a fim de poder trazer um mundo mais justo às pessoas que realmente necessitam deste mundo novo. Espero fazer parte disso. Mas esperar é uma problemática no mundo, já que este não segue roteiros, e assim o que eu espero se torna um pouco mais superficial a cada virada de página.

Entretanto, o crer e o esperar se tornam cômputos em grande parte das nossas objeções. Espero poder realizar

meus objetivos que eu tenho traçado para parte da minha vida – desde lazer até estudos – mas, ao mesmo tempo, creio que eu possa realizá-los. É uma ligação, que tende a me confundir no que eu realmente creio e consequentemente espero para o meu futuro.

Em esperanças pessoais, espero poder realizar intercâmbios culturais que me enriqueçam para que eu possa compreender as realidades de nosso cotidiano. Espero conciliar trabalho com lazer – fato que hoje é considerado de difícil execução por muitas pessoas – e poder conciliar isto de forma a participar da sociedade.

Espero o futuro, que este como qualquer outro seja um sinal de esperança, um sinal verde para aqueles que até o presente poucos sinais verdes puderam presenciar ou deles fazerem parte – sejam estes sinais maduros ou não. Aguardo pelo desuso da palavra tolerância, ao passo que a sua antônima: a intolerância, seja extinta. Afinal, os opostos não se atraem? Espero que, neste caso, eles se atraiam ao desuso.

#CREIO



KARIN WONDRACEK

Psicóloga e psicanalista, doutora em Teologia pelas Faculdades EST. Professora de Psicologia e Aconselhamento Pastoral. Sua área de atuação se situa na interface entre teologia, fenomenologia e psicanálise; é coordenadora do Grupo de Pesquisa em Fenomenologia da Vida e do Grupo de Pesquisa em Aconselhamento e Psicologia Pastoral. Pesquisadora do Grupo de Investigação “O que pode um corpo?” do Centro de Filosofia (CEFi) da Universidade Católica de Lisboa. Membro pleno e docente da Sigmund Freud Associação Psicanalítica e do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos - CPPC.

Creio em...

Eu creio em uma Relação que me deu a vida e que a mantém. Num fundamento que me pôs, e perante o qual quero viver, para dizer com Kierkegaard. Não sou somente filha do meu pai e minha mãe, mas sou filha da Vida que se doou a eles e através deles a mim. Aprendi isso da boca dos meus pais, e reaprendi em linguagem acadêmica pelas palavras de Françoise Dolto e Michel Henry.

Concordo com Freud, de que construo uma ou várias imagens desse poder fundante, muitas baseadas nas minhas vivências infantis. Mas creio em Deus Pai para além da imagem projetada, e a melhor correção da distorção encontro nas sessões de análise e na leitura diária da Bíblia. Ela me conta sobre homens e mulheres que foram visitados pelo divino, e de como mudaram suas vidas a partir disso. E me relata como o próprio Filho de Deus nos visitou e ao voltar ainda nos deixou Seu Espírito, que a todo tempo confirma em meu espírito a condição de filha.

Essas narrativas povoaram minha infância, minhas brincadeiras, meus medos do desconhecido, e me fizeram sonhar com terras longínquas e imaginar

as origens da vida e o que nos espera após a morte. A voz ritmada do meu pai e da minha mãe, contando essas histórias, traziam um mistério e ao mesmo tempo uma tranquilidade, de que um poder maior que o deles vivia conosco e nos guiava.

As dúvidas vieram? Sim, compareceram em diferentes tempos e nuances, em crises e em reflexões.

Eu creio com dúvidas, apesar das dúvidas, através das dúvidas — elas me revelam novas facetas da vida, e garantem sempre um lugar para o mistério. Mistério como o expressa Rubem Alves, que habita a beleza dos lugares de sombras, pois nem tudo se aclara matematica e estatisticamente.

Eu creio que Deus habita no paradoxo, e a poesia de Adélia Prado e Arminho Trevisan me guiam através dele.

Eu creio em noites escuras, da alma e dos sentidos, como expressa São João da Cruz.

Eu creio em desertos como lugares de revelação do amor.

Eu creio em grãos de trigo que morrem e frutificam.



Creio em Deus Pai para além da imagem projetada, e a melhor correção da distorção encontro nas sessões de análise e na leitura diária da Bíblia

Espero...

Seguir aberta ao sagrado, nas múltiplas formas deste se revelar nas vidas dos meus irmãos e irmãs especialmente dos pequeninos.

Que eu não queira fixar modos de revelação do divino e nem como devem ser meus dias.

Que eu possa receber a Sua visita nos modos menos usuais e fora de protocolos — afinal Ele me diz que está na brisa suave e não no temporal.

Mas que em meio à tempestade eu também sinta Sua mão segurando a minha, e me transmitindo seu “Não temas” — não no sentido da negação da dificuldade, mas pelo complemento: “Eu estou contigo”. Esta relação me sustenta, ou quando estou débil, me carrega.

Isso eu espero, na certeza de que posso ser fraca, pois nessa condição recebo ainda mais a sua força.

LEIA MAIS ESPECIAL...

Descubra outras entrevistas, artigos e notícias sobre os entrevistados.**Telma Monteiro**

- **Hidrelétrica de Teles Pires. “A floresta é destruída sem cerimônia e deixa a terra nua, vulnerável e sangrando.”** Entrevista com Telma Monteiro publicada nas Notícias do Dia, de 11-10-2013, disponível em <http://bit.ly/1G8fuY9>;
- **Telma Monteiro. O testemunho de uma ambientalista.** Perfil de Telma Monteiro, publicada na IHU On-Line, edição 394, de 28-05-2012, disponível em <http://bit.ly/1xOT5hA>;
- **Belo Monte: ‘um conto de fada’ disfarçado.** Entrevista com Telma Monteiro, publicada na Revista IHU On-Line, edição 392, de 14-05-2012, disponível em <http://migre.me/9ddTG>;
- **“A consciência ecológica e o respeito à natureza alcançaram a sociedade, mas não as autoridades brasileiras”.** Entrevista especial com Telma Monteiro, de 11-04-2012, disponível em <http://bit.ly/1HB4DpX>;
- **Belo Monte, o calcanhar de Aquiles do governo.** Entrevista especial com Telma Monteiro, de 30-05-2011, disponível em <http://bit.ly/1JNZZbm>;
- **A urgência insana de Teles Pires.** Entrevista especial com Telma Monteiro, de 13-10-2010, disponível em <http://bit.ly/1Jdw1gO>;
- **Leilão de Belo Monte: uma armação.** Entrevista especial com Telma Monteiro, de 24-04-2010, disponível em <http://bit.ly/1KgtU9s>;
- **As cinco hidrelétricas no Rio Tapajós. “Nenhum rio, no mundo, suporta isso”.** Entrevista especial com Telma Monteiro, de 09-03-2010, disponível em <http://bit.ly/1Jdw6Rz>;
- **Que conta é essa?** Entrevista especial com Telma Monteiro, de 11-06-2009, disponível em <http://bit.ly/1JAD6GZ>;
- **Matriz energética. O Brasil na contramão da história.** Entrevista especial com Telma Monteiro, de 30-07-2008, disponível em <http://bit.ly/1Mceszz>.

Henrique Cortez

- **Um outro Dia Mundial do Meio Ambiente, mas com desafios ainda maiores.** Artigo de Henrique Cortez publicada nas Notícias do Dia do sítio do IHU, em 06-06-2014, disponível em <http://bit.ly/19opZdb>;
- **Sobrepesca: um problema ambiental e alimentar.** Entrevista com Henrique Cortez publicada nas Notícias do Dia do sítio do IHU, em 23-08-2012, disponível em <http://bit.ly/1xOUhRQ>;
- **Consumo ético. Uma forma de “indulgência” ao “pecado” do consumo.** Entrevista com Henrique Cortez publicada na IHU On-Line 275, de 01-06-2009, disponível em <http://bit.ly/1xOUJjf>;

Ivone Gebara

- **A presença da mulher na Igreja: retórica sem mudanças significativas.** Entrevista especial com Ivone Gebara publica nas Notícias do Dia do IHU, de 09-09-2014, disponível em <http://bit.ly/1qBYP83>;
- **“Sair da concepção clerical ou papal da Igreja. Um desafio”.** Entrevista especial com Ivone Gebara publicada nas Notícias do Dia do IHU, de 17-08-2013, disponível em <http://bit.ly/1F9jczp>;
- **Papa Francisco no Brasil, alguns olhares.** Cadernos Teologia Pública, 79ª edição, disponível em <http://bit.ly/1xsJlZK>;
- **Em defesa da legalização e da descriminalização do aborto.** Entrevista com Ivone Gebara na IHU On-Line 219, de 14-05-2007, disponível em <http://bit.ly/1CCEplt>;
- **“A crise do masculino se situa na falta de sua nova identidade”.** Entrevista com Ivone Gebara na IHU On-Line 210, de 05-03-2007, disponível em <http://bit.ly/1CCEzJy>.

Faustino Teixeira

- **O legado de Teresa e Merton - Por uma conexão entre o amor humano e o espiritual.** Entrevista com Faustino Teixeira na IHU On-Line 460, de 16-12-2014, disponível em <http://bit.ly/17gn8Cb>;

- **A presença de um mestre: Daisetz T. Suzuki.** Artigo publicado na edição 458 da IHU On-Line, 10-11-2014, em <http://bit.ly/ihuon458>;
- **A mística nos rastros do cotidiano.** Entrevista publicada na edição 435 da IHU On-Line, 16-12-2013, em <http://bit.ly/ihuon435>;
- **Por toda parte, o segredo de Deus.** Entrevista publicada na edição 407 da IHU On-Line, 05-11-2012; <http://bit.ly/ihuon407>;
- **O pluralismo religioso no coração da teologia.** Entrevista publicada na edição 398 da IHU On-Line, 13-08-2012, em <http://bit.ly/ihuon398>;
- **Mística: experiência que integra anima (feminilidade) e animus (masculinidade).** Entrevista publicada na edição 385 da IHU On-Line, 19-12-2011, em <http://bit.ly/ihuon385>;
- **O Jesus de Pagola.** Entrevista publicada na edição 336 da IHU On-Line, 06-07-2010; em <http://bit.ly/ihuon336>;
- **Teologia Pluralista e Teologia da Revelação.** Entrevista especial publicada no sítio do IHU em 04-07-2010, em <http://bit.ly/ihu040710>;
- **Perfil - Faustino Teixeira.** Publicado na edição 314 da IHU On-Line, 09-11-2009, em <http://bit.ly/ihuon314>;
- **O budismo e o “silêncio sobre Deus”.** Entrevista publicada na edição 308 da IHU On-Line, 14-09-2009, em <http://bit.ly/ihuon308>;
- **Bento XVI e Barack Obama: novas perspectivas de diálogo com o islã.** Artigo publicado nas Notícias do Dia, 06-06-2009, em <http://bit.ly/ihu060609>;
- **Jesus de Nazaré: um fascínio duradouro.** Artigo publicado na edição 248 da IHU On-Line, 17-12-2007, em <http://bit.ly/ihuon248>;
- **Uma reflexão sobre o pluralismo religioso a partir de Aparecida.** Entrevista publicada na edição 244 da IHU On-Line, 20-06-2007, em <http://bit.ly/ihuon224>;
- **“Rûmî é o poeta da dança da Unidade”.** Entrevista publicada na edição 222 da IHU On-Line, 04-06-2007, em <http://bit.ly/ihuon222>;
- **Teologia da Libertação: a contribuição mais original da América Latina para o mundo.** Entrevista publicada na edição 214 da IHU On-Line, 02-04-2007, em <http://www.bit.ly/ihuon214>.

Dom Ervin Kräutler

- **A monstruosidade de Belo Monte e descalabro em Altamira que Dilma não teve coragem de ver.** Entrevista especial com D. Erwin Kräutler publicada nas Notícias do Dia do IHU, de 16-01-2015, disponível em <http://bit.ly/1AXwzQV>;
- **Denúncia feita ao Papa: “Grupos político-econômicos buscam desconstruir os direitos territoriais dos povos indígenas”.** Entrevista especial com Dom Erwin Kräutler publicada nas Notícias do Dia do IHU, de 15-04-2014, disponível em <http://bit.ly/1etftTB>;

Pedro A. Ribeiro de Oliveira

- **A desafeição religiosa de jovens e adolescentes.** Entrevista especial com Pedro Ribeiro de Oliveira publicada nas Notícias do Dia do IHU, de 05-07-2012, disponível em <http://bit.ly/1G8m9l1>;
- **Igreja “em saída” X restauração identitária: como desempatar?** Artigo de Pedro A. Ribeiro de Oliveira publicado na edição 453 da IHU On-Line, de 08-09-2014, disponível em <http://bit.ly/19oBaT6>;

Luiz Mott

- **Autonomia e diálogo. 1ª Conferência do Movimento Homossexual.** Entrevista especial com Luiz Mott publicada nas Notícias do Dia, de 26-06-2008, disponível em <http://bit.ly/19oBaT6>;

Karin Wondracek

- **Abismo escancarado ou útil variação.** Entrevista com Karin Wondracek publicada nas Notícias do Dia, de 04-12-2006, disponível em <http://bit.ly/1HWIX9B>;
- **Quer entender a modernidade? Freud explica.** Cadernos IHU em Formação, disponível em <http://bit.ly/1DdGRj4>.

ME TRÓ POLES

POLÍTICAS PÚBLICAS E
TECNOLOGIAS DE
GOVERNO.

TERRITÓRIOS,
GOVERNAMENTO DA VIDA
E O COMUM.

6 DE ABRIL A 9 DE JUNHO DE 2015

Um evento para debater transdisciplinarmente as METRÓPOLES a partir de diferentes abordagens teórico-metodológicas, analisando seus principais PROBLEMAS e POSSIBILIDADES.

Conferências das 19h45min às 22h
Unisinos - São Leopoldo | RS

FAÇA SUA INSCRIÇÃO EM IHU.UNISINOS.BR



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

 UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

**IHU em
Revista**

Agenda de Eventos

Confira os eventos que ocorrem no Instituto Humanitas entre os dias 30-03-2016 e 13-04-2015.



Lançamento do Livro **Direito humano à (homo)afetividade e os movimentos sociais LGBT**

Palestrante: MS Fernanda Ferreira Canfield da Luz

Horário: 19h30min às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em: <http://bit.ly/1ALM3pb3>

METRÓPOLES - Da fábrica à metrópole: resistências e governo da vida

Palestrante: Prof. Dr. Giuseppe Cocco - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Horário: 19h45min às 22h

Local: Auditório Central

Saiba mais em: <http://bit.ly/18UBQjt>



64



METRÓPOLES - Minha casa, minha metrópole? Mudanças urbanas e a gestão democrática das cidades e vidas

Palestrante: Profa. MS Lucimar Siqueira - Observatório das Metrôpoles/Núcleo Porto Alegre

Horário: 19h45min às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em: <http://bit.ly/1Eb2IJf>

IHU Ideias - A não fronteira entre realidade e ficção na narrativa jornalística – o caso do JN

Palestrante: MS João Vitor Santos - jornalista Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU



METRÓPOLES - O trabalho da metrópole: transformações biopolíticas e a virada do comum na conjuntura brasileira

Palestrante: Prof. Dr. Bruno Cava - Universidade Nômade - UniNômade

Horário: 19h45min às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em: <http://bit.ly/1M6G85j>

Siga nossas Redes Sociais

Facebook

Twitter

Blog

Instagram

 bit.ly/ihuon

 [instagram.com/_ihu](https://www.instagram.com/_ihu)

 twitter.com/_ihu

 unisinos.br/blogs/ihu

TEOLOGIA PÚBLICA

Jacques Dupuis: a honradez de uma teologia livre

Para Dupuis, que nunca conseguiu ensinar o que não pensa, nada era mais legítimo do que exercer o direito de manter “uma distinta percepção da mesma fé num contexto diverso”

Por Faustino Teixeira

Faustino Teixeira é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora - PPCIR-UFJF, pesquisador do CNPq e consultor do ISER-Assessoria. É pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Entre suas publicações, encontram-se *Teologia e pluralismo religioso* (São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012); *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas* (Petrópolis: Vozes, 2009); *Ecumenismo e diálogo inter-religioso* (Aparecida do Norte: Santuário, 2008); *Nas teias da delicadeza: Itinerários místicos* (São Paulo: Paulinas, 2006); *No limiar do mistério. Mística e religião* (São Paulo: Paulinas, 2004); e *Os caminhos da mística* (São Paulo: Paulinas, 2012). Recentemente publicou, em coautoria com Renata Menezes, *Religiões em Movimento. O Censo de 2010* (Petrópolis: Vozes, 2013).

Eis o artigo.

Em preciosa obra sobre a sobrevivência da teologia na cultura contemporânea (*A teologia no exílio. Vozes, 2006*), Christian Duquoc sublinha que os teólogos só firmam sua credibilidade quando ousam “pensar por si mesmos”, seguindo uma exigência de Kant. Vivemos novos tempos, e os teólogos são provocados a assumirem a “liberdade de suas opções”. A trajetória intelectual de Jacques Dupuis (1923-2004) é um exemplo vivo dessa nova perspectiva de reflexão. Estamos diante de uma das mais honradas figuras da teologia católica na transição do século.

Estamos vivendo tempos novos e arejados no pontificado de Francisco, mas as décadas anteriores foram mais sombrias na conjuntura eclesial. O caso Dupuis é um exemplo vivo das difíceis tensões que a teologia viveu na sua busca de liberdade e inserção autêntica no tempo. Com a recente publicação da obra organizada por William R. Burrows, *Por que não sou herético* (EMI, 2014), abre-se a oportunidade para Dupuis “responder a seus críticos na forma que lhe foi negada durante a sua vida”.

Foi o caminho encontrado pelo amigo e editor inglês de suas obras para ampliar e divulgar a preciosa reflexão do teólogo belga.

O livro apresenta-se dividido em quatro capítulos, dois dos quais (II e III) dedicados a apresentar os pontos de vista de Jacques Dupuis sobre a Declaração Dominus Iesus (CdF, agosto de 2000) e sobre o processo movido contra ele desde setembro de 1998, culminado na Notificação crítica sobre seu livro, em fevereiro de 2001: *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso* (1997). Os outros dois capítulos (I e IV), de autoria de W. Burrows, apresentam o ponto de vista de seu editor inglês sobre o processo sofrido por Dupuis por parte da CdF e a Notificação que se seguiu. Para ajudar o leitor, as referências das páginas do livro seguirão em parêntesis.

No capítulo introdutório, W. Burrows apresenta de forma sintética a vida e obra de Dupuis, culminando na polêmica que envolveu o seu pensamento com a Congregação para a Doutrina da Fé (CdF). Na visão de seu editor, Dupuis era antes de tudo um homem de igreja, que se dedicou integralmente ao serviço dos jesuítas, por cinquenta e três anos, dos quais trinta e seis vividos na Índia. E essa experiência missionária foi decisiva, como ele mesmo relata em depoimento de 2003: “A minha exposição à realidade indiana foi a maior graça que pude receber de Deus com respeito à minha vocação de teólogo e professor”. Sua presença na Índia remonta aos anos de 1948. Ali segue seus



As reações de Dupuis diante das acusações da CdF foram sempre muito claras e diretas, como expressou a Burrows numa conversa telefônica: “Se tivesse dito, querido dizer ou acreditado no que eles me atribuíam, seria em verdade um herético. Mas não o fiz”.

estudos de teologia, complementados em Roma, bem como sua ulterior tarefa no magistério teológico, começada em Kurseong e concluída em Nova Deli (Vidyajyoti Institute of Religious Studies).

A transferência para Roma ocorreu em 1984, por sugestão do padre geral dos jesuítas, Pedro Arrupe (1907-1991), que tinha grande apreço pelo trabalho de Dupuis. Assume então a tarefa de professor na Pontifícia Universidade Gregoriana. Curioso o que ocorreu. Na Índia, Dupuis era considerado muito prudente, tanto para os seminaristas quanto para os teólogos jesuítas locais. Também para Panikkar, Dupuis vinha identificado como um teólogo “ocidental e conservador”. E ao chegar a Roma e iniciar suas atividades ali, passa a ser considerado “muito radical”, identificado agora como “um símbolo do progressismo e da abertura” (35).

O trabalho de Dupuis na Gregoriana foi coberto de sucesso. Seus cursos e seminários estavam sempre cheios e inúmeras as solicitações de orientação (37). Assumiu também a direção da revista Gregorianum, que ficou 18 anos sob sua responsabilidade (1985-2003). Vale também recordar o seu trabalho de consultor do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso (39-40), tendo sido um dos principais responsáveis pela redação de um dos mais abertos documentos pontifícios sobre o tema do diálogo do cristianismo com as religiões, denominado Diálogo e Anúncio (1991).

O processo canônico movido contra Dupuis foi iniciado em 26 de setembro de 1998, através de carta do cardeal Ratzinger (então prefeito da CdF) endereçada ao superior dos jesuítas, padre Peter Hans Kolvenbach. A razão de tudo isso era o livro publicado por Dupuis em 1997, Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso. Por decisão da CdF, em reunião ocorrida em junho de 1998, o livro torna-se objeto de contestação, e segundo a avaliação da assembleia ordinária de seus membros, a obra do teólogo belga apresentava “graves erros e ambiguidades doutrinárias

sobre a doutrina da fé católica a propósito da revelação, da soteriologia, da cristologia e trindade” (64).

Seguiu-se um processo extremamente doloroso para Dupuis, tendo que responder às diversas indagações do dicastério romano. Inúmeras páginas de questões foram lançadas a ele, que respondeu longamente, em ocasiões distintas: foram 188 páginas na resposta ao primeiro documento e 60 páginas para a outra série de indagações lançadas. Tudo isso seguido de um doloroso silêncio. As respostas dadas por Dupuis foram julgadas insatisfatórias pela CdF e o processo resultou na Notificação de seu livro, cujo texto definitivo veio publicado em 27 de fevereiro de 2001 no jornal L’Osservatore Romano (125).

A tensa situação não impediu Jacques Dupuis de publicar um novo livro, em 2001, com o título: O cristianismo e as religiões (Queriniana). A autorização de publicação (imprimi potest) vinha dada pelo vice-reitor da Pontifícia Universidade Gregoriana, o padre Francisco J. Egaña, e o prefácio do livro foi escrito pelo teólogo Luigi Sartori.

O livro de Dupuis não continha muita novidade. Retomava os temas de seu livro anterior, de forma agora mais breve e prática, sem tantas notas, visando sobretudo o público geral. Mas sem dúvida isso passou despercebido para a CdF e talvez mesmo para os superiores jesuítas, como dá a entender Burrows na introdução do último livro de Dupuis. E ele relata a reação de Dupuis: “Dupuis disse ter provado uma certa delectatio amorosa (prazer perverso) ao constatar que seus inquisidores da CdF não sabiam que seu novo livro estava em vias de ser publicado” (15).

As reações de Dupuis diante das acusações da CdF foram sempre muito claras e diretas, como expressou a Burrows numa conversa telefônica: “Se tivesse dito, querido dizer ou acreditado no que eles me atribuíam, seria em verdade um herético. Mas não o fiz” (15). O teólogo belga esteve sempre muito seguro de sua posição, e ciente de seu domínio da dogmática católica. Movia-se pela convicção de que conhecia a

tradição dogmática católica melhor do que seus dilectantes, e tinha firmeza e tranquilidade sobre a sua fé: “Se eu sou um herético, então também o é João Paulo II” (59). Há que lembrar que Dupuis, junto com J. Neuner, estava trabalhando com afinco na sétima edição de uma grandiosa obra, com mais de 11.000 páginas, sobre a dogmática católica: *Christian Faith in the Doctrinal Documents of the Catholic Church* (Alba House, 2001).

Dois personagens curiais tiveram grande importância no processo movido contra a obra de Jacques Dupuis: Tarcisio Bertone e Angelo Amato. O primeiro era então secretário da CdF e o segundo, consultor do dicastério. Os dois eram salesianos, e tiveram um papel importante na redação seja da *Dominus Iesus* como da Notificação crítica da obra de Dupuis (24).

Na visão de Burrows, os dois preladados falharam em seu trabalho de assessoria ao cardeal Ratzinger, contaminando a correta visão teológica de Dupuis. Se nos damos conta da obra publicada sob a orientação de Angelo Amato (quando secretário da CdF), em 2006, com diversos documentos da CdF publicados entre os anos de 1966 e 2005, o clima da introdução geral da obra - por ele assinada - já indica a dificuldade com a teologia das religiões: “Para desenvolver a sua tarefa a CdF teve que intervir por diversas vezes nesses anos no confronto de alguns teólogos que, com suas doutrinas errôneas, causavam grande escândalo aos fiéis e turbamento no inteiro corpo eclesial” (CdF - Documenta Inde a Concilio Vaticano Secundo expleto edita).

No colóquio pessoal com Ratzinger, em setembro de 2000, a impressão causada a Dupuis, era que o prefeito da CdF não tinha compreendido bem os detalhes de sua teologia, ou então estava mal informado a respeito. E o livro de Dupuis já tinha sido publicado em três línguas (italiano, francês e inglês), em editoras de grande relevo. Nesta reunião, Ratzinger levanta uma questão a Dupuis: “O senhor estaria disposto a declarar que seu livro deve ser compreendido à luz de nossa Declaração *Dominus Iesus*?”. Ao que respondeu Dupuis: “Eminência, temo que o senhor esteja pedindo muito de mim”.

A resposta revela a liberdade teológica de Dupuis no confronto das autoridades católicas. O que vale, em primeiro lugar, é a honradez de sua teologia, o direito de sua cidadania teológica. Para Dupuis, que nunca conseguiu ensinar o que não pensa, nada era mais legítimo do que exercer o direito de manter “uma distinta percepção da mesma fé num contexto diverso”. Por isso se bateu toda a vida. Ele dirá no *post scriptum* de sua obra sobre *O cristianismo e as religiões*: “Afir-

mações absolutas e exclusivas sobre Cristo e sobre o cristianismo, que reivindicassem a posse exclusiva da auto-manifestação de Deus ou dos meios de salvação, distorceriam e contradiriam a mensagem cristã e a imagem cristã”.

Os dois capítulos de Dupuis publicados postumamente na obra editada por William Burrows foram escritos com o propósito de publicação na obra *O cristianismo e as religiões*, como um posfácio. Isso não ocorreu em razão de proibição de seus superiores, diante do clima tenso que marcava o período. Segundo Burrows, não seria interessante para a ordem dos jesuítas um ataque mais direto à *Dominus Iesus*, num momento em que reações muito negativas ao documento da CdF se irradiavam e outros religiosos da ordem estavam sendo investigados: Jon Sobrino e Roger Haight (60). Os dois capítulos com a reflexão de Dupuis abordavam sua reação tanto com respeito à *Dominus Iesus* (DI) como ao seu processo e a Notificação que se seguiu. O que expressam, na verdade, é a reafirmação de seus principais argumentos teológicos, já defendidos na sua obra de referência, envolvendo sua defesa de um pluralismo inclusivo.

As reservas de Dupuis a respeito da DI são bem precisas. Com respeito à visão cristológica, Dupuis retoma os argumentos clássicos de sua reflexão. A seu ver, a reivindicação da unicidade e universalidade de Jesus Cristo não reduz o espaço para uma teologia “aberta” das religiões. Defende a plenitude da revelação de Deus em Jesus Cristo, entendida porém como uma “plenitude qualitativa” e não “quantitativa”, o que significa manter aberto o mistério de Deus que “permanece escondido para ser manifestado plenamente no escatón” (71).

Dupuis, por diversas vezes, reage ao risco do cristomonismo presente na *Dominus Iesus*, que é recorrente na tradição latina, implicando numa excessiva concentração cristocêntrica do mistério da salvação e encobrendo sua fundamental dimensão trinitária (90 e 143). A perspectiva trinitária é um dos traços essenciais da reflexão de Dupuis: “Deus Pai é aquele que fundamentalmente salva; Jesus Cristo é, na humanidade e no percurso histórico de sua vida, morte e ressurreição humana, o sacramento primordial da ação salvífica de Deus; o Espírito Santo torna o valor salvífico do evento-Cristo presente e atual em todo tempo e lugar” (153).

Jacques Dupuis é bem claro em sua argumentação. Evita atribuir a Jesus Cristo o caráter de “salvador absoluto”. E isto por uma razão muito óbvia. Trata-se de um atributo que se reserva à Realidade última ou ao Ser Infitito, não podendo incidir sobre nenhuma

“
Jacques Dupuis é bem claro em sua argumentação. Evita atribuir a Jesus Cristo o caráter de “salvador absoluto”.”

realidade finita, aqui incluída a existência humana do Filho-de-Deus-feito-homem. Para Dupuis é Deus mesmo e não Jesus Cristo em sua humanidade “a suma e original fonte da revelação e da salvação”. Somente a Deus pode ser atribuído o qualificativo de Revelador e Salvador absoluto (96 e 139). Tanto a Exortação apostólica Evangelii nuntiandi (EN 8) como a encíclica Fides et ratio (FR 80) acentuam essa ideia de Deus (ou de seu Reino) como único absoluto. Aplicar a Jesus o traço de “mediação fundamental” da salvação, como indicado na DI, é um limite. A fonte fundamental ou causa primeira “é Deus Pai; Jesus Cristo age enquanto mediador entre Deus e a humanidade no nome e sob a iniciativa do Pai. Em última análise, é de Deus que derivam os elementos de verdade e bondade presente nas tradições” (139).

Como a revelação de Deus em Jesus Cristo não exaure o inteiro mistério de Deus, isto tem repercussões vivas na relação do cristianismo com as outras religiões. O Concílio Vaticano II manteve muita prudência a esse respeito, buscando resguardar um lugar reservado ao mistério de Deus e reconhecendo a legitimidade de caminhos que só Deus conhece (GS 22 e AG 7). Dupuis busca seguir esta mesma trilha, salvaguardando o direito e a dignidade das diversas tradições religiosas, também portadoras de “verdade e graça” (AG 9). Daí sua reação crítica à Dominus Iesus quando estabelece uma distinção entre fé e crenças (DI 7).

Para Dupuis, trata-se da expressão mais desdenhosa da Declaração da CdF. Equivale a estabelecer uma rígida separação entre a fé divina, específica do cristianismo, e as crenças religiosas, reduzidas a meras opiniões humanas. Uma posição que acaba sendo ofensiva com todas as outras tradições religiosas, incluindo o judaísmo e o islã (108). Em sua reação crítica a tal distinção, assinala Dupuis: “Em verdade, o texto indica que, enquanto a nossa fé cristã no Deus que se revelou a Abraão e declarou seu nome a Moisés é fé teologal, a mesma coisa quando é professada pelos judeus é somente uma crença humana? E João Paulo II talvez tenha se equivocado quando, em agosto de 1985, disse a milhares de jovens muçulmanos em Casablanca: ‘Nós acreditamos no mesmo Deus, o único Deus, o Deus vivente, o Deus que criou o mundo e leva as suas criaturas à perfeição’? Ou então queria dizer que aquilo que é fé divina para nós cristãos é, para os muçulmanos, só uma opinião humana? Não há nenhuma justificação bíblica para refutar a extensão da fé divina para os membros das outras religiões” (77).

Uma tal perspectiva, também assumida pela Comissão Teológica em seu documento sobre O cristianismo

e as religiões (1997), acaba por reforçar o tradicional axioma Extra ecclesiam nulla salus (77, 98 e 100). O que a distinção entre fé teologal e crenças ajuda a manter é em realidade uma teologia do acabamento. As outras tradições religiosas ficam reduzidas à condição de “marcos de espera”. A Dominus Iesus confina as outras religiões a mera “ocasiões” ou “pedagogia” para o passo decisivo de sua inserção no cristianismo. Elas “falam de Deus” ou “sobre” Deus, mas somente na religião cristã, portadora de fé teologal, “é Deus mesmo quem fala”. Constituem, na verdade, uma “preparação evangélica”, estimulando o coração de homens e mulheres para a abertura à ação de Deus (108 e 109).

Com respeito ao papel exercido pela igreja no plano da salvação, Dupuis assinala que esta atuação não implica, necessariamente, “uma atividade de mediação universal da graça” com respeito aos membros das outras tradições religiosas. É o que revela, por exemplo, o documento Diálogo e Anúncio, da Pontifícia Comissão para o Diálogo Inter-Religioso, em seu número 29. Os participantes de outras tradições reli-

giosas acolhem ao convite de Deus sem necessariamente recorrer à igreja, mas mediante o exercício da fé e do amor. É “através da prática daquilo que é bom nas suas próprias tradições religiosas, e seguindo os ditames da sua consciência, que os membros das outras religiões respondem afirmativamente ao convite de Deus” (DA 29). Isso em verdade significa reconhecer que “os elementos de verdade e de graça presente nas tradições podem ser os canais mediante os quais Deus alcança seus membros com a sua salvação” (153 e 154).

Nada mais problemático do que restringir a dignidade das outras tradições religiosas, assinalando que elas “objetivamente se encontram numa situação gravemente deficitária, se comparada com a daqueles que na Igreja têm a plenitude dos meios de salvação” (DI 22). Isso é o que mais irrita a Dupuis, e a todo e qualquer teólogo que busca levar a sério a dignidade das outras tradições religiosas. Trata-se de algo que objetivamente ofende aos outros, revelando uma perspectiva teológica curta e ensimesmada.

Como assinala Dupuis, o conceito de salvação apresentado pela DI revela um encurtamento de horizontes, reiterando seu traço exclusivo de consciência da verdade. O que permanece ausente, e que é essencial, é o traço do amor, do agape. E esse é o traço fundamental apontado por Jesus para indicar o caminho da salvação (Mt 25,31-46 e 1 Jo 4,16). O que fundamentalmente conta para a salvação, sublinha Dupuis, não é o acesso à plenitude da verdade, nem o benefi-

“
Para Dupuis é Deus mesmo e não Jesus Cristo em sua humanidade “a suma e original fonte da revelação e da salvação”.

ciamento dos meios de salvação confiados por Jesus à igreja, mas o exercício do amor (115).

Todo o trabalho exercido por Jaques Dupuis ao longo de sua vida foi em favor do diálogo entre as religiões, entendido como um caminhar em comum visando o horizonte maior do Mistério, que a todos escapa. Foi igualmente uma busca de aprofundamento da compreensão do mistério de Cristo. Esta foi sua “paixão constante”, como ele mesmo sublinhou (38). Mas nesse caminho encontrou muitas dificuldades e resistências, talvez em razão de dificuldades precisas de setores da igreja católica em acolher uma perspectiva mais arejada e ousado do cristianismo. Depois de iniciado o processo contra ele, viu crescer ao seu redor as resistências ao seu pensamento, mesmo entre alguns colegas da Gregoriana.

Algumas exceções devem ser destacadas, como a do companheiro e amigo, Gerald O’Collins, que sempre o defendeu com ardor e empenho.

É algo muito duro para um teólogo movido por grande amor à igreja, ver sua obra rechaçada e incriminada como desviante. Ao longo de sua reflexão, sublinha que se enrubesce só de imaginar que sua obra poderia causar dano aos seus leitores (156). Muito humilhante para ele ter que vivenciar no final de sua carreira acadêmica, aos 74 anos de idade, atitudes hostis que o impediam de continuar a exercer o seu trabalho na Gregoriana (28 e 29); bem como a irradiação nos meios de comunicação de artigos que incriminavam a sua reflexão teológica. Tudo isso somado acabou produzindo nele uma depressão que se aprofundou no final da vida (60 e 61), levando-o a morte antes do tempo, em 28 de dezembro de 2004.

LEIA MAIS...

- **Cristologia, autodefesa de Dupuis.** Artigo de Carlo Molari. Artigo publicado em Notícias do Dia, no sitio IHU, em 26-02-2015, disponível em <http://bit.ly/1OCEASL>;
- **O legado de Teresa e Merton - Por uma conexão entre o amor humano e o espiritual.** Entrevista com Faustino Teixeira, publicada na edição 460 da IHU On-Line, de 16-12-2014, disponível em <http://bit.ly/17gn8Cb>;
- **Um olhar sobre o conflito de Dupuis com o Vaticano.** Artigo de Gerald O’Collins, publicado em Notícias do Dia do sitio IHU, em 27-02-2014, disponível em <http://bit.ly/1xk5x8r>;
- **O caso Dupuis, o último “herege” banido pelo Vaticano.** Artigo de Giancarlo Bosetti, publicado em Notícias do Dia do sitio IHU, em 09-12-2014, disponível em <http://bit.ly/1zZ55c4>;
- **Cristão e aberto ao pluralismo: a teologia de Dupuis.** Artigo de Roberto Timossi, publicado em Notícias do Dia no sitio IHU, em 05-12-2014, disponível em <http://bit.ly/1BPIY6W>;
- **Diálogo entre as religiões. A “Dominus Iesus” de novo sob acusação.** Reportagem de Chiesa.it, publicada em Notícias do Dia no sitio IHU em 14-01-2015, disponível em <http://bit.ly/19YkB1f>;
- **O absoluto é Deus, e o coabsoluto são os pobres.** Entrevista com Jon Sobrino, publicada em Notícias do Dia no sitio IHU, em 29-09-2012, disponível em <http://bit.ly/1FQYbMG>;
- **A causalidade de Deus e a causalidade do mundo.** Roger Haight debate o Deus de “dentro” da história. Reportagem publicada em Notícias do Dia no sitio IHU, em 06-10-2012, disponível em <http://bit.ly/1HRhVAy>;
- **O pluralismo religioso no coração da teologia.** Entrevista com Faustino Teixeira, publicada na edição 398 da IHU On-Line, de 13-08-2012, disponível em <http://bit.ly/1xEXcfO>;
- **Cristologia, autodefesa de Dupuis.** Artigo de Carlo Molari, publicado em Notícias do Dia do sitio IHU, em 26-02-2015, disponível em <http://bit.ly/1OCEASL>;
- **Unidade das religiões na complementaridade: a teologia de Jacques Dupuis.** Artigo de Christian Albin, publicado em Notícias do Dia do sitio IHU, em 11-12-2014, disponível em <http://bit.ly/193T5hU>.

PUBLICAÇÕES

O grito de Jesus na cruz e a eloquência do silêncio de Deus: Reflexões teológicas sobre Marcos 15,33-39

Cadernos Teologia Pública

O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus.

Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39

Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher

ISSN 1807-0590 • ano XI • número 89 • volume 11 • 2014

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



JESUITAS

UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

Cadernos Teologia Pública em sua 89ª edição traz entrevistas realizadas pelo IHU com os teólogos Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Dreher.

A reflexão sobre o significado e as ressonâncias teológicas do grito de Jesus na cruz – “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15,37) – é um desafio sempre atual para a fé e a teologia cristã em função das muitas manifestações do mal, do sofrimento, da injustiça e da violência no mundo. A presente edição dos Cadernos Teologia Pública reúne três entrevistas inéditas realizadas pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU. A partir de diferentes contextos socioculturais, a teóloga canadense Francine Bigaouette (Curso de Teologia do Seminário da Diocese de Chosica/Peru) e os teólogos Alexander Nava (Universidade do Arizona/EUA) e Carlos Dreher (Escola Superior de Teologia, São Leopoldo/Brasil) desenvolvem reflexões teológicas sobre o significado do grito de Jesus na cruz em perspectivas distintas, porém complementares, na apresentação de uma resposta da teologia cristã à realidade do mal e do sofrimento.

A versão on-line da 89ª edição do **Cadernos Teologia Pública** pode ser acessada através do link <http://bit.ly/1GtNPBr>.

Esta e outras edições dos Cadernos Teologia Pública podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. As versões on-line estão disponíveis em <http://bit.ly/1kxEWJU>.



Siga-nos no
instagram

@_ihu

https://instagram.com/_ihu/



LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

SALA DE CINEMA

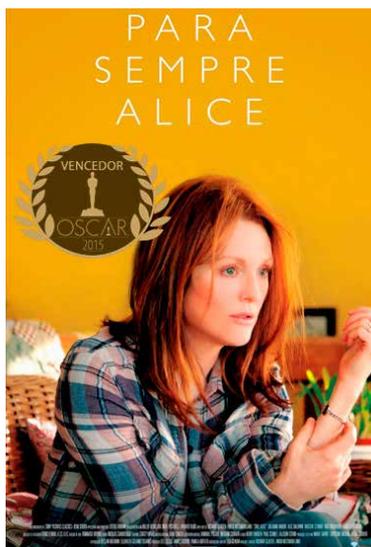
O presente sem sombras e o Alzheimer em 'Para sempre Alice'

A questão em jogo não é a morte que chega pela falência dos órgãos, mas a vida que se vai pela perda de si própria, pela perda das referências, pelo fim da memória

Por Ricardo Machado

Imagine o seu cérebro como uma espécie de dicionário em que você diariamente consulta palavras e seus significados. Agora imagine que você está diante de uma cruzadinha, dessas que não há pistas, apenas o quadriculado com os números, e ao lado uma lista com enigmas que você deve decifrar, assim do zero, sem nenhuma referência, mas quando consulta seu dicionário mental descobre que ele se tornou um livro cheio de páginas em branco. Em linhas gerais, esta é a história de **Para sempre Alice**, filme dirigido por Richard Glatzer e Wash Westmoreland, que rendeu a Julianne Moore o Oscar (além de outros tantos prêmios) de Melhor Atriz em 2015.

Tendemos, por fanfarronice ou puro desespero, tratar dos nossos esquecimentos cotidianos de forma engraçada, inventamos diversos chistes para rirmos de nós mesmos



O filme de Richard Glatzer retrata o drama da doença que vai apagando as memórias.

e lidarmos com as falhas de nosso cérebro. Mas Alice Howland, a personagem interpretada por Julianne, não faz assim, desespera-se ao se dar conta que não sabe voltar para casa depois de uma corrida na universidade onde leciona. Alice é uma linguista reconhecida que descobre, durante uma conferência, sinais de esquecimento ao não se recordar, por exemplo, da palavra "léxico", o que neste caso não deixa de ser emblemático. A descoberta do Alzheimer precoce por parte da personagem ocorre em um momento paradoxal, justamente quando ela parece atingir o auge de sua carreira, sua mente começa a declinar à morte.

A questão em jogo, no entanto, não é a morte que chega pela falência dos órgãos, mas a vida que se vai pela perda de si própria, pela perda das referências, pelo fim da memória, por um presente que se torna uma espécie de corpo sem a sombra do passado. O interessante das histórias, sejam elas cinematográficas ou literárias, é aquilo que teoricamente chamamos de "conflito", algo que está ali, que nos move a viver o drama dos personagens, mas que não se resolve, nem para nós, nem para eles. É nessa tensão, de quem percebe o passado escorregar por entre lugares (Alice não encontra o banheiro de casa) e pessoas (há um momento em que ela não reconhece a filha) que o drama se desdobra.

Para sempre Alice não é um exercício fílmico muito sofisticado. No entanto, há que se levar em conta que Richard Glatzer, um dos dire-

Still Alice

Ano produção: 2014

Direção: Richard Glatzer e Wash Westmoreland

Roteiro: Lisa Genova (livro), Richard Glatzer, Wash Westmoreland

Elenco Principal: Julianne Moore, Kristen Stewart, Alec Baldwin, Kate Bosworth



tores da obra, descobriu em 2011, no começo das gravações, que sofria de esclerose lateral amiotrófica, doença que afeta os neurônios responsáveis pelos movimentos do corpo e causa a perda do controle muscular. Quando Julianne Moore recebeu a estatueta, em 22 de fevereiro, Glatzer estava internado e assistiu a cerimônia junto com seu marido e também diretor do filme Wash Westmoreland. No dia 11 de março, um dia antes da obra estrear no Brasil, Glatzer morreu.

A despeito da simplicidade estética em que o filme funciona, Julianne consegue traduzir de maneira competente e profunda as complexidades em torno da falta de memória, tema que insistimos em abordá-lo pela tangente, quase sempre em um riso amarelado de uma piada sem graça. Por outro lado Para sempre Alice é um filme sobre o Mal de Alzheimer em se que prefere tratar da questão de fundo sem analgésicos audiovisuais, e é tão duro e "desumanamente" humano quanto caminhar sob o sol de 40 graus e não ter diante dos pés a própria sombra, senão apenas o suor do presente sobre a testa.

Sala de Leitura

LETELIER, Hernán Riveira. *A contadora de filmes*. São Paulo: Cosacnaify, 2012, 112 p.

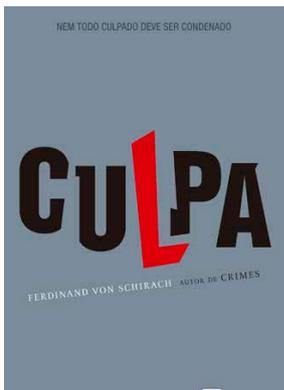
É um livro perfeito para se ler em um ou dois dias. Na verdade, o leitor quase deveria o livro, pois a trama é muito envolvente. Trata-se da história de Maria Margarita, filha mais moça de uma família de mineiros, no deserto chileno do Atacama, que é apaixonada por cinema. Todos os domingos, ela e demais moradores da cidade se encantam com os filmes e tornam o cinema um espaço para conviver. Como seu pai sofre um acidente, a renda da família diminui drasticamente e só um dos filhos será o escolhido para ir ao cinema. Sua missão será, mais tarde, contar a história do filme para os demais. Ao ser a escolhida, Margarita mostra um talento incrível como narradora, e seus relatos passam a ser mais interessantes do que os próprios filmes. No início, o livro é doce e leve, mas com o passar do tempo, com a chegada da televisão e o golpe militar de Pinochet, misturados ao momento pessoal conflituoso que é a passagem da adolescência para a idade adulta da menina, fazem com que a história se torne densa e dolorida.



Thais Furtado é coordenadora do Curso de Jornalismo na Unisinos Porto Alegre e Coordenadora da Agência Experimental de Comunicação (Agexcom).

74

SCHIRACH, Ferdinand von. *Culpa*. Rio de Janeiro: Record, 2014, 176 p.



Por mais que venhamos a estar de férias, um dia elas acabam. Mas mesmo nas férias as leituras relacionadas ao nosso estudo e profissão acabam por se fazer presentes. Claro que a proposta de Ferdinand von Schirach não é apresentar um texto acadêmico sobre os temas do direito penal. Pelo contrário. A mescla entre o real, o técnico e o ficcional acabam sendo elementos trabalhados com maestria pelo autor que é advogado e apresenta em todos os seus textos um pouco da sua profissão, sem com isso ser maçante. Uma leitura que, para os iniciados no direito penal, acaba por se mostrar altamente recomendada, não apenas para todos aqueles que estudam direito penal na universidade, mas também para todos aqueles curiosos que observam os impasses, incertezas e surpresas que casos criminais sempre despertam em qualquer pessoa. O tema de fundo de todos os textos é sempre a indagação a respeito do sentido e da necessidade de punição de uma pessoa juridicamente reconhecida como culpada. Em suma, uma leitura muito agradável e instigante, tal qual o período de férias costuma requerer.

Tomás Grings Machado coordenador do curso de Direito da Unisinos.

Retrovisor

Releia algumas das edições já publicadas da IHU On-Line

A economia e o paradoxo da felicidade

Edição 454 - Ano XIV - 15-09-2014

Disponível em <http://bit.ly/1BMCENq>

A imposição do econômico, a cultura do ter, adquirir, consumir para se tornar cidadão, sobre todas as dimensões da vida humana é que nos faz questionar sobre a felicidade. O Paradoxo da Felicidade evidencia que não há uma relação direta entre o enriquecimento de um país e a felicidade dos que nele vivem. Erigir o Produto Interno Bruto - PIB como categoria e critério de uma política econômica é um engano. Uma economia que está a serviço da sociedade e da pessoa humana exige outras categorias e critérios que levem em conta a felicidade dos seres humanos. É nesse cenário que o debate se dá nesse número da revista que conta com as contribuições de Castor Bartolomé Ruiz, Hervé Kempf, John Ralston Saul, Cláudio Oliveira da Silva, Richard Easterlin e Stefano Zamagni.

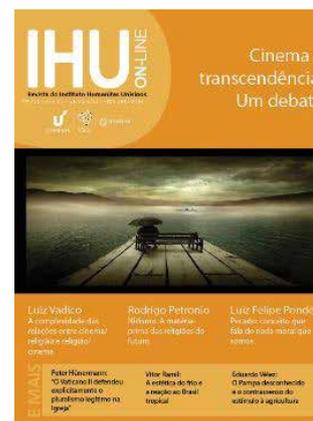


Cinema e transcendência. Um debate

Edição 412 - Ano XII - 18-12-2012

Disponível em <http://bit.ly/1E0w7FQ>

Pasolini, Bergman, Lars von Trier, Malick, Cameron, diretores de obras como o clássico *O Evangelho segundo São Mateus* até o futurista *Avatar*, passando por importantes diretores indianos, japoneses, chineses e coreanos, são alguns nomes do panorama cinematográfico debatido nessa edição da IHU-On-Line. Tendo como cenário o final de ano de 2012, o número discute os diferentes e controversos modos de presença da transcendência no cinema contemporâneo. Entre os entrevistados que propõem uma reflexão acerca do tema estão: Andreia Vasconcellos, Faustino Teixeira, Flávia Arielo, José Abílio Perez, Júlio César Adam, Luiz Vadico, Rodrigo Petronio e Luiz Felipe Pondé.

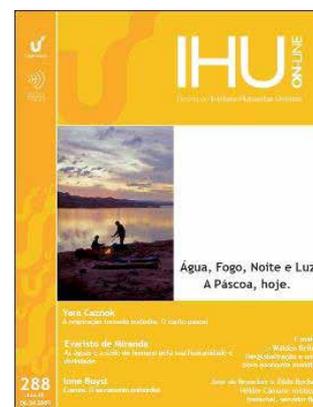


Água, Fogo, Noite e Luz. A Páscoa, hoje

Edição 288 - Ano IX - 06-04-2009

Disponível em <http://bit.ly/1y8ilo5>

Num momento em que se fala de crise e se busca uma saída, a leitura desse número publicado em outro período pascal pode ser inspirador. Água, Fogo, Noite e Luz são símbolos pascais. Eles apontam para o "sacramento primordial" que é o cosmos. Cosmos que vibra com a vitória do Cristo, que se levanta da morte, na manhã da Ressurreição. A vitória da vida sobre a morte é a grande mensagem pascal. Essa edição buscou aprofundar a compreensão do mistério pascal apelando para o cinema, a música, a ciência, a literatura, a reflexão teológico-espiritual. Enfim, uma verdadeira mistagogia. As entrevistas desse número que contribuem para a reflexão são com Evaristo de Miranda, Luiz Vadico, Yara Cznok, Ione Buyst, Leomar Brustolin, Hans Küng e Antonio Cechin.





50 ANOS
CONCÍLIO VATICANO II

A IGREJA
NO CONTEXTO DAS
TRANSFORMAÇÕES
TECNOCIENTÍFICAS E
SOCIOCULTURAIS DA
CONTEMPORANEIDADE

19 A 21 DE MAIO DE 2015
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: WWW.IHU.UNISINOS.BR

O Instituto Humanitas Unisinos - IHU realiza no período de 19 a 21 de maio o **II Colóquio Internacional IHU - O Concílio Vaticano II: 50 anos depois**. Mais informações em <http://bit.ly/1BnsSRU>.

Metrópoles - Governo da vida e o comum

A formação e expansão das grandes cidades exige paradigmas complexos para compreendermos nossos desafios atuais. O processo de "metropolização" em que estamos inseridos pode ser visto enquanto uma das características mais importantes do processo de urbanização. Juntamente a isso há a multiplicação de estudos acerca de diversos aspectos das dinâmicas metropolitanas, somados a diferentes abordagens teóricas e metodológicas. Nesse contexto se insere o *Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governo da vida e o comum*, uma vez que busca debater as metrópoles de forma transdisciplinar, partindo de diferentes abordagens conceituais e metodológicas.

Mais informações em <http://bit.ly/1AL3beN>.

Saberes e Práticas na Constituição dos Sujeitos

O Instituto Humanitas Unisinos - IHU realiza o *V Colóquio Latino-Americano de Biopolítica, o III Colóquio Internacional de Biopolítica e Educação e o XVII Simpósio Internacional IHU*. O evento é realizado juntamente com o PPG em Educação, PPG em Filosofia e o PPG em Saúde Coletiva da Unisinos e com o PPG em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Os dois Colóquios e o Simpósio Internacional IHU têm em comum o interesse de pesquisadores em problematizar práticas biopolíticas que produzem formas particulares de ser sujeito nas sociedades contemporâneas, levando em conta uma perspectiva transdisciplinar e biopolítica.

Mais informações em <http://bit.ly/1BWkcC7>.



twitter.com/_ihu



medium.com/@_ihu



youtube.com/ihucomunica



bit.ly/ihuon